

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FaE**

ANDRÉA LOMEU BELTRÃO

**O Museu dos Militares Mineiros e a valorização da memória do sujeito
bombeiro militar**

**Belo Horizonte
2020**

ANDRÉA LOMEU BELTRÃO

**O Museu dos Militares Mineiros e a valorização da memória do sujeito
bombeiro militar**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação e Docência.

Linha de Pesquisa: Educação em Museus e Divulgação Científica

Orientação: Prof^a. Dr^a. Sylvania Sousa do Nascimento

Belo Horizonte

B453m T Beltrão, Andréa Lomeu, 1985-
O Museu dos Militares Mineiros e a valorização da memória do
sujeito bombeiro militar [manuscrito] / Andréa Lomeu Beltrão. - Belo
Horizonte, 2020.
127 f. : enc, il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Sylvania Sousa do Nascimento.
Bibliografia: f. 83-89.
Apêndices: f. 90-127.

1. Museu dos Militares Mineiros -- Teses. 2. Corpo de
Bombeiros Militar de Minas Gerais -- Museus -- Teses. 3. Educação -
- Teses. 4. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses. 5. Bombeiros -
- Teses. 6. Memória -- Teses.

I. Título. II. Nascimento, Sylvania Sousa do, 1961-.
III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
CDD- 069

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



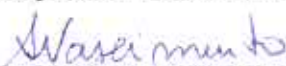
FOLHA DE APROVAÇÃO

**O Museu dos Militares Mineiros e a valorização da memória do
sujeito bombeiro militar**

ANDRÉA LOMEU BELTRÃO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Silvania Sousa do Nascimento - Orientador
UFMG


Prof(a). Jezulino Lucio Mendes Braga
UFMG


Prof(a). LANA MARA DE CASTRO SIMAN
UEMG

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por seu amor incondicional e por me permitir realizar tantos sonhos durante o intenso e surpreendente ano de 2019.

Ao Vitor, por seu amor, cuidado comigo e por sempre estar ao meu lado. Por enxugar as minhas lágrimas, ser meu maior incentivador e acreditar em mim, mesmo quando eu achava que não seria possível terminar esta jornada. Por viver comigo os meus sonhos e nunca deixar que eu desista deles.

Aos meus pais, Zilda e Aurimar, por me ensinarem sobre o poder transformador da educação. Por plantarem em mim a sementinha da paixão pelos museus e centros culturais e por sempre me incentivarem a expandir meus conhecimentos.

À Silvania, minha orientadora, por compartilhar comigo seus conhecimentos. Pela criatividade, conselhos, ensinamentos e por ter acreditado, juntamente comigo, na importância de descortinar memórias dos bombeiros militares de Minas Gerais.

Aos membros da banca pela generosidade em participar deste momento e contribuir para minha formação.

Ao Pedro Henrique que com sua criatividade e entusiasmo, conseguiu traduzir em seus desenhos, tudo o que eu queria propor para o Museu dos Militares Mineiros.

Aos membros da Confraria do Fogo que, gentilmente participaram desta pesquisa abriram seus baús de memória e compartilharam suas histórias comigo.

À Tenente-Coronel BM Luciana, Major BM Jordana, Tenente BM Fábio e Tenente BM Assumpção que compreenderam a valor deste trabalho e entenderam minhas ausências no trabalho.

Aos companheiros da EBM5 que, gentilmente, ouviram minhas ideias e minhas divagações sobre memória, Corpo de Bombeiros e museu.

Aos bombeiros militares pelo convívio e por, diariamente, me ensinarem sobre o valor da vida.

Aos funcionários do Museu dos Militares Mineiros e da Superintendência de Museus e Artes Visuais pelo companheirismo e por permitirem a execução deste trabalho.

À minha xará, Andréa Estanislau, pela amizade e por trilhar, ao meu lado, esses dois anos de mestrado. Por compartilhar comigo as dúvidas, anseios e ideias.

À Glacê, Dani, Mimi, Ray, Valente e Zuzu pela amizade e por, durante esta jornada, me proporcionaram as melhores válvulas de escape e as melhores gargalhadas que eu poderia dar!

A todos vocês, meu muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho visa valorizar a memória bombeiro militar no Museu dos Militares Mineiros (MMM) por meio do desenvolvimento de uma proposta de instalação que trabalha com fragmentos de falas de seis participantes da Confraria do Fogo, associação que reúne os bombeiros militares reformados ou da reserva. Fundado em março de 2014 pelo Governo do Estado de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Estado de Cultura (SEC-MG), esse equipamento cultural é dedicado às instituições militares mineiras. A coleção nele contida foi ponto de partida do presente estudo com intuito de promover um diálogo entre a instalação, objetos da memória afetiva dos entrevistados e a instituição museológica. Aplicamos uma abordagem interdisciplinar envolvendo aspectos históricos, epistêmicos e afetivos, para elaborar um protocolo de entrevista aos seis bombeiros militares reformados ou da reserva, lhes mobilizando memórias a respeito do ofício de bombeiro. Por meio de um quadro de narrativas, essas entrevistas foram analisadas e fragmentadas em um material auditivo que serviu de suporte para a proposta de instalação. Os fragmentos foram selecionados pela emergência de significados atribuídos aos temas, principalmente ligados ao corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes da carreira. O produto dessa investigação é o planejamento da instalação que poderá ser incorporada ao acervo do MMM, em um contexto de revisão de expografia.

Palavras-chaves: Memória. Corpo de Bombeiros Militar. Museu dos Militares Mineiros. Corpo. Expografia.

ABSTRACT

This work aims to enhance the military memory of bombing at the Museum of Military Miners (MMM) through the development of a facility that works with missing fragments of six participants of the Brotherhood of Fire, an association that brings together retired or reserve military firefighters. Founded in March 2014 by the Government of Minas Gerais, through the Secretary of State for Culture (SEC-MG), this cultural equipment is dedicated to the military institutions of Minas Gerais. The collection contained in it was the starting point of the present study in order to promote a dialogue between the installation, the subjects' affective memory objects and the museum institution. Applicable to an interdisciplinary approach involving historical, epistemic and affective aspects, to draw up an interview protocol for the six retired or retired military firefighters, mobilizing memories and respecting the firefighter's craft. Through a narrative chart, these interviews were analyzed and fragmented into an auditory material that supported a proposed installation. The fragments were selected by the emergence of meanings attributed to the themes related to the body, work artifacts, family and remarkable career facts. The product of this investigation is the installation planning that can be incorporated into the MMM collection in an expography revision context.

Keywords: Memory. Military Fire Department. Miners Military Museum. Body. Expography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Corredor do segundo pavimento do MMM – Fotos dos Bombeiros Militares.....	20
Figura 2 – Fachada do Museu dos Militares Mineiros.....	29
Figura 3 – Sala de Uniformes.....	31
Figura 4 – Corredor do segundo pavimento.....	32
Figura 5 – Exposição “Dos sinos ao 193”.....	33
Figura 6 – Entrevista Ten Dias.....	58
Figura 7 – Fotografia da ocorrência relatada no Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes da Carreira – Excerto 6.....	58
Figura 8 – Entrevista com Ten-Cel Simil.....	60
Figura 9 – Entrevista com Subten Antônio Mário.....	61
Figura 10 – Entrevista com Ten Geraldo.....	63
Figura 11 – Ten Geraldo no início da década de 1960.....	64
Figura 12 – Entrevista com Cel Celso.....	65
Figura 13 – Entrevista com Ten Érika.....	66
Figura 14 – Visão atual da Sala 6.....	71
Figura 15 – Visão da viga que divide a Sala 6.....	73
Figura 16 – Proposta de instalação – Planta Baixa.....	76
Figura 17 – Projeto Expográfico sala 6 – Visão a partir da entrada.....	76
Figura 18 – Projeto Expográfico sala 6 – Visão a partir do fundo.....	77
Figura 19 – Brasão do CBMMG.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFAS	Associação Feminina de Assistência Social e Cultura
APM	Academia de Polícia Militar de Minas Gerais
CAMG	Cidade Administrativa de Minas Gerais
CBMMG	Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais
Cel	Coronel
CFO	Curso de Formação de Oficiais
CFSD	Curso de Formação de Soldados
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EMBM5	5ª Seção do Estado-Maior, Assessoria de Comunicação Organizacional
FaE	Faculdade de Educação
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOMAM	Comitê de Museus de Armas e História Militar
IEPHA	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IGM	I Guerra Mundial
IIGM	II Guerra Mundial
MHPM	Museu Histórico da Polícia Militar de Minas Gerais
MMM	Museu dos Militares Mineiros
PMMG	Polícia Militar de Minas Gerais
RISP	Região Integrada de Segurança Pública
SEC-MG	Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais
Subten	Subtenente
SUMAV	Superintendência de Museus e Artes Visuais
Tem	Tenente
Ten-Cel	Tenente-Coronel
TJMMG	Tribunal de Justiça Militar de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UMMG	União dos Militares do Estado de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	18
1.1 Os museus a serviço da sociedade.....	18
1.2 Problematização.....	20
1.3.Objetivos.....	22
1.3.1Objetivo Geral.....	22
1.3.2 Objetivos específicos.....	22
1.4 A estrutura do trabalho.....	23
2. OS MUSEUS MILITARES	25
2.1 O Museu dos Militares Mineiros.....	29
2.2 Primeiro Pavimento (áreas de uso público).....	31
2.2.1 Segundo Pavimento (áreas de uso público e áreas de uso interno).....	32
2.2.2 Subsolo e área externa (áreas de uso público e áreas de uso interno).....	33
2.2.3 O Museu dos Militares Mineiros como lugar de memória..	35
2.2.4 O Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.....	37
3. CONHECENDO AS MEMÓRIAS DOS BOMBEIROS MILITARES	41
3.1 Procedimentos metodológicos.....	41
3.2 As entrevistas com os membros da Confraria do Fogo.....	45
3.3 A entrevista teste.....	46
3.4 Primeiras análises.....	47
4. O BAÚ DE MEMÓRIAS DOS MEMBROS DA CONFRARIA DO FOGO	51
4.1 Um corpo formado por muitos bombeiros.....	51
4.2 As seis entrevistas.....	53
5. UMA INSTALAÇÃO PARA O MUSEU DOS MILITARES MINEIROS	57
5.1 Os seis Confrades de Fogo.....	57
5.2 Algumas análises.....	66
5.3 Uma proposta de instalação para a Sala 6 do MMM.....	69

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXO A	91
ANEXO B	93
ANEXO C	94
ANEXO D	96
ANEXO E	98
ANEXO F.....	1
ANEXO G.....	3
ANEXO H.....	6
ANEXO I.....	15
ANEXO J.....	18
ANEXO H.....	23

APRESENTAÇÃO

Baú de memórias da pesquisadora

“Tudo o que a memória amou

Já ficou eterno.”

Adélia Prado

Não consigo me lembrar ao certo quando comecei a me apaixonar pelos museus. Mas, quando fecho os olhos e reviro meu baú de memórias, lembro que minha infância e adolescência foram repletas de visitas a museus, centros culturais e cidades históricas. Tiradentes, São João Del Rei, Congonhas, Ouro Preto, Paraty, Petrópolis, Museu da Inconfidência, Casa dos Contos, igrejas do período colonial, Museu Padre Toledo, Casa de Cultura de Paraty, Museu Imperial, Museu Histórico Nacional, Forte de Copacabana, foram lugares que fizeram parte da minha educação e dos roteiros de férias, feriados e fins de semana da minha família. Lembro-me que ficava encantada com tudo o que via e que tinha um apreço especial pelos museus históricos. Eu gostava de ficar imaginando como era a vida daquelas pessoas que viveram há tanto tempo antes de mim, como eles criavam seus artefatos, como se locomoviam por aquelas ruas de pedra sabão, com roupas pesadas e cheias de adornos. Passava horas criando histórias a partir dos objetos que via nesses museus. Jorge Larrosa Bondía (2002) diz que quando vivenciamos uma experiência, algo que provamos, somos tocados. Talvez, tenham sido essas experiências, tudo o que vivenciei em minha infância e adolescência que despertaram a paixão e o interesse que desenvolvi pelos museus e os caminhos que acabei por trilhar profissionalmente.

Durante minha graduação em Pedagogia, despertei meu olhar para as inúmeras possibilidades de educação nãoescolar que existem e para a importância que essa categoria pode ter na formação do sujeito. Assim, optei por realizar um de meus estágios obrigatórios na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte. Ali, no Setor Infantojuvenil, acompanhei uma série de atividades que contribuíam para o processo de ensino-aprendizagem e para a formação das crianças que frequentavam o espaço: rodas de leitura, oficinas, apresentações teatrais e contações de histórias.

Logo que me formei em Pedagogia, comecei a cursar Licenciatura e Bacharelado em História. Durante os trabalhos de campo, em visitas a museus,

arquivos, centros culturais e cidades históricas, sempre ficava interessada pelo potencial educativo dos espaços museológicos. Acredito que a educação pode acontecer por meio desses equipamentos culturais¹. Neles, é possível a representação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, novos conceitos podem surgir e novas inquietações podem aparecer. São espaços que tornam o conhecimento significativo e que, através de suas coleções, podem conectar mundos, culturas, passado, presente e futuro. Lembro-me que muitos dos espaços visitados nas visitas de campo, já eram familiares para mim, pois já os tinha visitado com minha família. Assim, alguns colegas da faculdade me chamavam de “a menina dos museus”.

Para minha satisfação, assim que me graduei em História, no final do ano de 2011, tive a oportunidade de poder trabalhar em um projeto relacionado ao universo museológico. Fui convidada pelo comando da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) para compor uma comissão que tinha por objetivo criar um museu para a instituição. O ponto de partida dos trabalhos da comissão foi o acervo que formava a coleção do extinto Museu Histórico da Polícia Militar de Minas Gerais (MHPM), que ficava instalado nas dependências da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais (APM²). Na década de 1970, por meio de sua prática colecionista, o então Major Capelão Padre Luiz de Marco Filho, da APM, liderou a criação do MHPM. Ao reunir bens das mais diversas procedências (doações de objetos de uso pessoal dos militares, doações de outras instituições, objetos, documentações e fotografias da PMMG e do Corpo de Bombeiros, etc.) e tipologias (objetos tridimensionais, fotografias, mapas e documentos), que tratavam do universo militar, a ação do Major Capelão, proporcionou a formação de uma importante coleção para as corporações militares do estado de Minas Gerais.

Em 1999, no contexto de desvinculação do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar³, parte das peças do acervo do MHPM passou à tutela do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais (CBMMG), que as expôs, até o ano 2012, em seu recém-criado Núcleo de Memória, localizado na Avenida Álvares Cabral, em Belo Horizonte. A área

¹ Segundo o professor e especialista em Política Cultural, Teixeira Coelho (1997), equipamentos culturais são espaços dedicados a disseminação das mais diversas práticas culturais. Os museus, cinemas, teatro, bibliotecas, arquivos e galerias são exemplos de equipamentos culturais.

² Rua Diabase, 320, Prado – Belo Horizonte/MG

³ Criado em 31 de agosto de 1911, o Corpo de Bombeiros mineiro esteve em alguns momentos, ligado a outras instituições. De 1966 a 1999 era parte integrante da PMMG. É só a partir de 1999 que ele passa a receber o nome de Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.

onde estava instalado o MHPM na APM, em decorrência de diferentes demandas de uso de espaço, foi gradualmente sendo reduzida até concentrar-se em uma única sala que foi fechada ao final da primeira década dos anos 2000.

Ao longo do tempo, alguns esforços foram realizados no sentido de revitalizar o MHPM, mas todos sem sucesso. Concomitantemente, o CBMMG também ansiava por ter espaço adequado para a exposição de seu acervo. Assim, diante das articulações da PMMG e do CBMMG, o Governo do Estado de Minas Gerais, por meio da Superintendência de Museus e Artes Visuais (SUMAV), da Secretaria de Estado de Cultura (SEC-MG), em parceria com as instituições militares mineiras, deu início, no início de 2013, a ações visando à criação de um novo equipamento cultural na cidade de Belo Horizonte.

Nesse contexto, se iniciou, em junho de 2013, o processo de mapeamento dos acervos, atividade desenvolvida pela Associação Feminina de Assistência Social e Cultura (AFAS) em parceria com a SUMAV. Em paralelo, a Superintendência lançou três editais públicos para contratação de projetos de curadoria e expografia; pesquisa e elaboração de plano museológico; execução de serviços de conservação e restauração dos bens culturais móveis. Os trabalhos das empresas vencedoras dos editais públicos foram acompanhados por uma comissão composta por membros da PMMG, CBMMG e AFAS⁴ e que tinha por objetivo realizar a interlocução entre as corporações e as empresas. Por fazer parte dessa comissão, pude acompanhar de perto o processo de implementação desse espaço museológico. Foram meses de trabalho para definir como seria, em um primeiro momento, o denominado Museu Militar e que, posteriormente, já à época de sua inauguração, passou a ser chamado de Museu dos Militares Mineiros (MMM).

O Governo do Estado de Minas Gerais havia determinado uma data para a inauguração do MMM. Assim, correndo contra o tempo e sem todo o processo de implementação concluído, no dia 19 de março de 2014, o Museu foi inaugurado com uma exposição de longa duração. A equipe que estava trabalhando durante a criação do MMM considerou inadequado o processo de instalação e estabeleceu um cronograma de mudanças expográficas a partir de novas narrativas. Mas, por

⁴ Presidida, por força de estatuto, pela esposa do Comandante-Geral da PMMG, a associação sem fins lucrativos, neste momento, apoiava as ações relacionadas à criação do Museu e seria a Associação de Amigos do Museu. Mas, em 2015, com a mudança de governo e de presidência da Associação, tal objetivo não se cumpriu e a AFAS, gradualmente foi retirando seu apoio ao MMM.

questões de orçamento, as alterações na expografia, até o momento, ainda não aconteceram.

Após sua inauguração, o MMM passou a integrar por meio do Decreto nº 46.577, de 07 de agosto de 2014, o quadro de museus pertencentes à SUMAV. Por ser um equipamento cultural estatal, que representa mais de uma instituição, foi criado um Conselho Gestor⁵, do qual sou membro, que tem por objetivo apoiar e assessorar a SUMAV em todos os processos relacionados à instituição, seja nas tarefas de natureza administrativa, como naquelas diretamente relacionadas às especificidades do campo museal (acervo, pesquisa e comunicação). Como membro do Conselho Gestor, capacitei os mediadores⁶ que foram contratados para compor a equipe do MMM; desenvolvi programações e algumas atividades educativas; participei da concepção e montagens de exposições temporárias, além de assessorar nas tomadas de decisões.

Depois de um ano que o MMM havia sido inaugurado, recebi e aceitei o convite do CBMMG para trabalhar na Quinta Seção do Estado-Maior, sua Assessoria de Comunicação Organizacional (EMBM5), desenvolvendo projetos culturais para a instituição, realizando pesquisas históricas e representando a corporação no Conselho Gestor do MMM.

Ser membro do Conselho Gestor do MMM e vivenciar um museu de uma forma diferente da maneira que eu vivenciava em minha infância e adolescência, agora fazendo parte de suas engrenagens, de seu cotidiano, fez com que eu pensasse em uma série de questões ligadas a esses espaços. Sua relação com os visitantes e a dificuldade de formação de público; a manutenção da expografia e o desenvolvimento de novas exposições; as lacunas que existem na exposição; as mediações; as dificuldades de financiamento e de realização de pesquisa; a falta de interesse do poder público; a escassez de funcionários; a falta de um programa educativo. São inúmeras questões que começaram a perpassar minha cabeça e a me incomodar.

Buscando respostas para algumas de minhas inquietações, comecei a cursar o mestrado de Educação e Docência, Linha Educação em Museus e Centros de Ciência, da Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Quando ingressei no curso, meu desejo era pesquisar sobre programas

⁵ Resolução nº 48 de 30 de dezembro de 2014. Conselho composto por representantes da SUMAV, PMMG, CBMMG e AFAS.

⁶ Graduandos em História, Museologia e Belas Artes contratados pela SUMAV.

educativos de museus e desenvolver um modelo para o MMM, que conta apenas com alguns mediadores (o número de mediadores oscila constantemente por questões relativas às verbas da SUMAV) que realizam suas atividades de forma espontânea, sem um programa ou projeto estabelecido. Porém, a partir das disciplinas cursadas, das leituras feitas e das trocas de experiências com outros colegas, compreendi que os museus são, por vocação, espaços de memórias. E foi assim, que entendi que minha maior inquietação em relação ao MMM, era a falta que sinto dos militares na exposição. Percebi a necessidade destes sujeitos se identificarem com a narrativa museal. Em meio a artefatos de trabalho, indumentárias, instrumentos musicais, insígnias, armamentos e fotografias, documentos, quase não percebemos os sujeitos naquele espaço. Assim, acredito que a falta de valorização da memória do sujeito que integra as corporações é uma das maiores lacunas na expografia do MMM.

Por trabalhar no CBMMG e conviver diariamente com os bombeiros militares, percebo que suas memórias poderiam estar representadas na expografia do MMM. Em 2015 conheci a Confraria do Fogo⁷, instituição formada por bombeiros militares da reserva e reformados⁸. São militares que integraram a corporação em tempos diferentes dos que temos hoje (como a época em que o Corpo de Bombeiros pertencia à PMMG) e que fizeram parte da história da instituição. Assim, a vontade de conhecer e valorizar as memórias desses sujeitos sobre seu ofício e de comunicá-las no MMM foi o ponto de partida da minha pesquisa.

⁷ Entidade que, segundo seu documento de apresentação, foi organizada em 2011 com o objetivo de reunir os bombeiros militares que, tendo cumprido seu dever no período ativo, desejam continuar o convívio e trocar experiências.

⁸ O militar da reserva segue à disposição da corporação e pode ser reconvoado pela necessidade do serviço. Já o militar reformado está definitivamente afastado ou aposentado.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Os museus a serviço da sociedade

Os museus se constituem através de processos dinâmicos que se configuram a partir das demandas sociais do tempo em que estão inseridos. Entendidos como lugares especializados na preservação e comunicação do patrimônio, os museus da atualidade podem ser concebidos como instituições socialmente responsáveis, uma vez que adotam como uma de suas principais tarefas prestar serviço à população, assumindo, assim, um forte comprometimento com o desenvolvimento humano (VARINE, 2012).

Ao longo do tempo, a forma e as funções dos museus variaram de acordo com o contexto em que estavam inseridos. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), os museus hoje, são pontes, portas e janelas que conectam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Essa concepção que possuímos atualmente acerca dos museus, de instituições a serviço da sociedade e que conectam culturas, é o resultado de mudanças que ocorreram a partir de meados do século XX. Nascimento e Ventura (2001) ao analisarem o contexto dos museus destacaram que essas instituições adquiriram novas funções sociais e econômicas em decorrência das mudanças tecnológicas e político-sociais da última década do século XX.

Por séculos, os museus foram espaços que reforçavam os discursos políticos, nacionalistas, que reafirmavam os legados dos estados hegemônicos (FRANCO, 2019). Mas, as rápidas e inúmeras transformações tecnológicas, o crescimento dos meios de comunicação, as mudanças políticas, culturais e econômicas que aconteceram a partir da segunda metade do século XX⁹, deixaram seu reflexo no campo museológico. Os museus tradicionais que difundiam a cultura e a realidade social das elites, já não respondiam aos anseios, necessidades e preocupações da sociedade. Era necessário então, transformar, adaptar, renovar (ALMEIDA, 1996). Dessa maneira, com a formulação de novos princípios e práticas, que procuravam imprimir aos museus um caráter dinâmico, de centros de informação, lazer e educação do público, surge então, a Nova Museologia¹⁰.

⁹ A segunda metade do século XX foi palco de diversas mudanças como os movimentos de contracultura, da criação da internet, da divisão do mundo entre capitalismo e socialismo.

¹⁰ Termo criado para definir uma perspectiva prática e conceitual da museologia, com foco nas relações que a sociedade estabelece entre si, o patrimônio, a cultura e a educação (CURY, 2006).

Ao discorrer acerca das inovações e transformações dos museus, a museóloga Ignez Franco (2019) afirma que no contexto de mudanças aceleradas do século XXI, onde já não existe estabilidade das fronteiras políticas e econômicas e no qual as novas plataformas tecnológicas e comunicacionais permitem que estejamos em qualquer lugar, a qualquer hora, física ou virtualmente, os museus tem então, o papel social de ancoradouro da memória e de esteio das relações humanas.

O museu, lugar de interpretação e de construção de significados, ocupa uma posição privilegiada na cena contemporânea. Oferece um espaço e conteúdos de temporalidade amalgamada, reconstitui a memória do passado, testemunha e reflete sobre o presente, e constrói o patrimônio do amanhã. (FRANCO, 2019, p. 16)

Para Bruno Soares (2015), as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo desabrochar de uma nova mentalidade no campo museal. Os debates e conferências do Conselho Internacional de Museus (ICOM) que aconteceram nesse período, foram convites para que os atores do campo museológico refletissem sobre um museu que se abrisse para a sociedade, um museu com a possibilidade de tornar-se um lugar de debate entre cidadãos (BROWN; MAIRESSE, 2018). Nesse sentido, a “Declaração de Santiago do Chile¹¹”, de 1972, publicada em 1973 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apresenta o conceito de que a responsabilidade primária dos museus é a de atender às necessidades de suas comunidades. Os museus passam então, a ser entendidos como instituições a serviço da sociedade, com subsídios que lhes permitam participar na consciência das comunidades das quais estão inseridos. Assim, os museus que tinham seu foco em valores tradicionais de custódia, preservação e interpretação, mudaram o foco para as necessidades da comunidade em que estão localizados.

Karen Brown e François Mairesse (2018), afirmam que as mudanças de perspectiva dos museus, trouxeram inúmeros benefícios, sendo um fenômeno social, no qual os museus ficaram mais abertos às sociedades humanas. Assim, podemos apreender que os museus são como um laboratório, uma experiência, um instrumento

¹¹ Em 1972 muitos países da América Latina vivam um contexto de enfrentamentos políticos e de busca do restabelecimento de suas democracias. É nesse cenário que um grupo de profissionais e pesquisadores envolvidos com o universo dos museus, decidiu rediscutir as instituições museológicas. A “Declaração de Santiago do Chile” foi o documento resultante desse encontro.

para a comunidade, podendo, se desenvolver em um contínuo, como um fenômeno social (SOARES, 2015).

Os museus, portanto, na atualidade, se abrem à comunidade e ao presente. Nesse sentido, os espaços museológicos do século XXI utilizam-se das mais diversas práticas e saberes de forma interdisciplinar. Manejam uma série de especialidades de maneira particular para lidar com o substrato de seus acervos, para entenderem suas relações com o humano e com os contextos em que se inserem (CURY, 2006).

Para o professor e pesquisador Ulpiano Bezerra de Menezes (2011), a grande mudança da função dos museus na contemporaneidade está no despertar da utilização da memória como instrumento de poder. Assim, os museus da atualidade não devem ser vistos como simples espaços de produção, preservação e reforço de uma memória específica, mas como espaços de confronto, visão crítica e entendimento de memórias, aqui compreendidas como diversificadas, conflitantes e plurais.

A partir da Nova Museologia, os museus, podem ser entendidos como espaços de conhecimento, informação, aprendizagem, encantamento, retraimento, revelações, reconhecimentos, identificações, estranhamentos, catarses, engajamentos (DUTRA, 2012). Lugares de múltiplas experiências e aprendizagens, onde se educa por meio da sensibilização (NASCIMENTO, 2011).

Por ser um ambiente de aprendizagem, o museu “educa não somente pela sua materialidade, mas também pelas palavras, pelos gestos, pelos saberes, pela sonoridade e silêncios, pelas relações que se estabelecem” (PEREIRA; SIMAN; COSTA; NASCIMENTO; 2007 p.12). Por meio de seus objetos, exposições e propostas educativas, os museus são territórios de educação do olhar, da sensibilização.

1.2 Problematização

Tendo como referência minha experiência¹² de quase seis anos acompanhando as atividades do MMM, refletindo e problematizando sobre esse espaço dedicado aos militares do estado de Minas Gerais, percebi que em meio a tantos artefatos, objetos, documentos e fotografias que se referem ao universo militar,

¹² Segundo Jorge Larrosa Bondía (2002), a experiência é algo que nos acontece, que nos toca. Viver a experiência requer pensar, olhar, escutar, suspender o automatismo de ação, cultivar a atenção e a delicadeza, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

a expografia não abre espaços para debates acerca das memórias dos militares e pouco valoriza os indivíduos que compõem as instituições militares mineiras. Em meio a uma narrativa linear, que exalta as corporações militares e não abre espaço para problematizações e pontos de vistas diversificados e plurais, a única referência aos sujeitos que compõem estas instituições é a plotagem, nos corredores do museu, de dois murais de fotos no formato 3x4 com os rostos dos militares (fotos que usualmente são utilizadas para identificação do militar e que no MMM receberam um novo emprego) que compunham as corporações à época da inauguração do MMM, não há outras referências a esses sujeitos. Minha reflexão sobre o MMM também permitiu que eu sentisse falta de conhecer aqueles que já não estão na ativa, que se aposentaram. Por serem militares, eles continuam tendo vínculos com a instituição. Assim, pensando especificamente em meu trabalho, senti falta, daqueles que trabalharam em outras épocas do CBMMG, dos bombeiros militares que já não estão no serviço ativo e que fizeram parte da história da corporação.

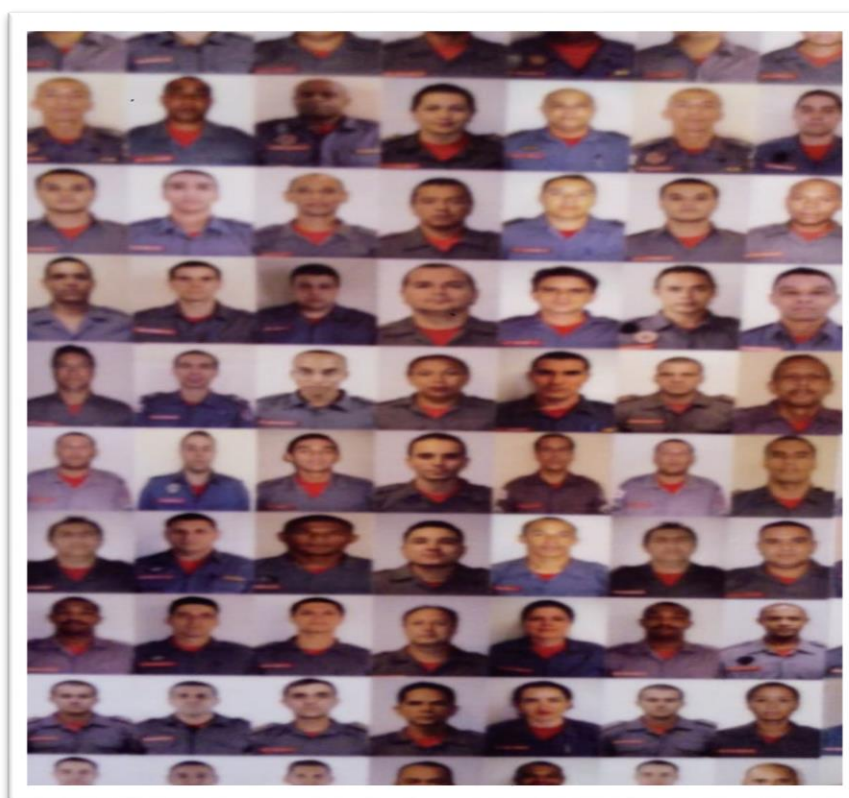


Figura 1 Corredor do segundo pavimento do MMM

Fotos dos Bombeiros Militares (foto acervo EBM5)

Identificados como um corpo, como o próprio nome da instituição diz, os bombeiros militares trabalham em grupos, onde um ampara e protege o outro. A

maneira de falar, a forma de vestir, os treinamentos, os gestos e os símbolos os uniformizam, tornando-os membros de um único corpo. Mas, este corpo, esta unidade, é formado por uma pluralidade, por indivíduos diferentes. Assim, esta pesquisa teve por escopo, conhecer o sujeito que forma esse corpo. Como foi sua carreira, sua formação, fatos marcantes e seus sentimentos em relação a sua profissão. Acredito que, a partir do conhecimento dessas memórias e a proposta de uma instalação que poderá ser incorporada ao MMM, que vive um momento de uma possível revisão de expografia, haverá espaço para visões diversificadas e plurais sobre a instituição da qual esses indivíduos faziam parte.

Assim, tendo em vista as mudanças conceituais propostas pela Nova Museologia e, entendendo que mais que servir como lugar de afirmação e legitimação de dado acervo ou coleção, os museus, independente de suas tipologias ou formatos, devem configurar-se como mediadores das diferentes memórias, como espaços de reflexão, como produtos de uma sociedade democrática (MENESES, 2011), o presente trabalho teve como produto, a proposta de uma instalação para a expografia do MMM que busca a valorização das memórias dos bombeiros militares reformados e da reserva. Por meio da inserção na expografia do MMM de fragmentos de falas desses bombeiros militares e de elementos visuais que fazem referência às categorias que emergiram durante os discursos dos bombeiros, discursos que estão ausentes na atual proposta expositiva, poderão surgir. Assim, a alteração da expografia com a inclusão da proposta de instalação poderá abrir espaço para o conhecimento de memórias diversificadas, plurais, conflitantes.

1.3.OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Conhecer e descortinar outras memórias de bombeiros militares de Minas Gerais sobre seu ofício com o intuito de produzir proposta de uma instalação para exposição no Museu dos Militares Mineiros.

1.3.2 Objetivos específicos

- Recolher narrativas de sujeitos do CBMMG aplicando a metodologia de História Oral;

- Fortalecer a identidade institucional por meio da valorização e a interlocução de memórias pessoais e institucionais;
- Disponibilizar uma proposta de instalação para o MMM, produzida a partir da memória dos sujeitos militares entrevistados;

1.4 A estrutura do trabalho

Este foi um trabalho sobre a memória de alguns membros da Confraria do Fogo, organização que reúne bombeiros militares que já se aposentaram, e sua aplicação no Museu dos Militares Mineiros. Assim, entrevistei seis bombeiros militares que participaram da pesquisa de forma voluntária e que tinham em comum terem servido no CBMMG, além de serem membros desta da Confraria do Fogo. Suas idades, formações, patentes ou graduações, época em que serviram eram diversificadas.

Ressalto que este não foi um trabalho de amostragem. Meu intuito era conhecer e registrar as narrativas dos bombeiros militares reformados ou da reserva, sobre a época em que trabalhavam no Corpo de Bombeiros, a relação com suas famílias, os colegas de trabalho e os artefatos utilizados para o cumprimento de suas missões. Partindo de uma corporação que busca homogeneizar, uniformizar seus membros, meu intuito era então, o de conhecer e descortinar as memórias que individualizam, que trazem identidade ao sujeito, ao membro do corpo.

Também não foi minha intenção confrontar os fatos relatados com os documentos oficiais. Meu interesse estava no que foi lembrado, no que foi escolhido como relevante para os entrevistados. Segundo Ecléa Bosi (1993) os documentos e livros de História registram um ponto de vista, uma versão do ocorrido. Os registros orais também são fontes históricas e podem, portanto, ser compreendidos como pontos de vistas sobre determinados fatos e acontecimentos.

David Celetti e Elisabeta Novello (2006) defendem que produzir obras de História Oral, não significa tratar essas fontes como materiais adicionais em comparação com outros como os documentos escritos. Para os pesquisadores, o material coletado é a própria fonte.

Para a realização desta pesquisa, foi necessário entender e conceituar os Museus Militares, instituições que surgiram há séculos e realizam a salvaguarda de objetos relacionados ao universo militar. Assim, no capítulo “*Os museus militares*”, além de realizar um panorama sobre as instituições museológicas da tipologia militar,

apresento o Museu dos Militares Mineiros e sua estrutura física e administrativa, além defender seu papel como lugar de memória. Por fim, faço um panorama histórico do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, instituição representada no MMM, à qual pertencem os participantes da pesquisa.

Em “*Conhecendo as memórias dos bombeiros militares*”, descrevo o procedimento metodológico da pesquisa e a escolha da História Oral como ferramenta para a coleta de dados. Por meio de uma entrevista teste, a metodologia utilizada foi analisada e ajustada para a realização das próximas entrevistas que foram as fontes para o trabalho. Assim, foi elaborado um roteiro de entrevista norteador para a realização das próximas entrevistas.

Com os ajustes feitos, parti para campo realizar as entrevistas. Foram seis participantes que compartilharam suas memórias sobre o Corpo de Bombeiros e suas carreiras. Os dois primeiros entrevistados foram indicados pelo Presidente da Confraria do Fogo para participarem da pesquisa. Os demais entrevistados, foram indicados pelos próprios participantes, ao término da entrevista. O processo das entrevistas e do descortinar de memórias está descrito em “*O baú de memórias dos membros da Confraria do Fogo*”.

Através das categorias que emergiram nas entrevistas, em “*Uma instalação para o Museu dos Militares Mineiros*” proponho uma instalação para uma sala desativada do equipamento cultural. Corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes da carreira foram categorias que surgiram durante as entrevistas e que serviram de base para a proposta de instalação. Em um contexto de renovação da expografia, a instalação poderá ser um recurso educativo pra o Museu, educando por meio da sensibilização, do olhar e da escuta.

Por fim, em “*Considerações finais*”, reflito sobre os desdobramentos e resultados deste trabalho e como ele poderá ser utilizado por outras instituições museológicas.

2. OS MUSEUS MILITARES

Ao buscarmos uma definição de Museu Militar percebemos que há uma série de instituições heterogêneas e que se diferenciam em diversos aspectos como de coleções, edifícios, gênese, gerência e são classificadas como tal. Para a pesquisadora portuguesa Mariana Teixeira (2011), o termo agrupa dois conceitos distintos: *museu* e *militar*, onde este, internacionalmente, está ligado às Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). Utilizando-se das duas terminologias, André Kirouac (2009), diretor do Naval Museum of Québec desde 1997, classifica os museus militares como instituições permanentes, sem fins lucrativos, que preservam, pesquisam, interpretam e exibem as evidências tangíveis e intangíveis da história militar, servindo à sociedade quanto à conscientização acerca do impacto das guerras. Devido à especificidade de suas coleções, internacionalmente, são museus localizados no âmbito dos museus históricos.

Esses museus conhecidos sob a égide “militar” tradicionalmente referem-se àquelas instituições museológicas que trazem como temática o universo militar. Sua especificidade está na natureza de seu acervo, formado por bens móveis e imóveis tidos como testemunhos da história militar de diferentes povos ou países. Nesta tipologia, no Brasil, se enquadram os espaços ligados às Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) e às Forças Auxiliares¹³ e de Reserva (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar).

Tendo em vista os comitês internacionais definidos pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), os museus militares enquadram-se no Comitê de Museus de Armas e História Militar (ICOMAM)¹⁴, criado em 1957 e que tem por objetivo o incentivo à pesquisa científica sobre armas, armaduras, documentos e objetos militares. O ICOMAM também se propõe a estimular os padrões profissionais de cuidados, gestão e conservação dessas coleções, de acordo com as diretrizes do ICOM.

Em todos os períodos históricos, a humanidade esteve envolvida em guerras e conflitos. O conflito é uma tensão permanente de organização dos clãs, tribos, estados nacionais, contudo ao falhar a diplomacia, podem acontecer declarações de guerra que valorizam o discurso de exaltação do poder militar. Em geral os museus,

¹³ Forças Públicas estaduais, organizados com base na hierarquia e na conduta militar.

¹⁴ Mais informações em networ.icom/museum/icomam

as coleções e as exposições de artefatos militares integram as formas de comunicação desse poder.

Em relação à exposição de materiais bélicos, existem, do período do Império Romano, registros de exibição dos espólios de guerra, que incluíam artefatos militares. Os objetos conquistados nas expedições militares e comerciais eram expostos em locais públicos com o objetivo propagandístico (MATTOS; MATTOS, 2010).

Já no período das Grandes Navegações, com os países europeus explorando territórios para além do Oceano Atlântico, houve um grande aumento dos conflitos e guerras entre diferentes povos e culturas e, por consequência, ampliação do efetivo das forças armadas, financiadas pela nobreza. Segundo Megan McCoy (2016), com o objetivo de mostrar o poder do rei, da nobreza e seus exércitos, ao final das batalhas, os tesouros recolhidos em saques às terras estrangeiras, eram exibidos nos palácios da realeza, como parte dos gabinetes de curiosidade¹⁵.

Ao final do século XVIII e início do XIX, armazéns de armas, conhecidos como arsenais, passaram a ser lugares de exibição de objetos que demonstravam as batalhas militares. Algo como uma espécie de “*hall of fame*”, onde não havia espaço para problematizações e reflexões críticas, apenas para a exaltação das grandes batalhas e seus feitos heróicos (McCoy, 2016).

Com os conceitos de Nação e nacionalismo que surgiram durante século XIX, no mundo ocidental, os museus, inclusive os espaços de exposições militares, passaram a comunicar o poder e as ideologias nacionais. O tamanho das salas e as condições de exposição agora eram mais propícios à exibição de objetos militares, que ajudavam a comunicar ao público os valores nacionais.

Os primeiros museus militares abertos à visitação pública foram criados na Europa no século XIX (TEIXEIRA, 2011). Sob forte influência do pensamento iluminista, essas instituições tinham por objetivo coletar, colecionar e preservar testemunhos relacionados à história militar em seus diferentes contextos, além de servir para instrução e formação dos corpos militares.

Até a I Guerra Mundial (IGM), os armamentos e uniformes eram produzidos de forma manufaturada. A partir da IGM com a introdução de armas e uniformes

¹⁵ Com um acervo diversificado, os gabinetes de curiosidade eram organizados pelos nobres e aventureiros. O acesso era restrito e guiado pelos próprios colecionadores (NASCIMENTO; VENTURA, 2001).

produzidos em escala industrial a guerra tornou-se um trabalho de “homens comuns”. Se até então, os combates eram financiados por nobres e ricos que mandavam confeccionar seus caros armamentos e uniformes, com a IGM, esse cenário foi alterado. Na visão de Megan McCoy (2016), isso fez com que o homem comum fosse inserido, de forma definitiva, no cenário das guerras. A produção de armas e uniformes em massa, bem como a dimensão da guerra, fizeram com que seus efeitos fossem sentidos de longe e em ampla escala, proporcionando uma mudança no entendimento humano de guerra e o que ela significa para a sociedade. A necessidade de uma identidade coletiva para dar sentido ao que aconteceu e de lugares para essas narrativas, deram origem ao intenso período de memorialização e ao que hoje conhecemos como museus militares e de guerra (MCCOY, 2016).

Foi com a IGM, última guerra em que as batalhas ainda aconteciam em campo de batalha, que se percebeu que as perspectivas dos combates realmente haviam mudado. O cotidiano das pessoas tinha sido profundamente afetado pela Guerra, que redimensionou o mundo ocidental. Enquanto isso, como consequência do grande número de armas e objetos militares sendo criados, as coleções dos museus militares começaram a crescer rapidamente. Assim, os Estados Nacionais começaram a desenvolver museus maiores, dedicados à história militar da nação (MCCOY, 2016).

Com a Segunda Guerra Mundial (IIGM), o processo de proliferação dos museus militares teve um significativo aumento. Eram lugares dedicados as celebrações de vitórias e ao mesmo tempo, memoriais dos sacrifícios e perdas de vidas. Celebrações de dias importantes para os conflitos, como o Dia D, passaram a fazer parte da programação dos museus. Memorialização e comemorações tornaram-se atividades de turistas. Gerações que não tinham vivenciado de perto as guerras passaram a viajar para os campos de concentração e para os campos de batalha para testemunharem o passado e conhecerem representações das guerras que moldaram o mundo em que vivem.

Concebidos desde o início como espaços marcados por um forte viés romântico e patriótico, os museus militares se configuraram como verdadeiros lugares de reverência e exaltação das glórias passadas e dos grandes heróis, por meio da exibição de objetos tidos como relíquias e de discursos hegemônicos e totalizantes. Assim, em muitas das exposições desses equipamentos, não encontramos espaço para o diálogo, reflexão ou posicionamento crítico, estando em evidência uma

museologia tradicional, na qual há uma recitação de datas e batalhas em ordem cronológica e exaltação dos oficiais comandantes (MCCOY, 2016).

Todavia, nos últimos anos, podemos perceber uma aproximação dos museus militares com a nova museologia e sua perspectiva social.

Desde a última década do século passado é possível constatar um reposicionamento, de grande parte destes museus, em relação à sociedade e, conseqüentemente, à sua afirmação como museus de história social. (TEIXEIRA, 2011, p. 10)

Essa consciência social nos museus militares pode ser percebida por meio da substituição das exposições cumulativas de militar¹⁶ que ilustravam algum tipo de evolução cronológica, por exposição que procuram, a partir de problematizações, explicar as causas dos conflitos e seus contextos (histórico, político e ideológico).

Os museus tentam assumir-se como locais onde se examina, se explora o conhecimento, a memória e a história, recusando o papel de meros lugares de afirmação de autoridade cultural. (TEIXEIRA, 2011, p. 10)

No caso dos museus de tipologia militar existentes no Brasil, sua conformação teve como fundamento o modelo surgido na Europa. Segundo Marlene Suano (1986) os primeiros museus militares foram o Museu do Exército, que tem suas origens no século XIX e que passou por vários endereços da cidade do Rio de Janeiro até se instalar, em 1987, no Forte de Copacabana; e o Museu da Marinha, inaugurado em 1868. Mas, de maneira geral, esses espaços, dedicados ao acervo militar, foram criados ao longo do século XX, em sua maioria vinculados a instituições militares e por elas administrados, que contam com acervos heterogêneos e centram sua prática museológica na conservação e exposição sequencial de objetos, a partir de uma abordagem estetizante dos mesmos.

Em 1911, Gustavo Barroso, escritor e político brasileiro, publicou um artigo, de título “Museu Militar”, no qual afirmava que o Brasil necessitava de um museu, nacional, onde pudessem ser guardados objetos de soldados e heróis, como espadas, lanças e canhões. Ele afirmava que todas as nações tinham seus museus militares, assim guardando as tradições bélicas de sua história, documentando os progressos dos armamentos e cultuando as glórias do passado (SANTOS, 2002).

¹⁶ Segundo João Pimenta (2015), o termo refere-se a elementos e coleções de objetos que tem alguma relação com o universo militar.

Quanto à narrativa, geralmente ela é marcada pelo tom celebrativo, por meio de uma abordagem cronológica e factual da história, pautada no culto a determinados personagens e grandes feitos de um passado idealizado e retomado a partir dos indícios da cultura material em exposição.

No Brasil, encontramos museus militares sob a tutela do Exército, Marinha, Aeronáutica e de algumas Polícias Militares e Corpos de Bombeiros. Mas, é interessante notar que ao realizar uma pesquisa na Plataforma Museus Br – Rede Nacional de Identificação de Museus, temos dificuldade de encontrar esses museus. A pesquisa por Museu Militar tem como resultado¹⁷ museus que tem em seu acervo algum tipo de objeto que faça referência aos militares, como armas, insígnias e uniformes.

Especificamente sobre os museus dedicados aos Corpos de Bombeiros, após entrar em contato¹⁸ com as corporações de cada estado brasileiro, pude identificar que: o Corpo de Bombeiros do Paraná começou um processo de construção de seu museu; o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco possui uma Sala Memorial onde há alguns objetos e documentos desde o início do século XX; o Corpo de Bombeiros Militar do Mato Grosso do Sul tinha um projeto de documentário, mas que não teve prosseguimento; o Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Sergipe criou uma comissão para analisar a criação de um Centro de Memória para o ano de 2020; o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo possui um museu inaugurado em 2005; o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro possui um museu localizado em seu Quartel Central. Em um modelo até então inédito no Brasil, onde os museus militares eram geridos apenas pelas instituições militares, o CBMMG juntamente com a PMMG tem seu acervo sob guarda do MMM, do quadro da Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

2.1 O Museu dos Militares Mineiros

¹⁷ A pesquisa pelo termo militar na Plataforma Br aponta como resultados os seguintes museus: Museu Histórico de Pacatuba, no Ceará; Museu da Abolição, em Pernambuco; Museu das Bandeiras, em Goiás; Museu Municipal do Cavalo de Colina, Museu Forte Defensor perpétuo de Paraty, Museu dos Esportes, em São Paulo; Museu do Diamante, em Minas Gerais; Museu Imperial, Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio, Museu Raymundo Ottoni de Castro Maya, Museu da República, Museu Histórico Nacional e Museu do Açude no Rio de Janeiro.

¹⁸ Levantamento realizado por meio de contato telefônico e e-mail durante o mês de março de 2019.

O Museu dos Militares Mineiros foi inaugurado em março de 2014 e está instalado na Rua dos Aimorés, 698, Funcionários, no prédio anteriormente ocupado pelo Tribunal de Justiça Militar de Minas Gerais (TJMMG). O Museu, concebido pela SEC-MG em parceria com a PMMG e o CBMMG tem por missão:

Potencializar a interação entre comunidade militar e sociedade civil, com ênfase na história e memória da Polícia Militar de Minas Gerais - PMMG e do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais CBMMG por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob guarda do Museu. (PLANO MUSEOLÓGICO, 2014, p. 9)

Instalado em uma edificação construída no princípio do século XX e tombada pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o espaço passou, em 2013, por algumas readequações para a inauguração do MMM. Foram pequenas obras que alteraram iluminação, mobiliário, pintura, etc., mas não houve nenhuma obra estrutural, mantendo assim, a divisão de cômodos já existentes. A exposição de longa duração, originalmente, foi pensada como uma exposição temporária, que passaria por adequações. Todavia, no decorrer do processo, definiu-se que não haveria alterações na exposição. As obras estruturais como adaptação de acessibilidade, climatização e alteração da área externa, ficariam para uma segunda etapa, mas até o momento, por falta de recursos, ainda não aconteceram.



Fig. 2 Fachada do Museu dos Militares Mineiros (foto acervo EBM5)

O prédio possui três pavimentos nos quais estão distribuídas as salas expositivas, espaço multiuso, sala de estudos, sala do educativo, reserva técnica, área administrativa e externa. Atualmente, os espaços se configuram da seguinte maneira:

2.2 Primeiro Pavimento (áreas de uso público):

- Recepção e guarda volumes;
- Banheiros: feminino e masculino;
- Corredor: mural de fotos 3x4 dos policiais militares que se encontravam na ativa até a inauguração do MMM;
- Sala 1 – História: composta por uma linha do tempo interativa e por vídeos que narravam a história das duas corporações sob a perspectiva da profissionalização e especialização das instituições. A sala foi desativada devido a infiltrações que comprometeram os equipamentos eletrônicos;
- Sala 2 – Colecionador: coleção de armas de fogo e espadas. Devido à origem do acervo, de doações pessoais, nem todos os artefatos da sala foram utilizados pelas instituições militares. Alguns eram de uso exclusivamente pessoal;
- Sala 3 – Patronos e Comandantes: homenagem aos patronos da PMMG e CBMMG (com exposição de documentos assinados por eles e vídeos que explicam o porquê de serem os patronos), Tiradentes e D. Pedro II, respectivamente. Há também uma lista de todos os comandantes-gerais até o ano de 2014 e a exposição de alguns tipos de fardas¹⁹ utilizadas por eles;
- Salas 4 e 5 – Banda do CBMMG e da PMMG: exposição de instrumentos musicais utilizados pelas agremiações das corporações²⁰ e atividades interativas para os visitantes;
- Sala 6 – Região Integrada de Segurança Pública: a partir de um mapa interativo, era possível verificar estatísticas militares das 18 Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP) que existiam à época da inauguração do MMM. A sala foi desativada por falta de manutenção nos equipamentos tecnológicos;

¹⁹ Uniformes usados pelas forças militares, paramilitares e policiais, que surgiram pela necessidade de identificação dos combatentes durante a batalha.

²⁰ O CBMMG possui dois grupos musicais: a Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais e a Bombeiro Instrumental Orquestra Show (BIOS). Na PMMG há a Banda de Música da Polícia Militar de Minas Gerais, a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais e a Academia Musical Orquestra Show (AMOS).

- Sala 7 – Homenagem: por meio de reportagens sobre grandes ocorrências, que eram exibidas na parede e de espelhos, para que o visitante tivesse a sensação de estar dentro da situação mostrada, era exposta a função das corporações dentro da sociedade. A sala foi desativada por falta de manutenção nos equipamentos tecnológicos;
- Sala 8 – Uniformes militares: exibição de vestimentas, insígnias, condecorações e equipamentos individuais de proteção (EPI).



Fig. 3 Sala de Uniformes (foto acervo EMBM5)

2.2.1 Segundo Pavimento (áreas de uso público e áreas de uso interno):

- Escada de acesso ao segundo andar: exposição de algumas escadas utilizadas pelo CBMMG e instalação artística com escadas cenográficas;
- Corredor: mural de fotos 3x4 dos bombeiros militares da ativa até a inauguração do MMM e exibição extintores de incêndio de diversas décadas, a partir da década de 1950;
- Sala 9 – Sala de Estudos: composta por bibliografia referente a temas militares;
- Sala 10 – Meio Ambiente: espaço onde havia jogos eletrônicos que tinham por objetivo a utilização de dicas de prevenção recebidas durante a visita ao MMM. Porém, como os recursos tecnológicos sofreram avarias, em 2018, houve modificações na expografia que passou a ser dedicada aos serviços das corporações relativos à preservação do meio ambiente;

- Sala 11 – Prevenção e Combate a Incêndio: exposição de equipamentos utilizados pelo CBMMG no trabalho de prevenção e combate a incêndios;
- Sala 12 – Mulheres na Corporação: mostra de objetos e fotos que fazem referência à incorporação feminina nas instituições;
- Sala 13 – Depoimentos: exibição de uma vídeo-instalação de depoimentos de civis que foram atendidos pelas corporações. Também há um espaço onde os visitantes podem deixar bilhetes para os militares;
- Auditório – espaço utilizado em palestras, aulas e outras programações.
- Área administrativa
- Sala do Educativo: espaço para a realização de oficinas.

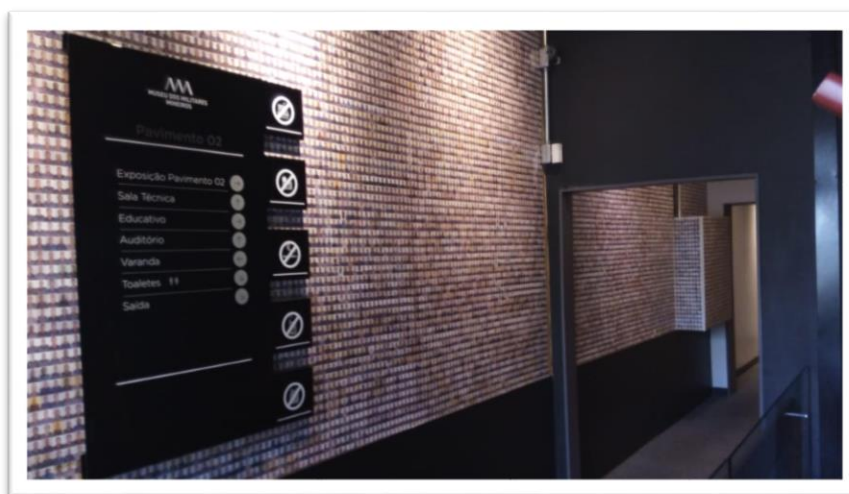


Fig. 4 Corredor do segundo pavimento (foto acervo EMBM5)

2.2.2 Subsolo e área externa (áreas de uso público e áreas de uso interno):

- Salas para administração, mas que não são utilizadas;
- Sala de segurança (vídeo monitoramento);
- Copa;
- Banheiro unissex;
- Sala de reuniões que a partir de 2017 também se configurou como sala de exposição, recebendo a exposição fotográfica do CBMMG: “Dos sinos ao 193”²¹;

²¹ Exposição idealizada pela EMBM5 por ocasião do Dia Nacional do Bombeiro, em 02 de julho de 2016. Por meio de fotografias e reproduções de documentos, a mostra fazia um panorama histórico do CBMMG. “Dos Sinos ao 193” foi inaugurada na solenidade de entrega da Medalha D. Pedro II e depois

- Reserva técnica;
- Depósitos de materiais;
- Garagem que foi utilizada como espaço expositivo e recebeu em maio de 2016 a exposição temporária do CBMMG: “Paisagens que transformam: um olhar em busca de vida”.²² Após a exposição, a garagem tornou-se um espaço expositivo de viaturas do CBMMG.



Fig. 5 Exposição “Dos sinos ao 193”

O Plano Museológico (2014) do MMM prevê uma estrutura composta por: coordenação; comunicação museológica na qual estão inseridos o programa de expografia e educativo; pesquisa; salvaguarda composta pelos programas de documentação e conservação; comunicação e setor administrativo (receptivo, segurança, limpeza e apoio administrativo).

Todavia, até o momento, o MMM não contou com a estrutura prevista em seu Plano Museológico. Hoje, o Museu tem seu setor administrativo composto por receptivo, segurança, limpeza e apoio administrativo. A coordenação é feita por um servidor cedido pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) em conjunto com a SUMAV e o Conselho Gestor. O setor educativo enfrenta uma grande rotatividade de seus estagiários e no momento é composto por dois graduandos em história.

passou por mais três lugares: Museu dos Militares Mineiros, Centro Cultural São Geraldo e Centro Cultural São Bernardo. Após a itinerância, a mostra passou a compor a expografia do MMM.

²² Exposição sobre o trabalho do CBMMG no rompimento da barragem da Samarco em Bento Rodrigues.

Desde sua inauguração em 2014, o MMM tem enfrentado diversas dificuldades e, segundo a pesquisadora Soraia Dutra (2012) essas questões orçamentárias, problemas de infraestrutura e de pessoal são dilemas enfrentados pelos profissionais que atuam nos museus. A debilidade do quadro de técnicos e a rotatividade de estagiários desafiam a criatividade e as inventividades dos sujeitos envolvidos na administração dos museus.

Mesmo diante das dificuldades orçamentárias e de funcionários, o MMM recebe, desde sua inauguração, visitas agendada de grupos, principalmente escolares, além das visitas espontâneas.

2.2.3 O Museu dos Militares Mineiros como lugar de memória

O tempo contemporâneo tem provocado o que Pierre Nora (1993) classifica como aceleração da história, do tempo e dos processos sociais. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que esse fenômeno traz um risco de amnésia, de perda de memória, que é aquela que nos confere sensação de pertencimento, continuidade, identificação e diferenciação (LE GOFF, 1992), ele também cria uma nostalgia em relação ao passado, gerando um *boom da memória*, criando espaço para a proliferação dos *lugares de memória*, ou seja, espaços capazes de evocar lembranças.

A Memória é um termo que abrange diversos significados e áreas do saber, sendo conceituada de acordo com o contexto histórico, o campo do conhecimento e do teórico que a estuda. As Ciências Sociais, a Psicologia, a História, as Neurociências e a Filosofia são exemplos de áreas que constantemente estão estudando e trabalhando acerca da memória.

De deusa mitológica ao mecanismo de armazenamento de dados, muitos são os conceitos que envolvem a terminologia *memória*. Como propriedade de conservar certas informações, a memória nos remete a um conjunto de funções psíquicas diante das quais o homem pode atualizar impressões ou informações do passado, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1992). A socióloga Elizabeth Jelin (2002) define memória como faculdade psíquica com que se recorda. Ao agrupar e sintetizar os conceitos e ideias sobre o termo, Fernando Linhares (2019), acredita que a memória faz parte de um processo cognitivo social que é ativada pelo ato de lembrar, intermediada pelo contexto social e cultural. Assim, podemos entender que a memória

é a construção do passado baseada em emoções e é sempre evocada a partir das necessidades do presente (FERREIRA, 2002). Sua elaboração acontece no tempo presente, para responder a solicitações do presente (MENEZES, 2000).

Assim, em um contexto de aceleração do tempo, que cria o movimento de *boom da memória*, de preocupação com os lugares que ativam as lembranças, há uma grande propagação dos museus, que são, por vocação, lugares de memória. Dessa forma, surgem instituições museológicas das mais variadas tipologias e características. São espaços que passam a se dedicar às memórias de vários grupos, indivíduos e temporalidades.

Seguindo as mudanças da sociedade, essas instituições passam então, por mudanças estruturais. Das narrativas dos grandes momentos históricos, dos heróis nacionais, das grandes coleções, os museus passam a dar espaço também ao local, às histórias de grupos variados. De lugares rígidos, de silêncios, contemplações, de templos sagrados, eles passam a ser espaços de problematizações, de questionamentos, da educação do olhar, lugares onde a cultura se ressignifica. Os museus, hoje, são instituições de caráter multifacetário e mimético com três funções básicas: preservação, investigação e comunicação de bens materiais (CHAGAS, 2009).

Neste movimento de propagação e mudanças dos museus, também há espaço para os museus institucionais. A chamada febre de memória, que caracteriza nossa sociedade, parece também ter atingido o universo corporativo. Nos últimos anos, observamos a criação de diversos museus ligados às empresas e ao mundo do trabalho. Apesar de terem origens e funções sociais diferentes, esses museus tem uma missão pedagógica de transmissão da cultura da instituição, além de preservação da memória e do patrimônio (NASCIMENTO; VENTURA, 2001)

Cada vez mais empresas têm investido em projetos de pesquisa sobre a sua história, criando museus e arquivos com acervos próprios, publicando livros e organizando programas de memória oral, entrevistando profissionais que atuam ou aturam no seu interior. (RIBEIRO; BARBOSA, 2010, p. 100)

Para as professoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Marialva Barbosa (2010), essas instituições buscam, a partir da sistematização de uma história e de uma memória, se legitimarem, através da identidade institucional.

As empresas procuram, no passado, elementos que possam servir como referência comum para manter a coesão interna. Com isso, formam-se quadros de representação simbólica que funcionam como bases de identificação e de coerência no tempo para seus executivos e funcionários. Mas o passado também fornece referências externas, que permitem as empresas se autorreferenciarem e construírem uma imagem de si mesmas, procurando através dela se legitimarem. (RIBEIRO e BARBOSA, 2010, p.106).

É neste contexto, de fortalecimento institucional e de preservação histórica que foi inaugurado, em 2014, o MMM, instituição museológica dedicada à PMMG e ao CBMMG.

Com 108 anos de história, ainda é incipiente o conhecimento acerca da história e trajetória dos membros do CBMMG. Primeiros passos na construção da narrativa histórica e na elucidação de fatos do passado institucional foram dados com a publicação do livro *Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais: cem anos de história e reflexão*²³ e com a inauguração do MMM. No entanto, o caminho para a visibilização e conhecimento da história do Corpo de Bombeiros requer ações capazes de narrar a instituição para além da oficialidade de seus documentos, alcançando a dinâmica do cotidiano e da vivência diária dos bombeiros militares.

Tendo em vista que toda instituição é formada pelos sujeitos que dela fazem parte e de que, a historiografia, a partir dos Annales tem alargado seus objetos de estudo, e assim, considerando que todo indivíduo é um sujeito histórico bem como o conceito de que “uma das maneiras possíveis pelas quais a nossa sociedade responde aos apelos de memória e à dissolução do passado”, (SALES; CARVALHO, 2010), é por meio dos museus, o MMM, como lugar de memória e museu institucional, pode ser um espaço para o conhecimento e valorização dos sujeitos que fizeram parte do passado desta instituição.

2.2.4 O Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais

*“Bombeiro, guerreiro, valente, vibrador
Salvando e protegendo, realçando o seu valor
No fogo, na água, na terra e no ar
Sempre forte e destemido, pela vida a lutar!”*

²³ MARÇAL, Marina Mateus; AQUINO, Wagner Soares de. (org.) **Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais: cem anos de história e reflexão**. Belo Horizonte: Editora Rona, 2013.

A organização da maioria das corporações de bombeiros no mundo se deu em resposta a grandes ocorrências (GALLUZZI, 2018, p.16). A história do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais está diretamente relacionada aos primeiros anos de Belo Horizonte. Durante as obras de construção da primeira cidade planejada do Brasil, surgiram os primeiros avisos e advertências sobre possíveis vulnerabilidades e riscos de incêndios a que a cidade estava exposta. Apenas quatro meses após a inauguração da nova capital mineira, há registro de seu primeiro incêndio.

Tal como fora previsto, quatro meses após sua inauguração oficial, a nova capital registrou seu primeiro incêndio, curiosamente no local destinado a abrigar a força policial, mais especificamente no Quartel da Brigada Policial. Localizado cerca de dois quilômetros, equidistante do eixo principal do centro urbano, aquele quartel incendiou-se aos seis dias do mês de abril de 1898. Naquele evento, os trabalhos de combate às chamas funcionaram de forma rudimentar. Contou-se, apenas, com a coragem de militares da Brigada Policial e de alguns moradores, além de duas bombas manuais de combate a incêndios. Como era de se esperar, houve considerável prejuízo financeiro e, por conseguinte, atraso na conclusão da obra ainda inacabada do belo edifício que viria a abrigar o quartel. (MARÇAL; AQUINO, 2013, p. 22)

Após inúmeros incêndios e de várias discussões acerca da necessidade de criação de um serviço de combate a incêndio, treze anos depois da inauguração de Belo Horizonte, em 31 de agosto de 1911, por meio da Lei 557, estava então, autorizada a criação de uma Seção de Bombeiros, aproveitando o pessoal da Guarda Civil²⁴.

Art. 12. Fica igualmente o governo autorizado a despender até vinte contos de réis com a organização de uma seção de bombeiros, aproveitando para esse fim o pessoal necessário da Guarda Civil. (Lei 557, de 31 de agosto de 1911).

Dessa maneira, onze guardas civis, em maio de 1912 foram até o Rio de Janeiro²⁵, sede do primeiro Corpo de Bombeiros brasileiro e capital do Brasil, para receberem treinamento e capacitação para tornarem-se bombeiros. Todavia, ao retornarem à capital mineira, os guardas civis não desenvolveram sua função de

²⁴ Fazia o papel de polícia ostensiva com rondas pela cidade. Eram os guardas civis em suas atividades de policiamento pelas ruas que se deparavam com situações de emergência e tomavam providências.

²⁵ Por meio do Decreto Imperial 1775, de 02 de julho de 1856, D. Pedro II autorizou a criação do primeiro Corpo de Bombeiros brasileiro, no Rio de Janeiro, capital do Império Brasileiro. Tal ato, fez do Imperador patrono de todos os corpos de bombeiros brasileiros.

bombeiros. Foi só em 1913, dessa vez com quinze militares da Força Pública²⁶, que o serviço de combate a incêndio na capital mineira foi realmente efetivado.

Logo após o término dos treinamentos no Rio de Janeiro, os onze guardas estavam prontos para exercerem as funções de bombeiros, fato que não se consolidou oficialmente. Eles voltaram às suas antigas funções de guardas civis e não puderam desempenhar de imediato o serviço de bombeiros, tendo em vista duas situações: não havia ainda sido organizada a Seção de Bombeiros e, além disso, a partir de outubro daquele mesmo ano, quinze novos alunos, desta vez retirados da Força Pública, partiram, a exemplo dos onze guardas para treinarem no Rio, com objetivo de se tornarem bombeiros. (MARÇAL; AQUINO, 2013, p. 28)

A Força Pública desempenhava o papel de exército estadual. Ser militar da Força Pública significava estar preparado e pronto para qualquer ação de cunho militar, inclusive conflitos armados²⁷. Mesmo com missão específica, os bombeiros pertencentes ao quadro da Força Pública eram empenhados em missões militares que exigiam ações que estavam além de suas atividades de bombeiros. Esse fato lhes conferiu características híbridas entre ser bombeiro e policial. Assim, a opção pela efetivação do serviço de bombeiros dentro da Força Pública explica o caráter militar da corporação.

Os primeiros anos da trajetória do Corpo de Bombeiros em Belo Horizonte tiveram inúmeros óbices: falta de equipamentos, dificuldade de acionamento dos bombeiros, pouco efetivo e, principalmente, a falta d'água na cidade.

Aos poucos, as dificuldades foram sendo superadas e em 1930, foi criado mais um pelotão da Companhia de Sapadores Bombeiros, na cidade de Juiz de Fora, representando o início da expansão do serviço de bombeiros pelo estado de Minas Gerais, que foi intensificado a partir da década de 1960.

Ao longo do tempo, os bombeiros de Minas Gerais receberam diversas nomenclaturas,²⁸ estiveram ligados a outras instituições ou então em momentos autônomos e foram diversificando suas áreas de atuação. No ano de 1999, após o movimento grevista de junho de 1997, que reivindicava melhores salários, melhores

²⁶ Força militar estadual, auxiliar do exército e que deu origem à PMMG.

²⁷ Como foi o caso das participações nas Revoluções de 1924, 1930 e 1932.

²⁸ Seção de Bombeiros (1911 – 1912); Companhia de Bombeiros (1912 – 1915); Seção de Bombeiros (1915 – 1926); Companhia de Sapadores Bombeiros (1926 – 1931); Corpo de Bombeiros da Força Pública de Minas Gerais (1931 – 1934); Corpo de Bombeiros de Minas Gerais (1934 – 1966); Corpo de Bombeiros da Polícia Militar de Minas Gerais (1966 – 1999); Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (1999 aos dias atuais).

condições de trabalho e reformas no Regulamento Interno da corporação, por meio da Emenda à Constituição nº 39²⁹, houve a desvinculação da PMMG e a corporação passou a ser denominada Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.

Após o movimento reivindicatório foram abertos procedimentos administrativos e penais militares contra os manifestantes. O Comando da PMMG instaurou Inquérito Policial Militar para apurar a participação dos militares. Os autos foram entregues à Justiça Militar Estadual. O Ministério Público não indiciou os policiais militares.

A transgressão disciplinar é geralmente prevista como os atos contrários à boa ordem ou aos regulamentos militares, não previstos como nas leis penais. Crime militar é, pois, a violação do dever militar, definida e prevista na Legislação Penal Militar. Questionou-se, a partir desses princípios, a aplicação da pena administrativa capital (exclusão disciplinar) a mais de uma centena de policiais militares. Alegou-se, à época, que tais exclusões eram atos de discriminação, perseguição e vingança de oficiais administradores. (ALMEIDA, 2007, p. 62)

Com o fim do movimento reivindicatório, surgiu o movimento *Anistia já para os PMs*. Entretanto, o Governador à época (Eduardo Azeredo) optou por não invalidar a decisão da PMMG.

Com a eleição do próximo governador, Itamar Franco, foi dada a anistia por meio da criação do CBMMG.

Com a eleição para governador do Estado, na qual Itamar Franco saiu vitorioso, derrotando Eduardo Azeredo, que buscava a reeleição, foi dada a anistia aos praças da PM. Na realidade, o novo governo não deu anistia plena e, sim, propôs uma aposentadoria precoce. Os praças não retornaram à Polícia Militar com a anistia. Criou-se o artifício de enquadrá-los no Corpo de Bombeiros, que foi separado da PMMG. (ALMEIDA, 2007, p. 62)

Hoje,³⁰ a corporação serve à sociedade mineira com atividades de coordenação e execução de ações de defesa civil, prevenção e combate a incêndio, busca e salvamento e estabelecimento de normas relativas à segurança das pessoas e de seus bens contra incêndio ou qualquer tipo de catástrofe.

²⁹ A Emenda à Constituição número 39, de 02 de junho de 1999, alterou a redação dos artigos 39, 61, 66, 90, 106, 110, 111, 136, 137, 142 e 143 da Constituição do Estado de Minas Gerais, promovendo a desvinculação do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar.

³⁰ Mais informações em www.bombeiros.mg.gov.br

3. CONHECENDO AS MEMÓRIAS DOS BOMBEIROS MILITARES

3.1 Procedimentos metodológicos

*“É do presente que parte o chamado
ao qual a lembrança responde.”*

Henri Bergson

Quando defini que meu trabalho seria conhecer e descortinar memórias desconhecidas dos bombeiros militares mineiros sobre seu ofício com o objetivo de propor uma alteração na expografia do MMM, lembrei-me do filme de Jocelyn Moorhouse, lançado em 1995, *Colcha de Retalhos*. O longa-metragem narra vivências de um grupo de mulheres que se reúnem anualmente para confeccionar uma colcha de retalhos. Cada uma delas borda um pedaço de pano que faz referência a algum episódio de sua vida. À medida que as lembranças vão surgindo, elas vão sendo relatadas. Ao final, essas mulheres unem todos esses pedaços de pano, cheios de lembranças, cheios de histórias, formando uma colcha.

Procurando outras referências de trabalhos de narrativas pessoais, que pudessem de alguma forma, servir de exemplo, de modelo para este trabalho, conheci *Memória e Sociedade: história de velho* (BOSI, 1993) e *O coração do lugar: depoimentos para Guimarães Rosa* (DARDOT; ALMADA, 2006). O primeiro livro é um trabalho da psicologia social, resultado da tese de livre-docência de Ecléa Bosi e apresenta uma reflexão feita a partir de entrevistas com oito idosos, com mais de setenta anos, que viveram em São Paulo desde a infância. Dessa forma, a história da cidade é revisitada por meio da memória de sujeitos que a conhecem desde criança. O segundo livro é o fruto de um trabalho realizado com moradores de Cordisburgo. A partir da realização de entrevistas é construída uma relação entre a realidade vivida por essas pessoas e a obra literária através do agrupamento de memórias individuais e coletivas, tendo como referência o acervo de cartas escritas por João Guimarães Rosa, pertencentes ao Museu Casa de Guimarães Rosa.

Tanto o filme quanto os livros serviram de inspiração para a realização deste trabalho, que tem suas especificidades. Assim, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir da metodologia de *História Oral*, que segundo as historiadoras Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna (2011), é um método baseado na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunho vivo. Ecléa

Bosi (1993) afirma que para o pesquisador que trabalha com a história do presente, é uma felicidade poder contar com tal método, que se ampara em testemunhos vivos.

Podemos considerar que a História Oral tem suas origens na antiguidade grega. Pela primeira vez, a humanidade pensou na reconstrução do passado e, portanto, considerou a necessidade de examinar os testemunhos orais (CELETTI; NOVELLO, 2006). Todavia, foi só a partir de meados do século XX, que a História Oral de fato tornou-se uma categoria metodológica que possibilita o estudo da história do tempo presente.

Muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para a qual as fontes orais são essenciais. Portanto, estruturou-se uma metodologia e uma organização teórica dentro do que passou a se chamar de história oral. (MATOS, SENNA, 2011, p. 99)

Segundo Verena Alberti (1990), este é um método de pesquisa baseado na realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam determinados acontecimentos. Sua aplicação se baseia na reunião de dados de depoentes, geralmente relatados por meio de perguntas estimuladas e que nortearão o depoimento (PARREIRAS; NASCIMENTO; JARDIM, 2017).

Os professores da Universidade de Padova, David Celletti e Elisabetta Novello (2006), ao discorrerem sobre a metodologia de uso de fontes orais em pesquisas, orientam que, uma vez escolhido o objeto da investigação, é necessário identificar as pessoas que mantêm a memória desse evento ou daquele momento histórico particular, buscando, na medida do possível, dar voz, acima de tudo, àqueles que não tiveram outros canais para registro de suas opiniões, relatos, memórias. Assim, as fontes orais podem ser utilizadas para uma série de tópicos, como a história da família, do trabalho, de movimentos políticos, etc. Caberá ao pesquisador avaliar, com base no tema escolhido e na perspectiva que ele deseja investigar, quais são as memórias que ele julga úteis para o trabalho. Para que o testemunho oral possa ser utilizado como fonte, é necessária autorização do participante.

Cabe ressaltar que, ao trabalhar com História Oral, nem sempre o que o pesquisador quer saber coincidirá com o que as pessoas querem contar. Assim, as perspectivas podem sofrer alterações.

Além disso, a agenda da pesquisa pode ser radicalmente transformada pela reunião e pode acontecer a ampliação do escopo da pesquisa ou até mesmo

transformar a ótica e o ponto de vista, após os contatos realizados com os narradores. (CELETTI; NOVELLO, 2006, p. 16, tradução nossa)

As entrevistas que buscam conhecer as histórias de vida, as experiências do entrevistado, são pautadas na memória autobiográfica dos participantes. Segundo Fernando Linhares (2019), esse tipo de memória envolve uma elevada carga emocional e diz respeito a acontecimentos de relevância pessoal, que são comumente associados à história de vida da pessoa, por meio de relações com passado, presente e futuro. Esse tipo de memória pode ajudar a desvendar incógnitas sobre a identidade e subjetividade dos indivíduos.

As memórias podem ser geradas ou lembradas de forma relativamente fácil por um processo de recuperação direta, mas, conforme já foi explicitado, uma memória vai se construindo durante o ato de lembrar, pelas interações, pelas interações entre a base de conhecimento autobiográfico ativada e o sistema do “eu trabalhando”, o que pode facilitar ou inibir a recordação, dependendo da compatibilidade do objetivo. Algumas experiências são tão vívidas (positiva ou negativamente) que podem ser codificadas de maneira a torná-las especialmente disponíveis no processo de construção, e mais resistentes ao esquecimento do que outras memórias. (LINHARES, 2009, p 96)

Essa história, construída no chão social é repleta de meandros e significados e, por isso, deve seguir alguns procedimentos. Uma vez definidos os principais tópicos da entrevista, é aconselhada a elaboração de perguntas específicas para cada tema, que serão um guia para a realização da entrevista (CELETTI; NOVELLO, 2006). Segundo Toutier-Bonazzi (1998) as entrevistas devem seguir um roteiro prévio, sendo conduzidas por equipe técnica capacitada. “Nesse tipo de entrevista, o interesse do entrevistador tem que se manifestar, muitas vezes, a partir de perguntas que animam o narrador, criando e recriando a interlocução, sem a qual a narrativa pode estancar.” (WHITAKER, 2000, p. 150). O local da realização das entrevistas deve ser tranquilo, onde o entrevistado sinta-se à vontade.

A entrevista dirigida prende a testemunha num questionário preestabelecido. A não-dirigida pode fazer com que a testemunha se afaste do tema. A mais indicada é a semidirigida, é um meio termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto. (MATOS, SENNA, 2011, p. 104)

A entrevista semidirigida ou conversa guiada, parte de um roteiro pré-estabelecido que funciona como um lembrete, ou guia para a conversa. Dessa maneira, é necessário que o pesquisador tenha algum conhecimento sobre o tema da

entrevista, permitindo uma conversa fluida. A existência do roteiro não obriga que o entrevistador o siga por inteiro, exatamente como ele foi elaborado. De acordo com o andamento da conversa, podem ser feitas adaptações aos tempos e caminhos seguidos (CELLETTI; NOVELLO, 2006).

Os materiais coletados durante um projeto de História Oral devem ser armazenados para que, caso seja necessário ou alguém queira, seja realizada a conferência dos dados, diretamente na fonte.

Os estudiosos sobre a História Oral ainda discutem sobre a necessidade ou não da realização da transcrição das entrevistas, uma vez que na verdade, ela não é a fonte da pesquisa.

A “fonte oral”, por definição coincide com a gravação de áudio ou vídeo da entrevista. A transcrição da mesma não é uma fonte oral, mas simplesmente uma ferramenta útil, às vezes a única disponível para o pesquisador, para melhor examinar a fonte oral e usar seu conteúdo na forma escrita. (CELLETTI; NOVELLO, 2006, p. 27, tradução nossa)

Caso realize a transcrição total ou parcial das entrevistas para posterior análise, o pesquisador deverá então, respeitar a fala do entrevistado e preservar a comunicação oral.

É evidente que a sintaxe de qualquer discurso deve ser respeitada para uma que uma transcrição seja fidedigna. Assim, se o falante comete erros de concordância ou de regência de verbos, por exemplo, deve-se reproduzi-los em qualquer transcrição. Até porque a norma culta da língua é por vezes desrespeitada mesmo nos grupos que se consideram eruditos. Transcrever erros de sintaxe não configura, portanto, falta de respeito em relação à fala do outro. Falta de respeito seria corrigi-los. (WHITAKER, 2000, P. 155)

Utilizar a História Oral significa ler as entrelinhas das falas e dialogar com o contexto, com a totalidade histórica à qual pertence o narrador. Dulce Whitaker (2000) afirma que cada pausa, cada tema que é repetido, cada palavra com frequência em um determinado momento, cada interrupção, tem um significado para o qual o pesquisador precisa ter sensibilidade. Estas são pistas que revelam um contexto, uma reconstrução cultural.

Nascimento e Almeida (2009), ao trabalharem com entrevistas, afirmam que os pesquisadores são sujeitos sócio-históricos e que, ao se debruçarem sobre seu objeto de pesquisa, vão procurar a compreensão dos sentidos e significados atribuídos pelos outros sujeitos por meio da fala ou de seu silêncio.

3.2 As entrevistas com os membros da Confraria do Fogo

Buscando conhecer as memórias daqueles que já fizeram parte do CBMMG e descortinar narrativas que estão para além dos documentos oficiais e dos registros sobre a história da instituição, utilizei a metodologia da História Oral para realizar entrevistas semidirigidas, com seis integrantes da Confraria do Fogo³¹, grupo formado por bombeiros militares reformados e da reserva que tem por objetivo manter a tradição e a história da corporação. Por trabalhar no CBMMG convivo com centenas de bombeiros militares diariamente. Além disso, meu trabalho está diretamente ligado a preservação da história e da cultura da instituição, o que me proporciona conhecimento prévio em relação ao tema da pesquisa.

A primeira etapa para a realização da pesquisa com os membros da Confraria do Fogo foi a elaboração de um roteiro de entrevista com questões orientadoras da narrativa dentro da perspectiva da História Oral, composto por duas partes. A primeira parte continha questões sobre a trajetória pessoal do entrevistado, sendo dividida em três temas: carreira militar, formação e atuação profissional. Já a segunda parte dizia respeito às ocorrências marcantes, com destaque para os objetos que se encontram no Museu e que foram essenciais para o cumprimento da missão. Também foi necessária a elaboração de um *Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz* e um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* com informações acerca do estudo e os direitos do participante.

Por se tratar de uma pesquisa realizada com pessoas, o projeto, juntamente com o parecer de um professor do programa da pós-graduação, o roteiro de entrevista e os Termos de Autorização de Uso de Imagem e Voz e o de Consentimento Livre e Esclarecido, foram encaminhados ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG. Por meio da assinatura dos termos os participantes autorizaram sua participação na pesquisa e a utilização de seus nomes³², imagens e vozes. Todos os participantes

³¹ Em 2011 esses militares se organizaram juridicamente e a partir de 2015 começaram a cadastrar os integrantes. Hoje, são cerca de 100 membros. O integrante mais velho tem 82 anos e o mais novo tem 45 anos.

³² Por se tratar de um trabalho que pretende expor fragmentos das falas dos entrevistados, valorizando suas memórias, os participante foram informados de que suas identidades seriam reveladas, conforme conta no item 1.E do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo COEP.

foram informados a respeito dos objetivos da pesquisa e sobre a utilização do material coletado.

Após a aprovação³³ da pesquisa pelo COEP, seguindo a sugestão da minha orientadora, para que eu pudesse me familiarizar com a realização de entrevistas e com o método da História Oral, realizei uma primeira entrevista como forma de testar o roteiro e a metodologia.

3.3 A entrevista teste

No dia 09 de abril de 2019, às 09 horas, na sala da TV Bombeiro, na Cidade Administrativa de Minas Gerais (CAMG), realizei uma primeira entrevista, como forma de testar a metodologia, com um membro da Confraria do Fogo, indicado pelo presidente da instituição. Wanderson Cordeiro da Silva, 2º Tenente, de 56 anos, entrou no Corpo de Bombeiros no dia 16 de junho de 1982, aos 19 anos. Após 30 anos de serviço, entrou para a reserva da instituição. A opção de realizar o encontro na Cidade Administrativa foi do próprio entrevistado. A entrevista foi registrada em áudio e vídeo e teve a duração 11 minutos e 45 segundos.

Antes de começar a entrevista, procurei, conforme havia lido nas teorias de História Oral e de realização de entrevistas, conversar sobre diferentes temas com o entrevistado, para assim, criarmos laços de confiança. De certa forma, conseguimos manter um diálogo com assuntos relacionados ao CBMMG, que é nosso interesse em comum. Todavia, quando de fato a entrevista foi iniciada e a filmadora e o gravador foram ligados, percebi que eu, assim como o entrevistado, fiquei constrangida e nervosa. As perguntas foram feitas de maneira mecânica, seguindo todo o roteiro, de forma semelhante a um interrogatório. As respostas foram truncadas, rápidas. Assim, diante de todo o nervosismo e constrangimento do momento da entrevista, tive dificuldade em construir perguntas para além das que estavam previstas no roteiro. A socióloga Dulce Whitaker (2000) afirma que a criação dessas questões que não estavam presumidas, cria e recria uma interlocução com o entrevistado.

A realização da entrevista teste permitiu que eu me aprofundasse no roteiro que havia elaborado e percebesse se as perguntas estavam adequadas, se por meio delas seria possível atingir o objetivo do trabalho. Por meio da realização dessa

³³ Parecer número 3.231.109

entrevista também percebi que para as próximas, seria necessário criar um vínculo maior com o entrevistado para que a entrevista fluísse de uma forma mais leve e fluida, diferente da entrevista teste.

3.4 Primeiras análises

Ao elaborar o roteiro da entrevista, diante das perguntas, que tratavam de aspectos da vida e carreira do militar, minha expectativa era de que a conversa teria a duração de pelo menos meia hora. Mas, como resultado obtive uma entrevista de 11 minutos e 45 segundos, o que me frustrou, mas também me possibilitou utilizar a transcrição completa como ferramenta para análise. Segundo Dulce Whitaker (2000), analisar entrevistas requer dados fidedignos e dedicação do pesquisador. Assim, ela sugere que a análise seja feita a partir da transcrição da entrevista e não, direto da fala gravada ou do vídeo.

Para a realização da transcrição da entrevista teste me amparei nas orientações e os códigos sugeridos pelas historiadoras Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna, no artigo “História oral como fonte: problemas e métodos” (2011):

- Transcrição realizada pelo próprio pesquisador;
- Passagens pouco audíveis coladas entre colchetes;
- Dúvidas, silêncios, pausas no discurso, assinalados por reticências;
- Forte entonação assinalada em negrito;
- Anotações como risos, dificuldade em lembrar nomenclaturas, grifadas;
- Gestos significativos como voz embargada, olhos marejados, entre parêntesis;
- Subtítulos para facilitar a leitura.

Após a transcrição, realizei a conferência da fidedignidade. Processo no qual ouvimos a gravação, tendo o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interrupções, pausas, etc. (DUARTE, 2004).

Todos os turnos de falas foram numerados sequencialmente. Para a discussão de nossa análise, utilizei excertos indicando os interlocutores e o número do turno de fala (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2009).

Para realizar a análise da primeira entrevista, utilizei a análise do discurso que é uma forma de interpretar, compreender os discursos produzidos pelos sujeitos, sendo

“uma maneira de problematizar as maneiras de ler, de modo a levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações de linguagem.” (SANTOS, 2008). Também utilizei como ferramenta o método de análises temáticas que consiste em organizar as informações recolhidas em três ou quatro eixos temáticos, articulados aos objetivos da pesquisa (DUARTE, 2004).

Como eixos temáticos para a análise, delimiti os temas já pré-estabelecidos no roteiro da entrevista. Ao analisar a entrevista organizei os elementos que tem destaque na fala do entrevistado acerca de cada temática conforme o quadro 1:

Eixo Temático	Elementos em destaque
Carreira Militar	Oportunidade; evolução; concurso; estudo; família
Formação	Recruta; primeiras ocorrências; corpo; escola; trabalho braçal; evolução
Atuação Profissional	Equipamentos; evolução; corpo; corporativismo; gratidão;
Ocorrências e objetos	Responsabilidade; corpo; capacitação; desencarceradores; soterramento; família

Quadro 1: Elementos organizadores da análise temática

Sobre a **carreira militar**, o entrevistado, que entrou no Corpo de Bombeiros em 1982, momento em que a instituição fazia parte da PMMG e que o Brasil, ainda no período de Ditadura Militar, vivia um período de recessão, de forte inflação, acompanhado de uma forte queda do salário real (BRESSER, 1989), diz que escolheu a profissão porque aquela era uma época de dificuldades econômicas e as oportunidades de emprego que existiam, eram no funcionalismo público. Assim como na atualidade a forma de ingresso no Corpo de Bombeiros também era por meio de concurso, todavia, o nível de escolaridade exigido e os testes não são os mesmos de hoje em dia. Em 1982 o nível de escolaridade exigido era a 4ª série do Ensino Fundamental e não havia teste físico no concurso. Hoje, o candidato deve ter o Ensino Médio completo, além de passar por testes físicos.

Na temática **formação**, o entrevistado discorre sobre seu tempo de formação, as disciplinas cursadas e sobre as primeiras ocorrências atendidas que foram inundações no centro de Belo Horizonte. Wanderson fala do vínculo entre os

integrantes de sua turma e de que, mesmo após já terem ido para reserva, continuam mantendo contato.

16. Wanderson: É. A minha escola nós começamos com cinquenta e se não me engano, nós formamos com trinta e cinco a trinta e oito militares. E até hoje a gente mantém contato. Nós montamos um grupo de whatsapp... E nós, já depois de ido pra reserva, dados os trinta anos de coisa... Nós já promovemos quatro encontros de turma e também tem mais um previsto agora pro dia 15 de junho que é... Vamos fazer trinta e seis anos de carreira.

Ao discorrer sobre a **atuação profissional**, o entrevistado exprime o sentimento de gratidão de quando chegar ao quartel ou em casa após o cumprimento de suas missões. Ele dá destaque ao espírito de corpo, como sendo sua maior lembrança da época de atuação no CBMMG.

24. Wanderson: Olha, eu vejo o... A melhor lembrança é o corpo, o corporativismo dos integrantes do Corpo de Bombeiros. Um não deixa o outro para trás. Sempre um próximo do outro. Ninguém trabalha isolado. É o grupo que trabalha que vai e volta junto.

Na última parte da entrevista, com a temática de **ocorrências marcantes e objetos**, mais uma vez, o corpo está presente. Ao ser questionado sobre os objetos que simbolizam a atuação do Corpo de Bombeiros, o entrevistado, que era condutor de viaturas, responde sobre a preocupação com o companheiro de trabalho.

30. Wanderson: Olha, é difícil porque o meu posto em 87 foi é... Eu fui Sargento condutor de viaturas. Então a minha função era conduzir as viaturas até o local de trabalho. Além de ser o condutor eu era Chefe de Guarnição e muitas vezes Chefe de Serviço. Então, a gente tinha uma preocupação muito grande com o homem que tava indo conosco. O bombeiro militar. Então a nossa situação era: levar e trazer para que as pessoas possam ter o descanso.

Ao longo da entrevista, evolução é um tema recorrente. Surgem palavras como: evolução (por duas vezes); modernização (por 3 vezes); inovações; obsoletos; retrógrados. Outro tema que também tem destaque na fala do entrevistado é o das capacitações que ocorrem dentro da instituição: conhecimento, cursos e instrução (por duas vezes) são palavras que aparecem durante a entrevista.

Como diariamente eu convivo com bombeiros militares, conheço a maneira com a qual eles se expressarem através da fala. Assim também pude notar que,

mesmo estando na reserva, o entrevistado continua utilizando palavras e expressões que são típicas dos militares: recruta; adentrar; ala operacional; aquartelamento; missão; ser destacado; guarnição.

Outro ponto que chamou atenção foi o fato de o participante ter um irmão que também é militar. Por trabalhar com militares desde 2011, percebi que muitos ingressam na carreira militar por uma tradição de família.

Ao entrar para a reserva com trinta anos de serviço, Wanderson tem atualmente, sete anos que não está em efetivo serviço. Assim, por meio dos pontos que chamaram atenção na análise da entrevista, foi possível perceber que ele ainda carrega uma fala institucional, disciplinada, que exprime que a corporação está sempre em evolução, em uma crescente e que não deixa transparecer possíveis falhas da instituição. Dessa forma, mesmo discorrendo sobre um período de trinta anos, Wanderson não deixa transparecer alguma fala que contradiz sua instituição. O entrevistado passa quase toda a entrevista olhando para um ponto fixo (não olha para a câmera e nem diretamente para a pesquisadora), mostrando um controle de suas emoções. É o reflexo de um ser que foi moldado para ser militar, treinado para ser parte de um corpo uniforme, alguém que representa uma corporação. Assim, sua oralidade é de um rigor temporal, além de estar repleta de termos que o identificam como parte desta instituição.

4. O BAÚ DE MEMÓRIAS DOS MEMBROS DA CONFRARIA DO FOGO

4.1 Um corpo formado por muitos bombeiros

A entrevista teste, realizada em abril de 2019 foi um guia para a adequação e realização das demais entrevistas. Por meio dela, percebi que existe uma interlocução entre as memórias pessoais e institucionais. Normalmente, cada bombeiro militar, ao ingressar no CBMMG, serve por trinta anos³⁴ ininterruptos, para então, entrar para reserva e depois, serem reformados. Isso significa que grande parte de sua vida, sua juventude e vida adulta são dedicadas à instituição e, portanto, muitas de suas memórias pessoais são marcadas por traços da corporação. Outro elemento que foi destacado a partir da primeira entrevista, foi a relação do corpo. Esperón (2013), diz que corpo é energia, uma relação de forças. Um corpo se efetiva junto a outros corpos produzindo, afirmando relações, encontros e conexões. Assim, uma instituição que leva em seu próprio nome o corpo, é formada pela relação, união de vários corpos, dos indivíduos que a compõe, formando um único corpo, onde um é responsável pelo outro, pela segurança do outro, o que é possível perceber por meio da fala do entrevistado. O filósofo Michel Serres (2004) ao discorrer sobre o corpo utiliza como metáfora um indivíduo que está subindo uma íngreme montanha. Para suportar a subida, ele precisa que cada célula, cada órgão de seu corpo trabalhe de maneira conjunta.

Para que consiga realizar uma caminhada sem fadiga na montanha, mesmo que o percurso seja árduo, basta que, dentro do silêncio, nunca se perca nenhum tema ou nenhuma de suas variações: a partir do ouvido externo, eles enviam preciosos sinais de segurança e equilíbrio ao ouvido interno. Esse canto prodigioso e intenso que surge do corpo exposto ao movimento ritmado do coração, à respiração e à regularidade parece sair dos receptores musculares e das articulações, do sentido dos gestos e do movimento para invadir inicialmente o corpo e depois o ambiente, com uma harmonia que celebra sua grandeza e que, posteriormente, se adapta transbordante ao próprio corpo que a emite. (SERRES, 2004, p. 15)

Pela observação do cotidiano e pelo o que foi dito pelo participante, pude inferir que, assim é o corpo formado pelos bombeiros militares. Um corpo no qual um membro nunca trabalha sozinho³⁵, onde há uma união, um companheirismo e que

³⁴ Sendo que a bombeiro feminino serve por vinte e cinco anos.

³⁵ Uma das primeiras lições que os bombeiros militares aprendem no período de formação é a de nunca ficar sozinho em nenhum atendimento de ocorrência.

cada membro depende do outro para o cumprimento de sua missão. Assim, a instituição que leva o corpo no próprio nome, é formada por vários membros, os bombeiros militares, que formam uma unidade.

Michel Serres (2004) também defende que corpo pode ser entendido como essencial para a realização de várias tarefas, que não podem ser substituídas por máquina. Mesmo com toda a evolução e desenvolvimento tecnológico que Wanderson cita, a essência do trabalho do Corpo de Bombeiros continua sendo realizada pelos corpos humanos.

Mas estes corpos que compõe o Corpo de Bombeiros são corpos uniformizados. Os treinamentos, as regras de conduta, os uniformes, as insígnias, mascaram o indivíduo e trazem uma uniformidade. Em um primeiro momento, parecem ser corpos sem identidade, sem individualidade. Contudo, por meio das lembranças, da ativação da memória, que tem características individuais, podemos conhecer o sujeito que dá vida a esse corpo uniforme. Ser capaz de lembrar e lembrar algo do passado são o que sustentam a identidade.

O exercício da capacidade de lembrar e esquecer são únicos. Cada pessoa tem “suas próprias memórias”, que não podem ser transferidas para outras pessoas. É esta singularidade das memórias e a possibilidade de ativar o passado no presente – a memória como presente do passado – que definem identidade pessoal e autocontinuidade ao longo do tempo. (JELIN, 2002, p. 19. Tradução nossa)

Outra maneira de entender o corpo é por meio do vigor físico. O corpo trabalhador e o corpo esculpido são fenômenos do cotidiano social, nos quais são consolidados hábitos da moral e higiene (SOARES; KANEKO; GLEYSE, 2015). Instituições militares prezam por esses hábitos e, no caso do CBMMG, a robustez física, faz parte de seus valores, conforme descrito em seu site institucional (www.bombeiros.mg.gov.br). Por desempenharem atividades em que o corpo é levado ao limite, todo o treinamento físico do Corpo de Bombeiros é formulado para que seus integrantes alcancem uma robustez física e consigam nadar, correr, escalar montanhas, enfrentar temperaturas elevadas, entrar em estruturas colapsadas, etc. Ao falar em corpo, corporativismo, relação com os colegas de turma e trabalho braçal, o primeiro entrevistado utiliza dos três conceitos de corpo aqui apresentados.

Tendo o corpo como elemento fundamental da primeira entrevista, iniciei a realização das demais entrevistas que fazem parte do trabalho e produção da proposta de instalação para o MMM.

4.2 As seis entrevistas

Após a análise da primeira entrevista realizei alguns ajustes no roteiro da entrevista. Este trabalho pretende conhecer e valorizar as memórias do sujeito, conhecer quem está por de trás da farda, da uniformização proposta pela corporação, sua individualidade, todavia as perguntas não exploravam quem é esse indivíduo. Assim, o primeiro ajuste foi, após a apresentação da pesquisadora, iniciar a entrevista pedindo para o entrevistado se apresentar, dizer quem ele é. Na segunda parte, sobre ocorrências marcantes e objetos, alterei a ordem das questões, deixando as perguntas agrupadas por tema. Assim, comecei pela pergunta número 9 e, buscando conhecer mais acerca do sentimento do bombeiro militar ao atender uma ocorrência, acrescentei uma questão sobre isso:

- Qual foi a ocorrência mais marcante da carreira do senhor?
- Qual era o sentimento/sensação que o senhor tinha ao chegar em casa depois de um dia de trabalho? Depois de atender ocorrências?

Após essas perguntas sobre as ocorrências, foram feitas as três perguntas acerca dos objetos (8, 10 e 11) para então, encerrar com uma questão sobre o Museu dos Militares Mineiros.

Essas pequenas mudanças no ordenamento das perguntas possibilitaram maior coerência entre os temas e fluidez da entrevista. A pergunta que foi acrescentada, por tratar de sentimentos, trouxe maior emoção às lembranças dos entrevistados.

Percebi que o entrevistado da entrevista teste teve dificuldades de entender e responder as questões acerca dos objetos. Assim, buscando ativar as lembranças dos participantes da pesquisa, ao agendar as entrevistas, pedi que, caso tivessem, que levassem para as entrevistas, artefatos e fotografias de suas épocas de atuação. Ainda pensando no processo de ativação das lembranças, pretendia realizar as

próximas entrevistas³⁶, no próprio MMM, local que está repleto de objetos e fotografias do Corpo de Bombeiro e que poderiam facilitar o processo de ativação de lembranças. Todavia, no mês de julho, houve um furto nas instalações elétricas do museu que acarretaram seu fechamento temporário³⁷, devido à falta de energia elétrica, essencial para o funcionamento do espaço. Diante da impossibilidade de realizar as entrevistas no MMM, cada uma foi agendada em um local onde o entrevistado se sentisse à vontade, sugerido por ele mesmo.

A princípio eu pretendia realizar entrevistas com dez membros da Confraria do Fogo. Mas a dificuldade de conciliar minha agenda com a dos participantes, bem como o tempo para o término da pesquisa, permitiram a realização de seis entrevistas. No período compreendido entre 12/09/2019 e 08/10/2019, conforme disponibilidades dos participantes foram, então, realizadas seis entrevistas com os bombeiros associados à Confraria do Fogo. Os dois primeiros entrevistados foram indicados pelo presidente da instituição, que fez um primeiro contato com cada um deles. Depois, cada entrevistado indicou outras pessoas para participarem. A Confraria do Fogo é formada por um grupo diversificado de bombeiros militares, que tem em comum serem reformados ou fazerem parte da reserva do CBMMG. São homens e mulheres das mais variadas idades e formações. Assim, buscando uma heterogeneidade para a pesquisa e conhecer diferentes sujeitos da instituição, entrevistei tanto praças, quanto oficiais³⁸, das mais variadas idades. Em um contexto no qual a presença masculina é proporcionalmente muito maior do que a presença feminina, entrevistei cinco homens e uma mulher³⁹. Como o ingresso feminino na corporação aconteceu em 1993, a Confraria do Fogo, nos últimos anos, tem recebido suas primeiras associadas, que estão completando 25 anos de serviço e se aposentando.

O desenvolvimento e acesso cada vez mais fácil à tecnologia que vivemos na atualidade possibilitou que, com meus próprios recursos eu registrasse as entrevistas em vídeo e áudio. Com uma câmera digital e um smartphone em mãos, foi possível a

³⁶ A realização das entrevistas no MMM estava devidamente autorizada conforme Termo de Anuência assinado pela Superintende de Museus.

³⁷ O MMM só foi reaberto em dezembro de 2019.

³⁸ Os militares do CBMMG são distribuídos em duas classes: praças e oficiais. Essas classes são subdivididas conforme o nível de responsabilidade e qualificação profissional. São praças os soldados, cabos, sargentos e subtenentes. Os oficiais são os aspirantes, tenentes, capitães, majores, tenentes-coronéis e coronéis. Ao reformarem, os militares recebem promoção imediata.

³⁹ Desde o ingresso da primeira turma de mulheres no Corpo de Bombeiros, em 1993, o número de mulheres sempre foi reduzido em relação ao número de homens. Hoje, por meio da Lei 22.415, de 16 de dezembro de 2016, o número de militares do sexo feminino é de até 10% do efetivo previsto.

realização desse trabalho. Todos os arquivos foram armazenados em pen-drive, na nuvem do Google Drive e em HD externo da Adjuntoria de Comunicação e Cultura da Assessoria de Comunicação do CBMMG.

Com os procedimentos metodológicos ajustados, era então, hora de partir para o campo e começar a revirar o baú de memórias dos membros da Confraria do Fogo. Para tanto, procurei ir para as entrevistas conhecendo um pouco de cada participante. Assim, no contato prévio, perguntava um pouco sobre cada um deles, nome, idade, ano de ingresso no Corpo de Bombeiros, etc. Também busquei lembrar-me de fatos que conhecia ou histórias que já havia ouvido sobre alguns episódios do CBMMG. Isso possibilitou que as entrevistas fossem conduzidas como uma conversa, um bate papo. Com maior domínio sobre o tema e, conhecendo um pouco dos entrevistados, consegui formular perguntas que não estavam previstas, criando e recriando uma interlocução com o entrevistado (WHITAKER, 2000). Dessa forma, não fiquei presa ao roteiro e ele foi um guia, um norteador para a entrevista, como deve acontecer nas entrevistas semidirigidas.

Diferentemente da entrevista teste, todas as outras seis entrevistas atingiram minha expectativa de duração de pelo menos meia hora de conversa. Assim, obtive entrevistas entre 36 minutos e 19 segundos e 63 minutos e 65 segundos. Por questões de armazenamento e durabilidade da bateria da câmera que eu estava utilizando, uma Sony HDR – CX220, as gravações de cada entrevistado foram divididas em até três vídeos. Os dados foram salvos com o nome do participante, data e número do fragmento do vídeo (1, 2 ou 3). Como ferramenta para mapear as falas dos entrevistados utilizei Quadros de Narrativas que, segundo Rodrigo Drumond Vieira (2011), são instrumentos de análise no qual o discurso é dividido em segmentos que facilitam a leitura, a análise e a utilização dos excertos. Para Greciene Maciel e Sylvania Nascimento (2015), essa ferramenta permite uma análise panorâmica do objeto, identificando sua duração, os atores envolvidos e o contexto das falas.

O primeiro passo para a construção dos Quadros de Narrativas foi ver e rever, algumas vezes, os seis vídeos de forma atenta, delimitando os temas que foram comuns a todas elas. Após o trabalho de assistir os vídeos, corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes da carreira surgiram como temas para a instalação.

Com os temas definidos, o segundo passo foi elaborar um Quadro de Narrativa para cada temática. Cada quadro foi elaborado com o contexto da fala, a identificação do entrevistado, a transcrição do fragmento, que foi realizada segundo os mesmos

princípios da entrevista teste e a marca de tempo da fala. As transcrições dos fragmentos foram feitas a partir das filmagens e dos áudios armazenados no smartphone. Dessa maneira, após inúmeras escutas, da realização das transcrições e da conferência de fidedignidade, estavam prontos os Quadros de Narrativas.

Além dos Quadros de Narrativas que contemplavam cada tema, elaborei um Quadro de Identificação com as apresentações de cada participante, pois para este trabalho era importante conhecer a individualidade de cada membro do corpo. A temática do corpo recebeu dois Quadros de Narrativas. Um referente ao corpo como vigor físico e outro quadro referente ao corpo como a união de vários membros. As transcrições foram realizadas de acordo com a sequência que as entrevistas foram realizadas. Os turnos das falas foram numerados sequencialmente em cada quadro e os interlocutores identificados por meio de seus nomes militares. Todos os Quadros de Narrativas e o Quadro de Identificação encontram-se anexos a este trabalho.

5. UMA INSTALAÇÃO PARA O MUSEU DOS MILITARES MINEIROS

5.1 Os seis Confrades de Fogo

Aqui, conheceremos um pouco dos seis confrades que, de forma voluntária e generosa, participaram da pesquisa, abriram e remexeram seus baús de lembranças para ativarem suas memórias. Contaram sobre seu ofício, como ingressaram no Corpo de Bombeiros, as dificuldades, os melhores momentos, as lembranças que ainda trazem emoções, as saudades, as relações com os colegas de turma, como a família lidava com os perigos do trabalho. Por meio da entrevista, contaram sobre diversos capítulos de suas vidas, que podem ser chamadas de microbiografias, para que fosse possível o conhecimento e a divulgação de algumas narrativas que ainda não estão presentes na expografia do MMM. São narrativas múltiplas, diversificadas e plurais, para além da narrativa apresentada atualmente no equipamento cultural. São vários pontos de vista sobre a mesma instituição e que nos permitem identificar e conhecer o sujeito que está por trás do uniforme, da uniformização imposta pela corporação.

Antônio Dias da Silva

No dia 12 de setembro de 2019, no período da tarde, Tenente Dias, abriu sua casa, no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte, para que eu fizesse uma entrevista com ele e com seu colega na Confraria do Fogo, Tenente-Coronel Simil. Logo que cheguei à casa do Tenente Dias, ele me apresentou sua esposa e me mostrou algumas fotografias que possuía da época em que servia no Corpo de Bombeiros. Uma delas, inclusive, era de um dos fatos que ele relatou durante a entrevista. E, com expressão de orgulho, me mostrou um porta retratos no qual estava uma foto de seu neto mais velho que, desde 2014 é soldado da PMMG, seguindo assim, a carreira militar do avô. Realizamos então, a entrevista em sua sala de jantar, com a foto do neto sobre a mesa.



Figura 6. Entrevista com Ten Dias



Figura 7. Fotografia da ocorrência relatada no Quadro de Narrativas –
Fatos Marcantes da Carreira – Excerto 6 (Foto Acervo Ten Dias)

Comecei a entrevista pedindo para que o participante se apresentasse. Antônio Dias da Silva, 77 anos, com formação de Ensino Fundamental, se apresentou como Tenente reformado do Corpo de Bombeiros, tendo ingressado no então Corpo de Bombeiros do Estado de Minas Gerais no dia 02 de maio de 1963, aos 21 anos. Hoje, na reserva do Corpo de Bombeiros, ele ainda lembra com precisão de detalhes de diversos fatos que vivenciou na corporação.

1. **Ten Dias:** Bom, meu nome é Antonio Dias da Silva, Tenente reformado do Corpo de Bombeiros... É... eu entrei pro Corpo de Bombeiros em 1963, no dia 02 de maio. Aí nesse período eu fiz a **famosa** escola de recrutas de maio a janeiro de 64. Trinta e um de janeiro de 64 eu formei soldado. (Excerto Quadro de Narrativas – Apresentação)

Em uma conversa de 38 minutos e 54 segundos, foi possível conhecer diversos relatos do militar que, diz ainda sonhar com sua época de serviço no Corpo de Bombeiros.

10. Ten Dias: Eu chego a sonhar hoje as vezes quando eu tava na escola. Escola de recrutas, chego a sonhar. Sonho às vezes com as coisas do serviço. O bombeiro não saiu de mim não. Eu saí dele, mas ele não saiu de mim. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)

Ten Dias forneceu relatos detalhados sobre o fardamento da década de 1960; treinamentos; atendimento à ocorrências; diferença do serviço de rua e do serviço administrativo; período em que serviu na PMMG; casos curiosos e sobre a sensação de chegar em casa, depois de um dia de trabalho, com o sentimento de dever cumprido.

Adimar Simil Silva

Ao terminar a entrevista com o Ten Dias, comecei a entrevista com Tenente-Coronel Simil, também na sala de jantar da casa do Ten Dias. Com 56 anos de idade e Ensino Superior completo, o entrevistado começou sua apresentação contando sobre seu ingresso na instituição, seguindo assim, os passos de seu pai que também era militar. Segundo o entrevistado, devido à inserção do Corpo de Bombeiros à PMMG, havia certa mobilidade nas funções de cada militar. Assim, vários bombeiros militares, em algum momento da carreira foram transferidos para os quadros da PMMG e vice-versa. Ten-Cel Simil foi o único entrevistado de toda a pesquisa, que já ingressou como oficial, além de também ter sido o único que escolheu ingressar como policial militar, fazendo concurso para a PMMG e posteriormente, por uma questão pessoal, para poder ficar em Belo Horizonte, fez concurso interno para ser bombeiro militar.

- 2. Ten-Cel Simil:** Andréa, é um prazer tá te conhecer, gostaria de agradecer essa oportunidade de falar né? De conversar sobre o Corpo de Bombeiros. Eu me realizei muito nessa profissão. Eu ingressei na corporação, na Polícia Militar de Minas Gerais, aos 16 anos. E à época, o Corpo de Bombeiros ele pertencia à Polícia Militar e eu fiz todo o meu trabalho, todo o meu estudo voltado para a carreira policial militar. O meu pai ele é policial militar, tá? E... e a gente praticamente segui os passos do pai. Eu estudava no Colégio Tiradentes, quando eu inteirei a

idade, aos 16 anos, me foi permitido inscrever no concurso. Eu fiz as provas e iniciei, vim pra Belo Horizonte e iniciei meu trabalho, meu estudo aqui na Academia de Polícia Militar de Minas Gerais. E... a minha ida para o Corpo de Bombeiros foi quase que acidental, assim, foi uma questão da carreira policial militar. Eu trabalhava no 19º Batalhão que é na cidade de Teófilo Otoni, Minas Gerais, é a minha região, é onde... região de onde eu sou originário... Natural de lá. E... e conheci uma moça de Governador Valadares e noivei dela. E o comandante queria me transferir porque vagou um comando de pelotão, e eu era segundo tenente, na cidade de Araçuaí, **mais três horas pra cima, já no Vale do Jequitinhonha, lá pro lado de Diamantina.** E eu queria voltar pra Valadares porquê... a minha esposa, a minha atual esposa, que era minha noiva, morava lá. Aí ficou aquela situação difícil, porque o comandante precisava de mim lá e eu queria voltar pra Valadares. E ir para Araçuaí casado, era sem condições. A esposa não aceitava ir. Então surgiu o concurso pra os oficiais que quiserem, quisessem fazer o curso de bombeiro pra oficiais na Polícia Militar, viria pra Academia, faria um curso de um ano e seria do Corpo de Bombeiros. Aí eu fiz a inscrição... Entre 30 candidatos, só dois passaram... Eu fui um dos dois... Ai eles fizeram um outro concurso e completaram. Aí eu fiquei um ano. O ano de 1987 **todinho** eu fiquei em BH, né? Estudado na Academia de Polícia Militar, em convênio com o CEFET, estudando muita hidráulica, muita matemática, cálculo... essa área todo de prevenção contra incêndio: combate a incêndio, mergulho, salvamento em altura... Então., depois de fazer um CFO de 5 anos... e, onde a gente tinha também matéria de prevenção contra incêndio, eu fiz o curso de um ano específico para atuar no Corpo de Bombeiros. Aí fui transferido para o 1º GI, ao término de curso, no ano de 1997, aos 25 anos, aí comecei minha carreira no Corpo de Bombeiros. (Excerto Quadro de Narrativas – Apresentação)



Figura 8. Entrevista com Ten-Cel Simil

Em 50 minutos e 77 segundos Ten-Cel Simil falou da alegria que foi servir no CBMMG; fez comparações entre PMMG e CBMMG; relatou ocorrências no interior do estado de Minas Gerais; falou do processo de desvinculação da PMMG; contou sobre

seus comandados e disse que contar sobre suas lembranças foi muito importante para ele sentir-se mais vivo e lembrar-se de como foi bom servir.

Ten-Cel Simil ingressou na PMMG no ano de 1980, aos 16 anos. À época, o complemento dos estudos do Segundo Grau (hoje Ensino Médio) poderia ocorrer na Academia de Polícia Militar. Hoje, para ingressar na Polícia Militar, o candidato tem que ter Ensino Superior completo.

Antônio Mário de Almeida

No dia 19 de setembro de 2019, realizei a entrevista com o Subtenente Antônio Mário, na sede da União dos Militares do Estado de Minas Gerais (UMMG), no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte. A UMMG⁴⁰ é uma associação representativa de classe criada com a finalidade de amparar os policiais e bombeiros militares transferidos para a reserva e reformados. Dessa maneira, sua sede é frequentada por diversos militares que já se aposentaram, o que proporcionou que eu tivesse contato⁴¹ com vários deles e que, o entrevistado conversasse com alguns de seus contemporâneos antes da entrevista. Foi interessante notar a amizade que existe entre esses militares. Cada um que passou por nós, parou, cumprimentou, conversou, contou algum caso da época em que estava na ativa. Após essas conversas, fomos para uma sala reservada na UMMG e iniciamos nossa entrevista.



Figura 9. Entrevista com Subten Antônio Mário

⁴⁰ Mais informações em www.ummg.org.br

⁴¹ No dia da entrevista tive contato com policiais militares reformados ou da reserva.

Aos 72 anos de idade e com Ensino Fundamental completo, Subten Antônio Mário se apresentou contando como foi o ingresso no Corpo de Bombeiros.

- 3. Subten Antônio Mário:** Na verdade eu tinha saído de um emprego, no fim de 71 e... não tinha nada, procurava emprego e não conseguia. Por acaso eu, eu passando num lugar e tinha um, um, um... uma organização de festas ali na Floresta e cheguei lá e conversei com o pessoal “Não você fica aqui ajudando a gente e tal” e os rapazes, o dono, ele era é... era militar, bombeiro. E os garçons que trabalhavam com ele também. Alguns né? E, e ele fornecia salgados pra cantina no, no 1º Batalhão de Bombeiros, que a princípio só tinha o 1º. E mandou que eu fosse lá levar uns salgados lá pra cantina. Cheguei lá, eu fui chegando e fui recebido assim pelo pessoal, conversa com um, conversa com outro e fui fazendo amizade. E os colegas e o próprio, o nome dele: Manoel Diniz. E o Diniz falou pra mim: “Por que cê não entra pro bombeiro”? E aí eu falei “Vamos ver quando tiver vaga”. E aí saíram as vagas né? E eu fui lá fazer inscrição e... fiz a prova. Na primeira prova eu perdi no psicotécnico... É... por sinal eu descobri que é, me deram uma folha de papel em branco pra é, é, desenhar uma árvore e um casal em trajes de banho, de piscina, ou praia e tal. E e eu fiz ao meus modos os desenhos e perdi o psicotécnico. E aí, conversando com a pessoa depois “O que você fez no desenho?” eu falei “Não, eu desenhei o caszinho, um homem e uma mulher e uma árvore.” “Mas você desenhou mais alguma coisa?” “Não.” “Moço, você tinha que fazer uns risquinhos embaixo pra entender que eles estavam pisados no solo e a árvore com as raízes embaixo do chão, entendeu? (faz gestos de desenhar com as mãos) E você deve ter perdido por isso.” E dei sorte que com oito dias eles marcaram de novo, aí eu fiz o **mesmo** desenho, os mesmo desenhos e (mais uma vez faz gestos como se estivesse desenhando) coloquei os risquinhos com é, é, é (gagueja), o casal é, pisado no solo e, lógico que as raízes da árvore ficaram pra dentro do chão (mostra com as mãos as raízes) e passei. Eu creio que foi isso. (Excerto Quadro de Narrativas – Apresentação)

Em uma entrevista de 63 minutos e 65 segundos, Subten Antônio Mário demonstrou uma urgência em relatar suas lembranças, que foram cheias de riquezas de detalhes: datas, localizações e nomes. Assim, o entrevistado contou sobre diversas ocorrências, sobre as várias viagens que tinha que fazer a trabalho, sobre os colegas de trabalho e sobre as dificuldades financeiras da corporação antes mesmo que perguntas fossem feitas.

Geraldo Raymundo Alves

A entrevista do Tenente Geraldo também foi realizada no dia 19 de setembro, na sede da UMMG. Aos 72 anos de idade e Ensino Médio completo, Ten Geraldo se

apresentou de forma sucinta. Mas no decorrer de sua entrevista com duração de 58 minutos e 36 segundos, ele detalhou sobre diversos fatos de sua carreira e sobre como sempre ia trabalhar disposto a atender as ocorrências. Todos os fatos foram relatados com riqueza de detalhes.

4. **Ten Geraldo:** Pois é, eu me chamo Geraldo né? Mais conhecido como Geraldinho... É, vim do interior do estado e fui para o Corpo de Bombeiros em 1960. Exatamente 11 de março de 1960. (Excerto Quadro de Narrativas – Apresentação)



Figura 10. Entrevista com Ten Geraldo

Logo que encerramos a entrevista, Ten Geraldo disse que algum dia antes tinha procurado em sua casa suas recordações sobre seu ofício de bombeiro militar. Assim, ele me mostrou uma pasta com algumas fotografias. Eram fotografias utilizadas na identificação militar e algumas com os colegas de trabalho. Ele também disse que em casa, tinha algumas cópias de reportagens sobre o Corpo de Bombeiro e, caso fosse de interesse do MMM, ele poderia doar estas cópias.



Figura 11. Ten Geraldo no início da década de 1960.

(Foto acervo Ten Geraldo)

Celso Sérgio Ferreira

No dia 26 de setembro de 2019, realizei a quinta entrevista da pesquisa, na casa do próprio entrevistado, no bairro Santa Teresa em Belo Horizonte. Coronel Celso Sérgio Ferreira, 82 anos de idade e Ensino Superior completo ingressou na corporação em 1957. Durante sua carreira teve a oportunidade de ir para a PMMG, mas preferiu continuar no Corpo de Bombeiros. Antes que eu começasse a entrevista, Cel Celso foi até outro cômodo de sua casa e pegou dois capacetes que ele havia utilizado em seu trabalho. Um preto e um branco. Ambos os capacetes de oficiais. Depois, ao longo da entrevista, ele explicou sobre os capacetes.

- 5. Cel Celso:** Bem, meu nome é Celso Sérgio Ferreira, eu assentei praça no Corpo de Bombeiros... depois prestei exame pra Cabo e CFO, passei nos dois. Fui pro CFO. Saí oficial em 1957. Nesse tempo o Bombeiro era separado da Polícia Militar... e o último posto de bombeiro era de Capitão. Como eu tinha paixão pelo Bombeiro e daí pra mim era coisa secundária, eu preferi ficar no Bombeiro. E o destino levou... exatamente a uma coisa que não era prevista. Eu acabei, dada a reintegração do Bombeiro com a Polícia Militar, fiz uma carreira muito bem sucedida, melhor do que o pessoal da Polícia Militar. Da minha turma. E... fiquei como Coronel mais antigo da PM por alguns anos. Reformei... e continuo sempre em atividade, porque eu acho que atividade é importante. Trabalhar é importante. Continuo na atividade e pretendo morrer trabalhando. (Excerto Quadro de Narrativas – Apresentação)

23. Cel Celso: Bem, esse aqui é um capacete antigo (pega no capacete preto), é, é, é, ele o cabo e soldado tinha um pirulitozinho aqui em cima. O de sargento tinha, essa parte aqui (mostra a crista do capacete) a gente chamava de telha, mas a telha era diferente. E do oficial tinha essa telha mais bordada. Esse era o capacete de oficial (pega o capacete e mostra para a pesquisadora). Esse aqui ó, tá escrito aspirante, 1957. Se você quiser levar ele lá pro museu, pode levar. Depois, para destacar, eles fizeram esse capacete branco (pega o capacete branco e mostra para a pesquisadora) que era só para os oficiais (coloca na cabeça). E parece que hoje ainda é esse capacete branco que (volta o capacete para a mesa) é usado só pelos oficiais. (Excerto Quadro de Narrativas – Artefatos de Trabalho)

Em 50 minutos e 54 segundos, o Coronel que idealizou e fundou a Confraria do Fogo e que hoje é consultor de empresas para assuntos relacionados à prevenção e combate a incêndio, impressiona por sua lucidez. Durante a entrevista, além de relatar fatos que marcaram sua trajetória no Corpo de Bombeiros mineiro, ele fez uma comparação das leis e formas de trabalhar de outros corpos de bombeiros do Brasil e do mundo, como Rio de Janeiro, São Paulo, Itália, Estados Unidos e França.



Figura 12. Entrevista Cel Celso

Após a entrevista, Cel Celso me apresentou sua esposa, mostrou fotos dos seus filhos e netos e se colocou a disposição caso fosse necessário realizar outras entrevistas.

Érika Luíz Reis

No dia 08 de outubro de 2019, executei a última entrevista do trabalho com a Tenente Érika, em uma sala de reuniões da CAMG. Aos 45 anos de idade e com

Ensino Superior completo, Ten Érika foi integrante da primeira turma de mulheres a ingressar na corporação, em 1993 e, foi a única mulher a participar da pesquisa.

6. **Ten Érika:** Bom, meu nome é Érika, eu tenho 45 anos de idade... e eu servi ao Corpo de Bombeiros por 25 anos... e tem um ano e oito meses que eu já estou na reserva. Na reserva do Corpo de Bombeiros. (Excerto Quadro de Narrativas – Apresentação)

A entrevistada relatou sobre seu ingresso na corporação e sobre a rigidez, os desafios e os preconceitos enfrentados pelas primeiras mulheres bombeiros militares de Minas Gerais.

24. **Ten Érika:** A gente no início, quando nós entramos, a gente era proibido de conversar com o masculino. A gente não podia nem conversar com um companheiro masculino. Na época tinha é... escolinha né? De feminino, que era a nossa. E tava em andamento uma escolinha é, masculina. A gente não podia conversar com os meninos. Era proibido. Mas a gente conversava escondido, **claro né!** (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)



Figura 13. Entrevista Ten Érika

Ao final da entrevista, Ten. Érika, que algumas vezes comentou sobre como era agradável a convivência com os colegas de farda, nos plantões de 24 horas, foi até o Estado-Maior do CBMMG, rever alguns amigos.

5.2 Algumas análises

Trabalhando no CBMMG, com frequência escutava que um militar sempre terá um vínculo com sua instituição. Assim, os bombeiros militares, mesmo na inatividade, estando reformados ou na reserva, permanecem vinculados à sua profissão. Nas entrevistas feitas, este fato ficou evidente na apresentação de cada indivíduo. Mesmo estando inativos, afastados do efetivo serviço, todos os entrevistados, independentemente da idade, de sua formação e do tempo de afastamento, se apresentaram, se identificaram como militares, membros do Corpo de Bombeiros. Falaram de seus postos ou graduações, como ingressaram na corporação ou por quanto tempo serviram.

Para o Capitão do Corpo de Bombeiros, Lenard Farah (2019), esta noção de corpo é decisiva para o atendimento às operações. Todavia, mesmo ainda sendo parte do corpo, estes indivíduos apresentaram falas menos disciplinadas do que as falas do participante da entrevista teste. Ainda são falas carregadas de expressões, palavras, siglas e jargões do universo militar, que para um civil, muitas vezes parecem não ter sentido. Mas, agora, além de enaltecerem a corporação, eles também apresentam algumas contradições, algumas dificuldades enfrentadas durante o serviço.

Assim, Ten Dias reclamou que não podia votar na época em que o Corpo de Bombeiros foi reintegrado a PMMG; Ten-Cel Simil expôs que a região do Rio Doce, em que trabalhava, era desestruturada; Subten Antônio Mário falou das dificuldades financeiras enfrentadas, das muitas viagens e de por vezes, não ter onde dormir ou como se alimentar; Ten Geraldo citou, com pesar, que em nome da profissão, muitas vezes não tinha tempo para dar assistência à sua família; Cel Celso contou que ficou impressionado ao recolher vários corpos em uma ocorrência e ainda ter isso gravado em sua memória; Ten Érika mencionou a pressão sofrida por ser mulher e a todo o momento ter que provar ser capaz de exercer a profissão.

3. Ten Dias: É, da PM. Passei a ser da Polícia Militar, Já não votava mais (olhar de tristeza). Eu deixei de ser cidadão. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)

12. Ten-Cel Simil: Ah, tem várias. Nó! Muitas... Olha, nós, nós passamos uma época no Parque Florestal que era minha área, Rio Doce, comandando alguns incêndios lá. Então foram experiências lá. Aprendi muito. Uma tropa muito grandiosa e alguns incêndios eu comandeí. A gente comandava **quatro, cinco** helicópteros, como se fosse quase como um Brumadinho desse lá (aponta com a mão a direção) na nossa região e assim muito desestruturadinho e tudo era a

gente que tinha que resolver. Então foi uma experiência. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)

14. Subten Antônio Mário: Então a gente viajava muito pra vários tipos de ocorrências, principalmente de afogamento. A gente viajava e **ficava dias fora**. Ganhava diária e tudo... Sofria muito, passava até necessidade de alimentícia, pra dormir, dependendo do lugar, cê dormia lá no... como diz o outro: o que achasse, né, onde ficar. Tinha lugar que a gente era muito bem recebido por moradores, familiares e tal dessas vítimas e tal, mas a gente não deixava de passar situação difícil. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)

14. Ten Geraldo: Porque eu não tinha tempo pra dar assistência aos meus filhos... Eu mais viajava do que ficava em Belo Horizonte... Então meus filhos foram crescendo, com a assistência de, da esposa... Porque o serviço de salvamento, depois que ele foi ampliado, em 1961, viajava-se muito... O tipo de acidente, catástrofe de um modo geral, e... Eu sempre de plantão, sempre viajando. Então faltou uma assistência, presença né? Para meus filhos... Os dois são bombeiros hoje, são reformados, mas faltou. Assistência pra eles, a mãe que cobriu. Mas eu precisava viajar, também pra receber uma pequena diária pra inteirar o leite deles. (Excerto Quadro de Narrativas – Família)

23. Cel Celso: ...Foi uma operação que não tinha risco, mas me impressionou muito pegar aqueles restos, aquele sangue, com aqueles ossos tudo esmigalhados, foi... realmente me marcou demais. Eu até hoje tenho aquela operação na lembrança. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)

26. Ten Érika: E assim, durante a escolinha, eles exigiram bem mais da gente. E eles falavam, que estavam exigindo porque a gente tinha que provar que era capaz. E que se a gente não fosse capaz, que **nunca mais** teria mulher no Corpo de Bombeiros e que a culpa era nossa. Então assim, a gente se desdobrava, era uma pressão física e psicológica muito grande. Muito grande. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes)

Segundo Fernando Linhares (2019), memórias remotas tendem a ser menos vívidas do que as memórias recentes. Mas aspectos que dizem respeito à memória autobiográfica são significativos e tendem a permanecer vívidos por muitos anos. Assim, a maioria dos fatos relatados pelos entrevistados, foi do início de suas carreiras, alguns são episódios que aconteceram há mais de 50 anos, mas permanecem vívidos na memória. Mesmo que alguns entrevistados já sejam idosos e a memória já possa estar falhando, os relatos que fizeram, por serem significativos para eles, carregam uma riqueza de detalhes e precisão de datas, nomes e sensações

que impressionam. São exemplos de como a memória autobiográfica é marcada por memórias vívidas.

Mesmo relatando algumas dificuldades, os seis participantes demonstraram, ao final de todas as entrevistas o sentimento de orgulho por terem servido no Corpo de Bombeiros. Ao agradecerem pela participação na pesquisa e em alguns casos, até colocando-se a disposição para outras entrevistas ou para doarem material para o MMM, também foi possível notar que com este trabalho, os participantes sentiram-se valorizados. Ouvir e registrar essas memórias são formas de valorizar tudo o que essas pessoas viveram.

5.3 Uma proposta de instalação para a Sala 6 do MMM

As obras que serviram de inspiração para este trabalho, apresentavam um produto como resultado. No filme de Jocelyn Noorhouse (1995), as mulheres confeccionam uma colcha de retalhos a partir de suas memórias. A tese de Ecléa Bosi (1993) foi publicada e tornou-se um livro com as memórias dos oito participantes da pesquisa. As entrevistas dos moradores de Cordisburgo foram materiais para o livro organizado por Liliane Dardot e Márcia Almada (2006) e acervo para o Museu Casa Guimarães Rosa. Aqui, o produto decorrente da pesquisa, das entrevistas, é a proposta de uma instalação que poderá fazer parte da exposição do MMM.

Para André Desvallées e François Mairesse (2016), o termo exposição refere-se tanto ao resultado da ação de expor, quanto ao conjunto do que é exposto o lugar onde se expõe.

Tendo origem no ermo em latim *expositio*, o termo (que no francês antigo, no início do século XII, era *expocium*) possuía, a princípio e ao mesmo tempo, o sentido literal de uma exposição (de uma criança abandonada, ainda usado em espanhol no termo *expósito*), e o sentido geral de exibição. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2016, p. 34)

Visando o resultado da ação de expor, atualmente, as exposições fazem parte das principais funções do museu, sendo parte do papel mais geral de comunicação do museu, que compreende, do mesmo modo, as políticas educativas e de publicação. Assim, considerando que o museu é desenvolvido por excelência, como lugar da apreensão do sensível pela apresentação de objetos, sons e imagens, as

exposições aparecem como uma característica fundamental destes equipamentos culturais.

O apelo aos sentidos, vivido na atualidade, é responsável por uma revolução na expografia dos museus. Dessa maneira, hoje, nas exposições de museus, além de olhar e contemplar, tocamos, manipulamos, escutamos e cheiramos (NASCIMENTO; VENTURA, 2005).

Tendo em vista o desenvolvimento das exposições da contemporaneidade que educam pela sensibilização e pelo olhar, bem como a ociosidade de algumas salas expositivas do MMM, por meio do resultado do trabalho realizado com os bombeiros militares da Confraria do Fogo, desenvolvi uma proposta de instalação expositiva para uma das salas do Museu.

Após cinco anos de inauguração, algumas salas do MMM tiveram que ser desativadas devido a falhas em alguns equipamentos eletrônicos como projetores e televisões. Após o furto nas instalações elétricas e o fechamento temporário do Museu, por mais de cinco meses, essa situação se agravou. Dessa maneira, com a reabertura do MMM, seu Conselho Gestor tem levantado a possibilidade de uma revisão da expografia. Com o tempo que o Museu tem de funcionamento, já foi possível identificar alguns acertos e algumas lacunas na expografia. Diante do contexto de necessidade de renovação das exposições do MMM, elaborei uma proposta de instalação para a Sala 6 do Museu dos Militares.

A referida sala, que fica no andar de entrada do MMM, abrigava uma exposição dedicada às Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP). Por meio de um painel de controle interativo, o visitante apertava um dos dezoito botões correspondentes às RISP'S mineiras, localizadas em um mapa de Minas Gerais instalado na parede da sala. Ao escolher uma região, dados percentuais acerca da segurança pública daquele local eram projetados em outra parede. Para ambientar a sala, há também, três painéis com curvas de níveis plotadas. Assim, à esquerda de quem entra na sala, há o mapa com o painel de controle, à frente a tela de projeção e à direita, os painéis com as curvas de nível. Mas, há mais de dois anos os equipamentos eletrônicos foram queimados e, desde então, a sala encontra-se desativada.



Figura 14. Visão atual da Sala 6 (foto: pesquisadora)

Ao iniciar a pesquisa e até o momento da entrevista teste, minha intenção era de produzir uma videoinstalação para o MMM. Eu selecionaria alguns fragmentos dos registros das entrevistas e produziria um vídeo a ser instalado no MMM. Mas diante de todos os temas que surgiram nas demais entrevistas e da sala escolhida para proposta, juntamente com minha orientadora, alteramos a proposta para uma instalação rizomática.

Vindo da botânica, o conceito de rizoma difere-se do conceito de raiz. Nos rizomas há uma haste da qual nascem ramificações. Não há começo e nem fim, mas um meio pelo qual o rizoma cresce e transborda, sendo um mapa desmontável, conectável e modificável (SOARES; MIRANDA, 2009).

Na proposta de instalação para o MMM, partimos do corpo como elemento haste, as ramificações nascem dos fatos marcantes da carreira, família e artefatos de trabalho.

Como foi percebido na entrevista teste, o corpo caracteriza e nomeia a instituição. Os fatos marcantes da carreira são elementos que permearam todas as entrevistas, a todo tempo. Ao servirem por trinta ou vinte e cinco anos, os bombeiros da Confraria do Fogo relembram, com muitos detalhes, dos episódios que marcaram

suas carreiras. São relatos sobre ocorrências, casos engraçados, desafios, enfim, momentos que ficaram marcados em suas memórias.

A carreira nas instituições militares exige que os militares tenham dedicação exclusiva e disponibilidade permanente. Isso significa que os militares não podem exercer qualquer outra atividade profissional e que devem se manter disponíveis para o serviço ao longo das 24 horas do dia. Dessa forma, as relações familiares são afetadas. Algumas famílias, que muitas vezes tem muitos membros que são militares, sentem-se orgulhosas de seus parentes que escolheram essa profissão, outras temem os perigos ou sentem as ausências. Essa relação familiar é relatada em diversos momentos das entrevistas.

As ferramentas, os objetos, os artefatos de trabalho são essenciais para o cumprimento da missão dos bombeiros militares e podem ajudar a contar a história da corporação.

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias. (DOHMANN, 2013, p. 33)

Alguns bombeiros, ao serem transferidos para a reforma ou reserva, guardam alguns objetos de uso pessoal, que fazem parte de sua memória afetiva. Os museus são a única instituição cultural que tem o compromisso de reunir e expor objetos da cultura material. Assim, os objetos que fazem parte da história dos bombeiros militares, devem ter espaço no Museu que se propõe a preservar e comunicar os bens culturais dos militares mineiros.

Com a definição dos temas e com os Quadros de Narrativas em mãos, o próximo passo era elaborar a proposta de instalação. Meu grande desafio era elaborar uma proposta de exposição, com os quatro temas que surgiram nas entrevistas, em uma pequena sala. A sala 6 não possui dimensões que favoreçam a exposição de objetos em vitrines (não há distância adequada para observação de objetos em vitrines) e a circulação de pessoas (14,43 metros quadrados). Além disso, seu pé direito, assim como encontrado em diversas construções do início do século XX, é alto (pé direito de 4,70 metros e uma viga que divide a sala com 2,78 metros de altura). Outra dificuldade era aproveitar os elementos já existentes: o mapa de Minas Gerais e os painéis com as curvas de níveis.

Para melhor visualização da Sala 6, foi necessário desenhar uma planta da baixa do espaço. Com este recurso em mãos, foi possível setorizar a partir das idéias para a expografia do local. Após o desenho da planta baixa, juntamente com um arquiteto, utilizando os programas Revit, da Autodesk, versão 2019 e Photoshop, do Adobe, versão cs7, realizei o detalhamento da proposta.



Figura 15. Visão da viga que divide a Sala 6. (foto: pesquisadora)

Meu objetivo era, por meio das memórias dos membros da Confraria do Fogo, demonstrar que existe um corpo, formado por diversos membros robustos, que recebem preparo físico, que passam por diversas situações, que atendem pessoas, utilizam diversas ferramentas para cumprir sua missão e que tem suas relações familiares afetadas por este corpo. Após discutir soluções com minha orientadora, colegas do grupo de pesquisa e do trabalho e também um arquiteto, defini que a entrada da sala, representada pelo corpo, seria a haste do rizoma e que, após a divisão da viga, estariam as ramificações. Diante das dimensões da sala, o teto seria utilizado como elemento surpresa e de exposição de objetos.

Assim como nas inspirações que tive para este trabalho as memórias de mulheres, idosos e moradores de Cordisburgo foram base para a confecção de uma colcha também de livros, aqui as memórias dos bombeiros militares tornaram-se o alicerce para a organização de um produto: um plano de expografia para a Sala 6 do MMM. Diante do material disponível e dos desafios enfrentados, a proposta final para a instalação ficou da seguinte maneira:

Corpo – entrada da sala até a viga existente:

- Teto: pintado de amarelo, que além de ser cor heráldica do CBMMG, chama atenção para o teto que na segunda parte da sala, será utilizado para exposição de objetos;
- Parede esquerda: palavras e termos retirados das falas dos entrevistados e que se referem à robustez física e preparo físico. A proposta é de que as essas palavras e termos sejam plotados em diversas fontes e tamanhos, em uma nuvem de palavras. A partir da análise do *Quadro de Narrativas – Corpo – Robustez Física*, foram selecionadas as seguintes palavras e expressões: prova física; corrida livre; corrida com saco nas costas; subida em corda; travessia em barra; atividade de mergulho; atividade de altura; atividade física; esforço; disposição; aguentar peso; preparo físico; condicionamento físico; treinamento. Além da plotagem, haverá uma mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas que fazem referência a esse corpo;
- Parede direita: palavras e termos plotados em diversas fontes e tamanhos que remetem ao corpo formado por vários membros, à unidade. Palavras retiradas dos depoimentos: amigos; companheiros; tropa; guarnição unida; extremamente unido; agregado; união; amizade; companheirismo; não trabalha sozinho; precisar de alguém; trabalho em conjunto; 24 horas grudado um no outro. Mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas que fazem referência a esse corpo.

Fatos marcantes da carreira – mapa de Minas Gerais

- Aproveitando o mapa de Minas Gerais existente na sala e retirando a penas o painel de controle da atividade interativa que não existe mais, serão plotadas, neste mapa, fotografias de ocorrências do Corpo de Bombeiros. As fotografias selecionadas foram cedidas por alguns entrevistados no momento da entrevista e também recolhidas do acervo da EMBM5. Ao utilizar as imagens sobrepostas

no mapa de Minas Gerais, demonstramos que o Corpo de Bombeiros atende e serve a todo do estado;

- Mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas, selecionados e que remetem aos fatos marcantes da carreira.

Família – painéis de curvas de nível

- Entre os painéis existentes, será inserida mídia de áudio com trechos dos depoimentos que dão ênfase à relação com a família.

Artefatos de trabalho – parede central

- Escadas que saem da parede em direção ao teto e que entrelaçam-se com mangueiras, numa espécie de pergolado e se ramificam. Para solucionar a dificuldade em utilizar vitrines, devido ao tamanho reduzido da sala, nas ramificações, alguns objetos citados pelos entrevistados e que existem no acervo do MMM serão pendurados e expostos. Durante as entrevistas, foram diversos os objetos e artefatos citados: farda; capacete; cinto ginástico; corda; machadinha; chave de mangueira; tocha; bomba; aparelho de mergulho; luvas; motosserra; esguicho; desencarcerador; fio de rosca; ferramentas; Auto Bomba Tanque (ABT); capa; cunha hidráulica; facão e mangueira. Destes que foram citados e que existem na reserva técnica do MMM, podendo ser utilizados na exposição, são: capacete, cinto ginástico, corda, machadinha e luvas. A proposta das escadas que saem da parede em direção ao teto, além de solucionar a questão das vitrines, faz referência ao movimento de escalar, que é típico do trabalho dos bombeiros militares. As machadinhas e capacetes estarão expostos na parede, com a instalação de escadas no meio;
- Entre os objetos, inserção de mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas, selecionados e que remetem a esses objetos.

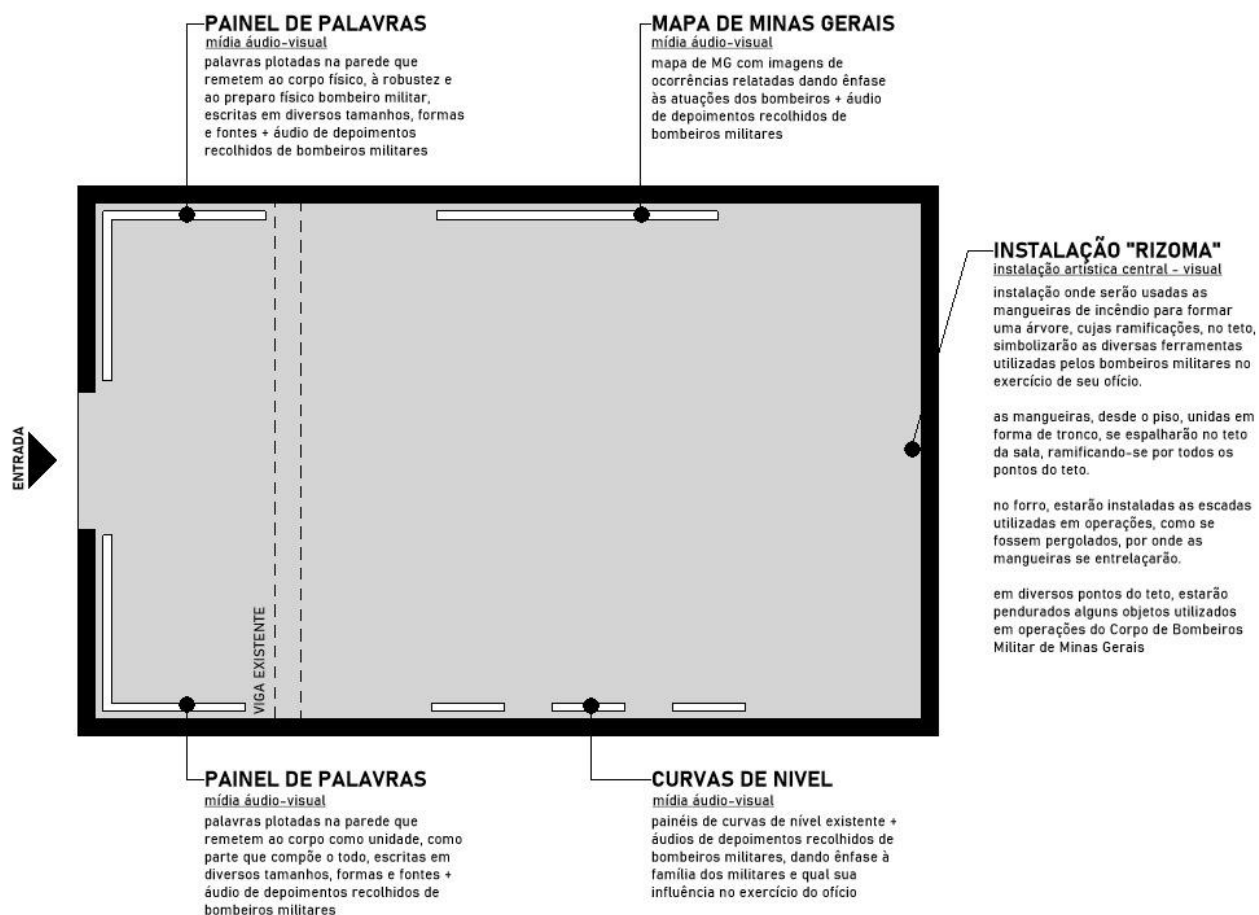


Figura 16. Proposta de instalação – Planta Baixa

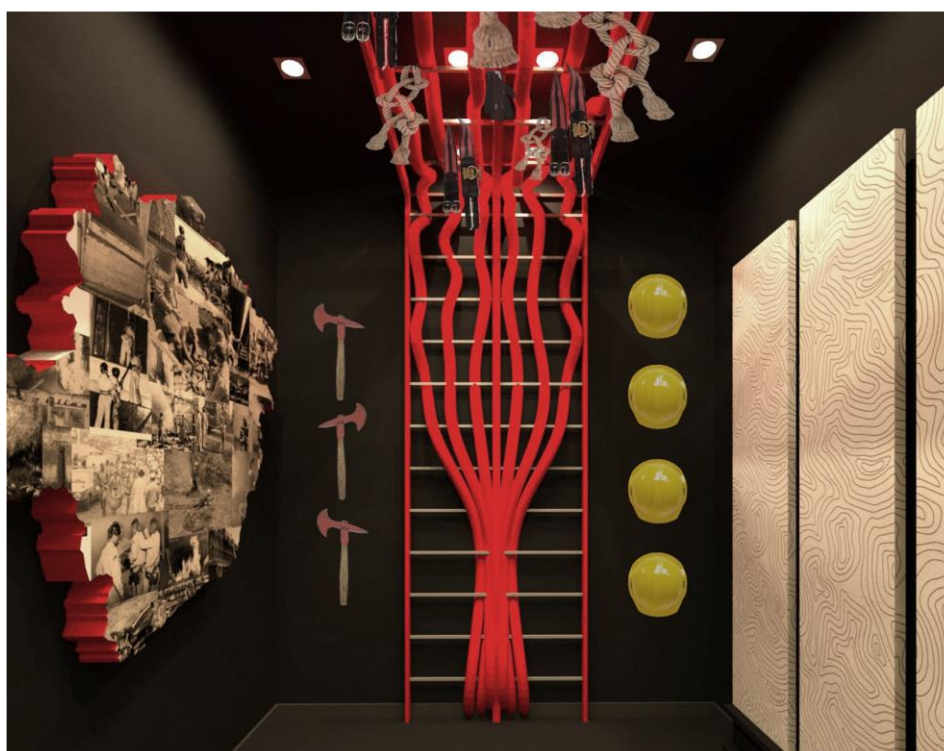


Figura 17. Projeto Expográfico sala 6 – Visão a partir da entrada



Figura 18. Projeto Expográfico sala 6 – Visão a partir do fundo.

A escolha dos fragmentos

A principal fonte disponível para a criação da proposta de instalação para o MMM era o material registrado ao longo das seis entrevistas. As plotagens de palavras e expressões, o painel de fotografias e o pergolado de objetos foram ideias criadas a partir da análise das memórias dos confrades do fogo. O trabalho com os depoimentos dos entrevistados gerou um material com mais de cinco horas de duração. Assim, foi necessário criar critérios para a seleção dos fragmentos para comporem a proposta de instalação para o MMM. Considerando o tamanho reduzido da sala, o primeiro passo foi delimitar que para cada tema, haveria dois fragmentos de fala (sendo que o corpo foi subdivido em corpo físico e o corpo da unidade). Remetendo a cultura brasileira, onde as conversas são contínuas e um sujeito fala ao mesmo tempo que o outro, estas falas serão exibidas ao mesmo tempo e de maneira randômica em pequenos fones pendurados em cada setor da sala. A escolha dos fragmentos foi feita procurando demonstrar narrativas plurais sobre a instituição, algumas contradições, desafios e também, a individualidade de cada participante.

Corpo – vigor físico:

O primeiro trecho foi escolhido foi do Ten Dias. Ele explicita que logo na seleção para a entrada no Corpo de Bombeiros, já era exigida uma disposição física.

1. **Ten Dias:** Olha (limpa a garganta), para a admissão, tinha essas provas todas aí. Prova física...entendeu? É... a prova física tinha corrida livre, corrida com saco nas costas, saco com 50 quilos, é... subida em corda, é... travessia em barra (aponta para cima). Entendeu? E era apertado. (Excerto Quadro de Narrativas – Corpo – Vigor físico)

No segundo excerto selecionado, Cel Celso exemplifica situações de salvamento em que era necessário ter um bom condicionamento físico. Além disso, ele explicita que nem sempre foi possível trabalhar com segurança.

10. **Cel Celso:** Exige um condicionamento físico tanto pra fazer salvamento em montanha, salvamento em gruta, salvamento aquático, salvamento durante os incêndios nos prédios, tudo precisa de um treinamento muito forte e muita coragem, porque muitas vezes, não tem jeito da gente fazer operação com muita segurança. A gente tem de colocar a missão acima da própria vida. (Excerto Quadro de Narrativas – Corpo – Vigor Físico)

Corpo – membros do corpo:

O primeiro excerto foi selecionado uma vez que, por meio dele, Ten-Cel Simil utilizou uma metáfora dos membros de um corpo, mãos, braços, para exemplificar a união e o porquê do nome da corporação.

2. **Ten-Cel Simil:** É, quase sempre né, na atividade em si, o bombeiro é extremamente unido. Por isso que se chama Corpo de Bombeiros. Ele... a gente precisa, como se fosse um braço, uma perna, uma mão. Ele é extremamente né agregado na atividade né. (Excerto Quadro de Narrativas – Corpo – Membros do Corpo)

Neste segundo excerto escolhido, Ten Geraldo disse que os bombeiros militares não são super-homens e, por isso, foram instruídos a nunca trabalharem sozinhos.

7. **Ten Geraldo:** É porque nós não sabemos em que momento pode surgir um transtorno qualquer, que eu vá precisar de alguém. Nós não nos consideramos um super-homem não. Pode ser uma coisa simples, mas nós estamos sempre em dupla. E isso era muito recomendado naquele tempo: “Não trabalhe sozinho. Não faça natação sozinho. Não ande no mato sozinho. Não fique num incêndio, num certo ponto sozinho. Sempre num incêndio, com alguém”. Além das técnicas que nós sabemos, tinha essa recomendação: sozinho não! (Excerto Quadro de Narrativas – Corpo – Membros do Corpo)

Fatos Marcantes da Carreira:

Os relatos sobre os fatos marcantes talvez sejam os mais detalhados, por vezes, contêm descrições de ocorrências que impressionaram e tiraram o sono dos próprios bombeiros. Como o MMM recebe a visita de muitas crianças, por meio dos grupos escolares, tive o cuidado de selecionar relatos que não tivessem detalhes sobre mortes e o estado de corpos resgatados.

Assim, selecionei um trecho do Ten Dias relatando a ocorrência que mais o marcou. Mesmo sendo uma ocorrência com um bom desfecho, no meio do relato, ele fala do sentimento de medo que ele sentia. O outro fato selecionado foi da Ten Érika expondo os preconceitos que teve que enfrentar no início de sua carreira, simplesmente pelo fato de ser do sexo feminino.

11.Ten Dias: A mais marcante foi um soterramento que teve ali na avenida Amazonas, com o pessoal da prefeitura, fazendo um trabalho de canalização, não sei de que. Caiu, o barranco todo em cima de dois cidadão lá, sabe? Fomo lá. Tudo na base da mão (faz gestos com as mãos), tiramos os caras, mas com medo de cair o resto em cima da gente. Não tinha nada garantindo. Mas conseguimos tirar os dois com vida. Foram pro pronto-socorro, eu acompanhei. Depois por telefone. Eles saíram dessa ilesos. Essa ficou na minha memória por muito tempo. (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes da Carreira)

26. Ten Érika: E assim, durante a escolinha, eles exigiram bem mais da gente. E eles falavam, que estavam exigindo porque a gente tinha que provar que era capaz. E que se a gente não fosse capaz, que **nunca mais** teria mulher no Corpo de Bombeiros e que a culpa era nossa. Então assim, a gente se desdobrava, era uma pressão física e psicológica muito grande. Muito grande. Eu lembro que logo que a gente formou, quem trabalhava no 1º BBM, que era o meu caso, a gente tinha uma vila, que chama... É... Ai, como que chama gente? (olha para cima e tenta encontrar a palavra). Nossa, ali perto do Posto Chefão... Ai, eu esqueci o nome do lugar. É um bairro, na verdade. Que naquela época parecia uma vila. Hoje é um lugar luxuosíssimo ali atrás do Posto Chefão, em Nova Lima, sentido 356 ali (aponta a direção), Nova Lima, perto da Lagoa dos Ingleses, antes de chegar um pouco na Lagoa dos Ingleses. Eu esqueci o nome do bairro. **Lá não tinha água!** E a maioria do pessoal que morava lá, eram militares. Então a gente tinha que ir com a auto bomba, pra abastecer as caixas d'água desse pessoal. E o masculino fazia sacanagem com a gente. A gente tinha que subir em cima de telhado, em cima de laje e **eles deixava a gente fazer isso sozinha!** Pra ver se a gente dava conta. Eu cansei de ir e a guarnição simplesmente chegava lá, o motorista ligava a bomba, controlava a pressão e o restante da guarnição cruzava os braços (cruza os braços). Pra ver se a gente ia dar conta. E a gente deu! (Excerto Quadro de Narrativas – Fatos Marcantes da Carreira)

Família:

No primeiro trecho selecionado, Subten Antônio Mário demonstra que, diante da obrigação de disponibilidade permanente, do trabalho constante e exaustivo, muitas vezes, a família é colocada em segundo plano, é esquecida.

9.Subten Antônio Mário: Você esquece, você esquece da sua família, você esquece, às vezes, até de você mesmo. Você chega ali e depara com aquela situação. (Excerto Quadro de Narrativas – Família)

Já no segundo excerto escolhido, Ten Érika conta da alegria e orgulho de sua família por ela ter ingressado nas fileiras do Corpo de Bombeiros, seguindo a carreira militar de seu avô.

17. Ten Érika: Nossa! Foi uma alegria imensa porque o meu avô foi militar. Meu avô foi da Polícia Militar. E até então, assim, na minha família (celular da entrevistada toca e interrompe a entrevista). A minha família ficou assim, extremamente feliz. Eu era, meu tios, ninguém seguiu a carreira militar. Meu pai não seguiu carreira militar. Aí vem a neta e segue a carreira militar no Corpo de Bombeiros. Então assim, era um orgulho e é até hoje, né, pra minha família, que eu tenha seguido a carreira militar né, no Corpo de Bombeiros. E assim, eu tenho muitos parentes que são do Corpo de Bombeiros. (Excerto Quadro de Narrativas – Família)

Artefatos de Trabalho:

Os artefatos são essenciais para o cumprimento da missão do bombeiro militar. Durante as entrevistas, eles são citados inúmeras vezes. Mas em determinados momentos da história do Corpo de Bombeiros, houve escassez de materiais. Ten Geraldo conta sobre essa situação na década de 1960.

Ten Geraldo: Naquele tempo, a escassez de material era uma coisa assustadora... Nós tínhamos mangueira, é, de fio de rosca. Não era adaptação rápida. Nós tínhamos corda, mas era de algodão. Depois é que chegaram as de nylon, **dura**. As luvas que a gente usava, era luva de raspa. (Excerto Quadro de Narrativas – Artefatos de Trabalho).

O outro trecho selecionado foi do Cel Celso que, por meio dos artefatos contidos no brasão do CBMMG, explica as funções da instituição.

21. Cel Celso: Olha, eu usava aqui esse emblema do Bombeiro (mostra os capacetes que estão em cima da mesa e que tem o emblema do Corpo de Bombeiros) pra falar sobre as missões do Bombeiro. Então, eu mostrava essa chama aqui do emblema, que é fogo sobre controle. Então, a principal função do bombeiro é a prevenção. É impedir que esse fogo saia do controle do homem. Porque quando ele sai, vira incêndio. Aí ceifa vidas, dá prejuízos enormes. Bem, a segunda atividade do Bombeiro, depois da prevenção de incêndio, que eu achava que era a principal função, vem a defesa civil, são os socorros públicos. E estariam simbolizados aqui por essas duas machadinhas. Em terceiro lugar, é aqui essas mangueiras, ó, que é combate a incêndio. (Excerto Quadro de Narrativas – Artefatos de Trabalho)



Figura 19. Brasão do CBMMG

Assim, com recursos auditivos e visuais, que trabalham os sentidos com a exibição de 10 excertos de falas selecionados das entrevistas e com imagens, foi elaborado o produto desta pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Museus são por vocação, lugares e ancoradouros de memórias. Diante de minha experiência no Museu dos Militares Mineiros, percebi algumas lacunas no que tange ao conhecimento e divulgação das memórias dos sujeitos que fizeram parte do Corpo de Bombeiros. Assim, o desenvolvimento deste trabalho teve por finalidade conhecer e descortinar outras memórias de bombeiros militares sobre seu ofício.

Por meio da realização de seis entrevistas com membros da Confraria do Fogo foi possível cumprir com objetivo da pesquisa e planejar uma instalação para o MMM. Por tratar-se de um trabalho realizado por meio da História Oral, com entrevistas semiestruturadas, não houve um protocolo rígido a ser seguido, sendo necessário um protocolo flexível o bastante para o se ter um movimento de aproximação e afastamento do objeto. Assim, durante todo o processo da realização da pesquisa, fui amadurecendo enquanto pesquisadora. À medida que as entrevistas foram sendo realizadas, fiquei mais à vontade para conduzi-las e consegui produzir um material que inúmeras possibilidades de subprodutos.

Ecléa Bosi defende que a “memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1993, p. 3). Tendo em vista este conceito e de que lembrança puxa lembrança, se eu realizasse outras entrevistas com os mesmos participantes, teria mais relatos de suas memórias.

Propondo uma instalação expográfica foi possível conhecer narrativas para além das que estão presentes na atual expografia e, nos documentos oficiais. São narrativas plurais, múltiplas, que trazem até mesmo algumas visões contraditórias a respeito do Corpo de Bombeiros. Estas visões nos possibilitam perceber que a instituição que é tida por muito como uma instituição de heróis, é na verdade, uma instituição formada por vários indivíduos, com sentimentos, medos, limitações e habilidades. Por meio das microbiografias dos confrades do fogo, foi possível elucidar que a instituição que o Corpo de Bombeiros, uma corporação que tem o corpo no nome e que, aparentemente é homogêneo, na verdade, é formado por sujeitos diversos, heterogêneos.

Creio que conhecer essas narrativas e propor uma instalação que poderá ser incorporada no acervo do MMM, como recurso didático, educando por meio da sensibilização, foi apenas um primeiro passo de um trabalho contínuo. Ainda há muito que se explorar sobre os bombeiros militares de Minas Gerais.

Para ser completa, uma exposição precisa de uma proposta de educativo. Todavia, desenvolver um programa educativo para a exposição não era o objetivo desta pesquisa, que deixa essa lacuna. Caso a instalação seja incorporada ao MMM, caberá à equipe do Museu, desenvolver tal trabalho.

Tendo em vista a concepção de que os museus também educam pela sensibilização e pelos sentidos, minha sugestão é de que o setor educativo explore a escuta por meio dos áudios e a visão por meio dos objetos pendurados no teto. Uma opção é colocar os visitantes deitados no chão para fruírem a instalação.

Além da proposta de expografia, as microbiografias também serão entregues ao MMM, podendo gerar subprodutos. O material produzido, além de ser suporte para a instalação, poderá ser explorado de outras formas tanto pelo MMM, quanto pelo próprio CBMMG. O processo de abertura do MMM foi conturbado e corrido. Assim, ainda não se realizou uma pesquisa sobre todo o acervo do museu. Muito do que foi registrado, como a descrição de fardamentos e utilização de alguns artefatos, poderá tornar-se material de pesquisa para o MMM. Os detalhamentos de algumas ocorrências, os relatos de como era a corporação há décadas, a descrição de objetos e ferramentas que já não são mais utilizadas e a exposição das dificuldades enfrentadas, poderão ser utilizados como material didático nas aulas de História do CBMMG nos cursos de entrada na instituição: Curso de Formação de Oficiais (CFO) e Curso de Formação de Soldados (SFSD).

Este tipo de trabalho, com História Oral, também poderá ser incorporado pela Adjuntoria de Cultura da EBMB5. Assim, muito sobre a história da corporação poderá ser descortinado, fortalecendo a instituição, além de proporcionar valorização dos bombeiros militares reformados ou da reserva.

Além das contribuições relacionadas ao próprio universo bombeiro militar, esta pesquisa poderá servir de modelo para outros museus que estejam passando por um momento de renovação de expografia e que pretendem trabalhar com relatos orais. A metodologia aqui descrita poderá ser utilizada por outros equipamentos culturais que queiram trabalhar com memória, por meio da História Oral.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Identidade militar e resistência: soldados em greve. **Interações – Cultura e Comunidade**, v.2, n. 2, p. 49-64, 2007.

ALMEIDA, Maria Mota. Mudanças sociais/mudanças museais: Nova História/Nova Museologia – que relação? **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.5, 1996, p. 107-128. Disponível em <http://hdl.handle.net/10437/3548> . Acesso em: abr. 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Ideologias econômicas e democracia no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo , v. 3, n. 6, p. 46-63, Aug. 1989 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: out. 2019.

BROWN, Karen; MAIRESSE, François. The definition of the museum through its social role. **Curator The Museum Journal**, volume 61, number 4, 2018.

CELLETTI, David; NOVELLO, Elisabetta. **La didattica della storia attraverso le fonti orali**. Centro Studi Ettore Luccini, Padova, 2006.

CHAGAS, Mário de Souza. No museu com a turma do Charlie Brown. **Cadernos de Sociomuseologia**. V.2, n. 2, may 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535>. Acesso em: mar. 2018.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CURY, Marília Xavier. **Revisão Museológica e Museográfica do Museu Histórico de São Francisco do Sul**: Projeto Museológico Institucional. São Francisco do Sul: Programa Monumenta, 2006.

DARDOT, Liliane; ALMADA, Márcia (org.). **O coração do lugar**: depoimentos para Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François; SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2016.

DOHMANN, Marcus (org.). **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Riobooks, 2013.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, n. 24, p. 213-225, Curitiba, Editora UFPR, 2004.

DUTRA, Soraia Freitas. **A educação na fronteira entre museus e escolas**: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto. Tese de doutorado, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/CPSA-92VHW9>. Acesso em: dez. 2017.

ESPERÓN, Juan Pablo Emanuel. O corpo como unidade de dominação: a compreensão deleuziana do elemento trágico da filosofia de Nietzsche. **Revista trágica**: estudos sobre Nietzsche, v. 6, n.2, p. 14 – 28, 2013.

FARAH, Leonard. **Além da lama**: o emocionante relato do capitão dos Bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana. 1ª ed. São Paulo: Editora Vestígio, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, 2002.

FRANCO, Maria Ignez Montovani. Museus: agentes de inovação e transformação. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 57, n. 13, p. 13 – 27, 2019.

GALLUZZI, Tânia. **Éramos vinte**: a história do Corpo de Bombeiros de São Paulo. Gramani Editora, São Paulo, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em: www.museus.gov.br .Acesso em: jul. 2017.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 2002.

KIROUAC, André. The military museum as an advocate for peace. **Magazine UK: ICOMAM**, Basilica Press, 2009.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LINHARES, Fernando Roberto da Costa. **Os significados de uma visita a um observatório astronômico**: um estudo baseados nas memórias e emoções de estudantes. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MACIEL, Greiene Lopes dos Santos; NASCIMENTO, Silvania Sousa do. Educação a comunicação museal. A emissão rápido papo de criança. **Museologia e Interdisciplinaridade**. Vol. III, nº 6, março/abril, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16731/15014>. Acesso em: nov. 2019.

MARÇAL, Marina Mateus; AQUINO, Wagner Soares de. (org.) **Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais**: cem anos de história e reflexão. Belo Horizonte: Editora Rona, 2013.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **História Rio Grande**, 2: 95-108, 2011.

MATTOS, Yára; MATTOS, Ione. **Abracaldabra**: uma relação afetivo-cognitiva na relação museu-educação. Ouro Preto: UFOP, 2010.

MCCOY, Megan, **Relics of Battle: War, Memory, and New Museum Theory in Military Museums**. *Electronic Theses and Dissertations*. 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.du.edu/etd/1130>. Acesso em: mar. 2019.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Educação e Museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 27, p. 91 – 101, jan/jun 2000.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. O filósofo se debruça sobre o papel dos museus na sociedade contemporânea. **Revista E**. São Paulo, nº 164, jan. 2011.

NASCIMENTO, S. S; VENTURA, P. C. S. Mutações na construção dos museus de ciências. **Pró-Posições**, Campinas, v. 12, n.1, março, 2001.

NASCIMENTO. S. S; VENTURA, P. C. S. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. **Ciência e Educação**. v. 11, n. 3. p. 445 – 456, 2005.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; ALMEIDA, Maria José. P. M. de. **O conceito de mediação na fala dos diretores de museus de ciências de Belo Horizonte**: reflexões para a construção de uma prática educativa para o ensino de Física. XVIII Simpósio Nacional de Ensino de Física, Vitória, 2009.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. **Ciência e Tecnologia para a constituição da atividade docente na contemporaneidade**. Belo Horizonte, 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Traduções. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-29, dez. 1993.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: mai. 2018.

PARREIRAS, Bruno Henrique; NASCIMENTO, Silvania Sousa; JARDIM, Gustavo Rocha. **Interdisciplinaridade e ensino de ciências**: a presença da História Oral em dissertações do Mestrado Profissional. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017. Disponível em <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1022-1.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

PLANO MUSEOLÓGICO. Museu dos Militares Mineiros. Superintendência de Museus e Artes Visuais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2014/Sumav/militar_digital.pdf. Acesso em: mai. 2019.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvania Sousa do. **Escola e Museus**: diálogos e práticas. Secretaria de Estado de Cultura, Superintendência de Museus, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Cefor, Belo Horizonte, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, CPDOC, p.3-15. 1989.

RIBEIRO, Ana Paula G. e BARBOSA, Marialva. (2007). Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. In: **Comunicação & Sociedade**, Vol. 28, N. 47, Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistas. Acesso em: fev. 2018.

SANTOS, Greiciene Lopes dos. **Ação educativa museal**: marcas institucionais e registros documentais. Dissertação de Mestrado, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-85MPA8>. Acesso em: out. 2018.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v.19, p. 99 – 120, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48579402.pdf>. Acesso em: dez. 2017.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, Bruno Brulon. **A invenção e a reinvenção da nova museologia**. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 47, 2015.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa? Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 9, n. 2, p. 408 – 424, Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844629010.pdf> . Acesso em: nov. 2019.

SOARES, M.G; KAMEKO, G.L; GLEYSE, J. Do porto ao palco, um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. **Dialektiké**, v. 3, 2015.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, Mariana Jacob. **A natureza e gestão das coleções dos museus militares nas dependências da Direção de História e Cultura Militar (Exército)**. Dissertação de Mestrado em Museologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57349/2/TESEMESMARIANAJACOBV1000147792.pdf> Acesso em: mar. 2019.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VARINE, Hugues de. **Raízes do futuro**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VIEIRA, Rodrigo Drumond. **Discurso em salas de aula de ciências**: uma estrutura de análise baseada na teoria da atividade, sociolinguística e linguística textual. Tese de Doutorado, 2011.

WHITAKER, Dulce C. A. Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. **Cadernos CERU**, série 2, n. 11, 2000.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Museu dos Militares Mineiros e a construção da memória do sujeito bombeiro militar

Pesquisadora responsável: Prof^ª Dr^ª Sylvania Sousa do Nascimento

E-mail: silnascimento@ufmg.br / **Fone:** 3409-6207

Pesquisador participante: Andréa Lomeu Beltrão

E-mail: andrealbeltrao@gmail.com / **Fone:** 3915-7542

1 – Esta seção fornece informações acerca do estudo em que o (a) senhor (a) estará participando:

A. O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem por objetivo conhecer a memória de bombeiros militares de Minas Gerais sobre seu ofício, com o intuito de produzir um vídeo que fará parte do acervo do Museu dos Militares Mineiros (MMM). Para esta pesquisa adotaremos a História Oral como metodologia para recolher narrativas de bombeiros militares reformados e fortalecer a identidade do Copo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG) através da valorização de memórias pessoais. Serão realizadas, no MMM, entrevistas semi-estruturadas que, serão filmadas e transformadas em um vídeo institucional que irá compor o acervo do Museu dos Militares Mineiros.

B. Em caso de dúvida, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. Em caso de dúvidas éticas o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais poderá ser contatado pelo telefone (31) 3409-4592 ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901.

C. A sua participação nessa pesquisa envolve a realização de uma entrevista semi-estruturada que será filmada para a elaboração de um vídeo para o Museu dos Militares Mineiros. As entrevistas serão conduzidas pela pesquisadora Andréa Lomeu Beltrão e acontecerão no Museu dos Militares Mineiros. O tempo estimado de duração da entrevista é de 1 hora.

D. O material bruto das entrevistas ficará armazenado na Assessoria de Comunicação Organizacional do CBMMG pelo período de cinco anos. O filme produzido será exibido no MMM e também poderá ser exibido em solenidades e eventos do CBMMG. O material retirado das entrevistas será utilizado em publicações científicas e em trabalhos do CBMMG.

E. A identidade de cada participante da pesquisa será revelada, bem como seu posto ou graduação.

2. Esta seção descreve os seus direitos como participante da pesquisa:

A. Será garantida a mim total liberdade para solicitar esclarecimento de qualquer dúvida em relação à pesquisa ou a minha participação, antes ou depois da minha autorização. Todas as dúvidas deverão ser esclarecidas pelos membros da equipe responsável, pessoalmente durante toda a pesquisa.

B. A participação é voluntária, sem nenhum ônus remuneração para o participante. O (a) senhor (a) é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.

C. Este estudo envolve riscos mínimos, ou seja, nenhum risco a saúde mental ou física dos participantes. Esclarecemos, entretanto que o (a) senhor (a) poderá sentir-se em situação de desconforto ao compartilhar e ter registrado em vídeo suas lembranças de bombeiro militar. Caso haja relatos da influência negativa dos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa será imediatamente interrompida.

D. O presente termo seguirá em duas vias com espaço destinado para rubricas. Uma via será destinada ao participante e outra aos pesquisadores.

3. Esta seção indica que o (a) senhor (a) dá seu consentimento para a participação na pesquisa:

Participante: A pesquisadora Andréa Lomeu Beltrão, aluna do curso de mestrado profissional em Educação e Docência, linha Educação em Museus e Divulgação Científica, da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua orientadora, Professora Dra. Silvania Sousa do Nascimento do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da (FaE- UFMG) solicitaram a minha autorização para participar da pesquisa “Museu dos Militares Mineiros e a construção da memória do sujeito bombeiro militar”.

Eu li e compreendi as informações fornecidas. Entendi e concordo com as condições do estudo como descritas. Eu entendo que receberei uma via assinada deste termo de consentimento. Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa.

Portanto, concordo com tudo que está descrito acima e dou meu consentimento.

_____, ____ de _____ de 2019.

Nome legível: _____.

Assinatura: _____.

ANEXO B**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ**

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa “MUSEU DOS MILITARES MINEIROS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO SUJEITO BOMBEIRO MILITAR”, do Mestrado Profissional em Educação e Docência, linha Educação em Museus da Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), conduzida pela mestrandia Andréa Lomeu Beltrão, sob orientação da Prof. Dra. Silvania Sousa do Nascimento.

As imagens e a voz irão compor o acervo e a expografia do Museu dos Militares Mineiros e também poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

A pesquisadora fica autorizada a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

_____, _____ de _____ de 2018.

Assinatura

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone1: () _____ Telefone2: () _____

Endereço: _____

ANEXO C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Data de Nascimento:

Escolaridade:

Data da entrevista

Local da entrevista

Primeira Parte: trajetória pessoal

Tema 1: carreira militar

- 1) O senhor (a) pode nos descrever como foi sua escolha para a carreira militar? (desdobramentos: lembranças de infância, fatos sociais que chamaram atenção, origem familiar, qual idade que despertou para a carreira, quem foram os símbolos, pessoas que incentivaram a escolha)
- 2) Na sua época, como era o recrutamento para os quadros do Corpo de Bombeiros Militar? Seu ingresso na carreira seguiu quais caminhos?

Tema 2: formação

- 3) O senhor (a) tem lembranças do período de formação militar? Como foi o processo de formação? (desdobramentos: quais conteúdos ensinados, modelos de avaliação, períodos de aprendizagem, desafios enfrentados, colegas e amigos, relação com os professores, participação da família, como era a vida na caserna)
- 4) O senhor (a) pode descrever como eram as ações profissionais nesse período de formação? E nos primeiros anos de atuação?
- 5) O senhor (a) acompanhou, ao longo dos anos, o processo de formação do Corpo de Bombeiros? Se acompanhou, pode compartilhar conosco suas impressões sobre as diferentes turmas?

Tema 3: atuação profissional

- 6) Quais são as semelhanças e diferenças que o senhor (a) percebe do tempo que serviu para o atual Corpo de Bombeiros?
- 7) Quais são, de seu ponto de vista, as melhores lembranças da atuação profissional? (desdobramentos: quais foram os fatos marcantes da vida profissional, quais foram os desafios, as frustrações...)

Segunda Parte: Ocorrências marcantes e objetos

- 8) Quais são de seu ponto de vista os objetos que simbolizam sua atuação como bombeiro militar?
- 9) Qual foi a ocorrência mais marcante da carreira do senhor?
- 10) Os artefatos foram importantes para o cumprimento da missão?
- 11) Para o senhor (a), qual objeto melhor representa o bombeiro militar?
- 12) O senhor já conhecia o Museu dos Militares Mineiros?

ANEXO D

ROTEIRO DE ENTREVISTA - REVISÃO

Nome:

Data de Nascimento:

Escolaridade:

Data da entrevista

Local da entrevista

Primeira Parte: trajetória pessoal

Gostaria que começássemos nossa conversa com o senhor (a) se apresentando.

Tema 1: carreira militar

- 1) O senhor (a) pode nos descrever como foi sua escolha para a carreira militar? (desdobramentos: lembranças de infância, fatos sociais que chamaram atenção, origem familiar, qual idade que despertou para a carreira, quem foram os símbolos, pessoas que incentivaram a escolha)
- 2) Na sua época, como era o recrutamento para os quadros do Corpo de Bombeiros Militar? Seu ingresso na carreira seguiu quais caminhos?

Tema 2: formação

- 3) O senhor (a) tem lembranças do período de formação militar? Como foi o processo de formação? (desdobramentos: quais conteúdos ensinados, modelos de avaliação, períodos de aprendizagem, desafios enfrentados, colegas e amigos, relação com os professores, participação da família, como era a vida na caserna)
- 4) O senhor (a) pode descrever como eram as ações profissionais nesse período de formação? E nos primeiros anos de atuação?
- 5) O senhor (a) acompanhou, ao longo dos anos, o processo de formação do Corpo de Bombeiros? Se acompanhou, pode compartilhar conosco suas impressões sobre as diferentes turmas?

Tema 3: atuação profissional

- 6) Quais são as semelhanças e diferenças que o senhor (a) percebe do tempo que serviu para o atual Corpo de Bombeiros?
- 7) Quais são, de seu ponto de vista, as melhores lembranças da atuação profissional? (desdobramentos: quais foram os fatos marcantes da vida profissional, quais foram os desafios, as frustrações...)

Segunda Parte: Ocorrências marcantes e objetos

- 8) Qual foi a ocorrência mais marcante da carreira do senhor?
- 9) Qual era o sentimento/sensação que o senhor tinha ao chegar em casa depois de um dia de trabalho? Depois de atender ocorrências?
- 10) Quais são de seu ponto de vista os objetos que simbolizam sua atuação como bombeiro militar?
- 11) Os artefatos foram importantes para o cumprimento da missão?
- 12) Para o senhor (a), qual objeto melhor representa o bombeiro militar?
- 13) O senhor já conhecia o Museu dos Militares Mineiros?

ANEXO E

E1 – Transcrição da entrevista com o participante Wanderson

Entrevista semiestruturada

Participante: Wanderson Cordeiro da Silva, 2º Tenente BM

Data de Nascimento: 04/03/1963

Data de admissão no Corpo de Bombeiros: 15/06/1982

Escolaridade: Superior Completo – Direito

Data da Entrevista: 09/04/2019

Local da Entrevista: Cidade Administrativa – Sala TV Bombeiro

Duração: 11'45"

Pesquisadora: Pesq.

Participante: Wanderson

Primeira Parte: Trajetória Pessoal

Tema 1: Carreira Militar

1. **Pesq.:** Wanderson, é... Você pode me descrever como foi a sua escolha para a carreira militar?
2. **Wanderson:** Olha à época que eu fiz a inscrição era um período que o emprego era mais difícil e as oportunidades que tinham, por exemplo, seria o estado... E o número de pessoas que entravam na época era um número mais bem reduzido e isso ocorreu em 1982... aonde eu ingressei na fileira do Corpo de Bombeiros e de daí pra cá foi tendo essas evoluções aí.
3. **Pesq.:** - É... você tem algum parente militar? A ideia foi...
4. **Wanderson:** No mesmo ano meu irmão ingressou na Polícia Militar, ele entrou no mês de abril e eu entrei em junho. Então nós temos o mesmo tempo de funcionalismo público.
5. **Pesq.:** Uhum...legal... Na sua época, você já comentou um pouquinho né, como é que era o recrutamento para os quadros do Corpo de Bombeiros Militar? Era concurso? Você seguiu esses caminhos?
6. **Wanderson:** O concurso ele existia, porém, à época, o nível de escolaridade era a quarta série primária. E... nessa época eu já tinha o segundo grau. Então, a facilidade em termos de estudo,

é diferenciado de hoje. À época as provas eram bem mais fáceis... pra quem tinha o nível já superior, ou segundo grau, ou primeiro grau já tinha facilidade para fazer essas provas.

7. **Pesq.:** Uhum... Tinha teste físico também?
8. **Wanderson:** Não! Teve exame psicológico e depois o exame o médico avaliado pelo mesmo, próprio médico da instituição e eles aprovaram e deram início ao curso.

Tema 2: Formação

9. **Pesq.:** É... Agora vamos falar um pouquinho sobre sua formação dentro do Corpo de Bombeiros. É... O senhor tem lembranças do período de formação militar? Como foi o processo de formação?
10. **Wanderson:** Olha, eu me recordo que nós tivemos início da minha escola de recruta, no período de 15 de junho e formamos no mês outubro. Foram quatro meses de escola. E após essa formatura nós tivemos trinta dias de reciclagem e depois nós fomos colocados à disposição na ala operacional. Foi um período que ao final do ano teve... Belo Horizonte era assolado muito por tempestades, então havia grandes inundações e não tinha escoamento dessas águas. Então o centro de Belo Horizonte, na região da Praça da Estação... Ali na Contorno, perto do Shopping Oiapoque, aquela região toda inundava.
11. **Pesq.:** E ainda sobre esse período de formação, o senhor lembra quais eram as disciplinas que vocês tinham, as matérias que vocês estudavam?
12. **Wanderson:** Olha, nós tínhamos as matérias específicas da instituição... Combate a incêndio, salvamento em altura, salvamento terrestre - alguma coisa cai na sala e faz um barulho -, salvamento aquático... Tínhamos matérias de matemática... português, é... Um pouco da história da própria instituição... Eu me recordo essas matérias.
13. **Pesq.:** Uhum... E todas as disciplinas tinham prova?
14. **Wanderson:** Todas. Todas elas tinham prova.
15. **Pesq.:** E aí... É... Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre esse período também né, em que tava em formação. É... Sobre os colegas de turma, como que é era a relação com a família... Porque é um período muito intenso né, que vocês vivem...
16. **Wanderson:** É. A minha escola nós começamos com cinquenta e se não me engano, nós formamos com trinta e cinco a trinta e oito militares. E até hoje a gente mantém contato. Nós montamos um grupo de whatsapp... E nós, já depois de ido pra reserva, dados os trinta anos

de coisa... Nós já promovemos quatro encontros de turma e também tem mais um previsto agora pro dia 15 de junho que é... Vamos fazer trinta e seis anos de carreira.

17. **Pesq.:** O senhor pode descrever como eram as ações profissionais nesse período de formação e nos primeiros anos de atuação?
18. **Wanderson:** Olha, se nós fizemos uma comparação com os dias de hoje, era um trabalho mais braçal. Os equipamentos que nós tínhamos era mais obsoletos. Então hoje nós temos desencarceradores é... é... Como é que é a palavra que eu posso usar? É... Como é que é? (o entrevistado fica um tempo tentando lembrar a palavra que ele queria utilizar e por fim, explica o que queria dizer) Na época nós tínhamos material braçal que era a cunha hidráulica, moto abrasivo, a própria... as viaturas de salvamento tinham aquele arco de serra com as... As lâminas starret para poder cortar as latarias... Hoje os desencarceradores são hidráulicos. Então a facilidade, a modernização ajudou muito.
19. **Pesq.:** Uhum... É... O senhor acompanhou, ao longo dos anos, o processo de formação do Corpo de Bombeiros? Se acompanhou, pode me falar um pouquinho sobre as impressões, sobre as diferentes turmas?
20. **Wanderson:** Olha, o nível hoje, a época que eu entrei, hoje.. então vai tendo modernizações. Então, tem, essas modernizações vem acompanhando a instituição. Se nós não nos atualizarmos, a gente vai ficar sendo retrógrados. Então, há a necessidade dessas inovações.

Tema 3: Atuação Profissional

21. **Pesq.:** Uhum... Agora a gente vai falar um pouquinho sobre sua atuação profissional. É... Quais são as semelhanças e diferenças que o senhor percebe do tempo que serviu pro atual Corpo de Bombeiros?
22. **Wanderson:** Olha, na época que entrei, o tipo de trabalho que nós tínhamos, é os mesmo de hoje, que as ocorrências eles não mudam né? Então o que diferencia são equipamentos que nós tínhamos à época com os que nós temos hoje. As viaturas, por exemplo, de combate a incêndio, a forma de fazer a transferência dos corpos de bombas, eram todas elas manuais... Hoje são praticamente pneumáticas... Então existe uma evolução tanto da parte de equipamentos, quanto na operacionalização do homem. A instituição preocupa muito com a situação do conhecimento. Os militares nossos participa (repete a palavra participa) geralmente, de várias instruções, de cursos, que isso vem nos trazendo grandes facilidades nos trabalhos.
23. **Pesq.:** Quais são, do seu ponto de vista, as melhores lembranças da atuação profissional?

24. **Wanderson:** Olha, eu vejo o... A melhor lembrança é o corpo, o braças dos integrantes do Corpo de Bombeiros. Um não deixa o outro para trás. Sempre um próximo do outro. Ninguém trabalha isolado. É o grupo que trabalha que vai e volta juntos.
25. **Pesq.:** Uhum... É... Dentro dessas lembranças, assim, tem algum fato marcante... Algum desafio... Alguma frustração?
26. **Wanderson:** Olha, desafios eu não digo, mas a cada ocorrência que você atende, que você volta para o quartelamento ou para sua casa, que você tem êxito naquela missão, isso é gratificante pra gente.
27. **Pesq.:** E... É... a sua carreira você serviu a maior parte do tempo onde, Wanderson?
28. **Wanderson:** Olha, eu entrei, como eu disse pra você em 1982, em 1987 eu fiz um Curso de Sargentos e eu fui destacado para Ouro Preto. Isso foi no ano 87 e saí de lá em 2006. Praticamente quase vinte anos... Na cidade de Ouro Preto.

Segunda Parte: Ocorrências marcantes e objetos

29. **Pesq.:** Uhum... É... Aí agora a gente vai falar um pouquinho sobre essas ocorrências né, marcantes pra você e sobre os objetos. Quais são, do seu ponto de vista, os objetos que simbolizam sua atuação como bombeiros militar?
30. **Wanderson:** Olha, é difícil porque o meu posto em 87 foi é... Eu fui Sargento condutor de viaturas. Então a minha função era conduzir as viaturas até o local de trabalho. Além de ser o condutor eu era Chefe de Guarnição e muitas vezes Chefe de Serviço. Então, a gente tinha uma preocupação muito grande com o homem que tava indo conosco. O bombeiro militar. Então a nossa situação era: levar e trazer para que as pessoas possam ter o descanso.
31. **Pesq.:** Uhum... Mas aí dentro né, dos objetos, eu sei **que existem muitos objetos**, muitos artefatos dentro né do trabalho Do Corpo de Bombeiros. É... Quais que o senhor acha que são mais importantes para o cumprimento da missão do bombeiro?
32. **Wanderson:** Olha, eu não sei se eu entendi bem sua pergunta, mas eu digo assim: os equipamentos desde da época que nós entramos com hoje... Porque, todos os equipamentos eles são necessários porque eles serão necessários porque serão utilizados para um resgate ou até mesmo para um combate a incêndio. Então todos são primordiais, de acordo com a sua época.

33. **Pesq.:** Uhum... É... Tá. (pausa para tentar formular melhor a pergunta) Dentro dos objetos ainda, você viu que eu quero falar sobre os objetos né? É... Pro senhor, qual que é o objeto que **melhor** representa o bombeiro militar? (Enquanto a pergunta é feita, o entrevistado sorri e balança a cabeça afirmativamente.)
34. **Wanderson:** Acredito que a instrução. A capacitação do homem. Em termos de objeto eu não posso especificar um, por exemplo, nós temos desencarceradores, nós temos a mão-de-obra, por exemplo, o próprio bombeiro militar.
35. **Pesq.:** É... Qual foi a ocorrência mais marcante da carreira do senhor?
36. **Wanderson:** Olha, eu me recordo de uma ocorrência em Ouro Preto, onde houve um deslizamento de terra e soterrou duas casas é... De dois pavimentos, totalizando doze vítimas, sendo onze fatais e uma não fatal.
37. **Pesq.:** Uhum.
38. **Wanderson:** É uma recordação que eu tenho de Ouro Preto.
39. **Pesq.:** Uhum. E o senhor tava nessa...
40. **Wanderson:** Eu tava segurando o Comando nessa época. O oficial tava de férias, hoje o Coronel Rogério, à época 1 Tenente, ele tava de férias... Essa ocorrência ocorreu nesse interstício das férias dele.
41. **Pesq.:** O senhor lembra em que ano que foi?
42. **Wanderson:** Não, não lembro. (O entrevistado balança a cabeça negativamente.)
43. **Pesq.:** Aham
44. **Wanderson:** Eu lembro do fato.
45. **Pesq.:** Tá. É... Agora uma pergunta sobre o Museu. O senhor já conhece o Museu dos Miliars Mineiros? (O entrevistado sorri.)
46. **Wanderson:** Não. Mas quero conhecer ainda.
47. **Pesq.:** Aham... O senhor comentou comigo que acho que seu filho? Esteve lá?

48. **Wanderson:** Isso, ele teve. Falou comigo das coisas lá e falou que viu fotos de companheiros meus de Ouro Preto que se encontram lá. Ele reconheceu alguns dos meus amigos lá.
49. **Pesq.:** Uhum... Ele teve lá foi com escola?
50. **Wanderson:** Não. Ele foi pessoalmente. Que ele é apaixonado com a área militar.
51. **Pesq.:** Aham...
52. **Wanderson:** O desejo dele é ser Policial Militar.
53. **Pesq.:** Ah tá. Isso que eu ia perguntar. Assim... Se dentro da sua família alguém seguiu a carreira do senhor.
54. **Wanderson:** É igual eu já disse anteriormente: tem meu irmão que entrou no mesmo ano e depois um no ano (pequena pausa para pensar) de 95... Ele também adentrou. E ele sofreu um acidente nesse percurso que ele tava e ele foi transferido para a reserva, devido ao acidente.
55. **Pesq.:** Tá ok. Wanderson, é isso

ANEXO F

QUADRO DE NARRATIVAS – CORPO – VIGOR FÍSICO		
CONTEXTO DA FALA	TRANSCRIÇÃO	MARCA DE TEMPO
Ao ser questionado quais eram as exigências para o ingresso no Corpo de Bombeiros.	1. Ten Dias: Olha (limpa a garganta), para a admissão, tinha essas provas todas aí. Prova física...entendeu? É... a prova física tinha corrida livre, corrida com saco nas costas, saco com 50 quilos, é... subida em corda, é... travessia em barra (aponta para cima). Entendeu? E era apertado.	Vídeo 1: 3:34 / 4:00
Comentando com eram as atividades físicas no período de formação.	2. Ten-Cel Simil: Olha, eram extremamente intensas... Era uma época em que... o bombeiro, né... Eu mesmo, como policial militar, estranhei, porque...é, é, a atividade de mergulho muito forte , atividade de altura muito forte , atividade física extremamente voltada para preparar o bombeiro mesmo pra atividade dele, que é uma atividade né, extremamente pesada . Eu, durante a minha vida profissional, várias vezes eu tive que recorrer a esse (ênfase com as mãos) ... a esse preparo pra suportar mesmo... a dificuldade né, da própria atividade. É... na nossa época, nós não tínhamos equipamentos assim... mais modernos né, a gente tinha que contar é com o esforço mesmo do bombeiro militar pra suplantar a dificuldade com equipamento e realizar a atividade profissional que (gagueja), que, que, a sociedade dependia da gente.	Vídeo 1: 4:21 / 5:28
Comentando como eram as atividades físicas no período de formação.	3. Ten-Cel Simil: Essa força física, essa disposição mesmo (ênfase com as mãos) para o trabalho. O amor à atividade.	Vídeo 1: 5:32 / 5:38
O entrevistado comenta quais eram as	4. Ten Geraldo: A gente fazia inscrição, mostrava-se os documentos do conhecimento que a gente tinha e fazia-se uma prova física que era mais básica, na condição de carregar alguém aguentar peso, né?	Vídeo 2: 1:18 / 1:45

exigências para o ingresso no Corpo de Bombeiros.	Passava-se pelo serviço de saúde, da Polícia Militar. O serviço de saúde aprovava, estávamos incluídos no Corpo de Bombeiros.	
Relatando sobre a criação da CPSP – Companhia de Proteção, Salvamento e Prevenção.	<p>5. Ten Geraldo: E o preparo físico nosso, era toda quarta-feira. A gente saía do quartel, sete horas, ou menos, passava pelo Estoril, que hoje é o BH Shopping, né? Pegava a montanha.</p> <p>6. Pesquisadora: Isso saindo do 1º Batalhão?</p> <p>7. Ten Geraldo: Saindo do 1º Batalhão, que só tinha ele. Falei do quartel porque não tinha outro. <u>Risos.</u> Saía do quartel, passava pelo Estoril, que hoje é o BH Shopping, pegava aquela ponta da serra do curral, ia até o término dele lá na favela do Cafezal... Descia... ainda trazia uma pedra... pra fazer a capela do Corpo de Bombeiros. A capela do Corpo de Bombeiros está lá hoje, quem é mais velho aí, sabe que tem uma mãozinha de alguém lá.</p>	Vídeo 2: 18:07 / 19:03
Relatando sobre um curso de combate a incêndio que realizou na Marinho, no Rio de Janeiro.	8. Cel Celso: O curso era muito pesado, tinha muita parte prática. Eu tinha uma belíssima condição física, e me dedicava. Eu acabei me destacando no curso e acabei sendo convidado pra ir pra lá. Mas apesar de ganhar algumas vezes mais lá, preferi continuar no Bombeiro.	Vídeo 1: 3:29 / 3:49
O entrevistado conta que trabalhou muito tempo como instrutor dos recrutas.	9. Cel Celso: Eu tinha um condicionamento físico muito bom e... estava sempre à frente dos recrutas, exigindo o máximo. A gente fazia instrução saindo daqui até a Serra da Piedade (aponta o braço para cima). E como nós íamos construir uma capela, nós trazíamos cada um, uma pedra. Aquela parte ali daquela capela, tem aquela pracinha, é tudo pedra trazida na mão, uma a uma, sabe?	Vídeo 1: 17:52 / 18:18
O entrevistado explica por que a profissão exige um bom condicionamento físico.	10. Cel Celso: Exige um condicionamento físico tanto pra fazer salvamento em montanha, salvamento em gruta, salvamento aquático, salvamento durante os incêndios nos prédios, tudo precisa de um treinamento muito forte e muita coragem, porque muitas vezes, não tem jeito da gente fazer operação com muita segurança. A gente tem de colocar a missão à cima da própria vida.	Vídeo 1: 18:57 / 19:21

ANEXO G

QUADRO DE NARRATIVAS – CORPO – MEMBROS DO CORPO		
CONTEXTO DA FALA	TRANSCRIÇÃO	MARCA DE TEMPO
Ao ser questionado sobre o que é a Confraria do Fogo.	1. Ten Dias: Uai ela é... depois que a gente vai pra reserva, ou reformado mesmo, ela representa pra nós, é como se fosse o nosso batalhão, o nosso quartel, onde a gente vai rever os amigos. Por exemplo, ontem eu participei de uma reunião lá na ASPRA, tinha três amigos da minha época, época de recruta, participando da reunião lá. E a Confraria ela tem uma reunião trimestralmente onde reúne o pessoal do passado. E é uma grande alegria para todos, pra mim muito mais.	Vídeo 1: 6:55 / 7:50
Falando promoções em sua carreira.	2. Ten-Cel Simil: Isto porque eu tive a sorte de comandar uma tropa amorosa, uma tropa disposta mesmo. Sempre que eu em Governador Valadares... Cerca de dois meses, nós estivemos lá homenageando os companheiros, bombeiros antigos... Com o troféu boina de ouro. Né? Eles são um projeto que foi criado pelo instituto... aqui de Betim (aponta com o dedo a direção) e me chamou pra ajudar. Então que alegria que é pegar aqueles companheiros mais velhos... mais antigos já aposentados há 30, 40 anos. Levá-los no... lá no auditório da região integrada lá do Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e entregar uma medalha lá pelos anos de serviço. É uma coisa tão satisfatória né? Eu fiz isso mais alegria ainda porque foi uma tropa que sempre me ajudou muito, me beneficiou muito, em todos os sentidos. Até mesmo no prazer de ter servido com eles.	Vídeo 1: 9:21 / 10:23
Comentando sobre a diferença entre policiais e bombeiros.	3. Ten-Cel Simil: É, quase sempre né, na atividade em si, o bombeiro é extremamente unido. Por isso que se chama Corpo de Bombeiros. Ele... a gente precisa, como de fosse um braço, uma perna, uma mão. Ele é extremamente né agregado na atividade né.	Vídeo 1: 12:30 / 12:47
Comentando sobre a diferença entre policiais e bombeiros.	4. Tem-Cel Simil: Agora para o trabalho é... eu sempre vi a importância de tá a guarnição unida. Porque se não tiver essa união, pro trabalho, né... o serviço não sai né. O combate a incêndio, o salvamento, ele fica prejudicado.	Vídeo 1: 13:49 / 14:11

Falando sobre os anos de formação	<p>5. Subten Antônio Mário: O mais legal de tudo, as amizades que você fazia lá dentro. A gente fez, entendeu? Quer dizer, comecei com as amizades quando ia lá pra entregar os salgados e era aquele pessoal, aquela união, os grupinhos assim, batendo papo e tal, chegava aquela satisfação e a gente foi empolgando com isso. E... sem desfazer da, da, apesar que o Bombeiro pertenceu à Polícia Militar, o regime militar, mas sem desfazer das outras unidades policiais militar, é, a gente sabe, assim, porque a gente tinha contato com militares das outras casernas, mas o senso de, de, de amizade, de companheirismo era muito maior.</p>	<p>Vídeo 1: 15:15 / 16:00</p>
Relatando sobre as situações difíceis de viagem, sobre não terem lugar para dormir é então indagado sobre os bombeiros não trabalharem sozinhos.	<p>6. Subten Antônio Mário: Não, não trabalha sozinho não (nega com a cabeça). Inclusive, dependendo da situação, até pra mergulhar é de dupla. Isso vem depois... porque nessa época, os aparelhos de mergulho eram muito simples e pouco e tal. Mas, depois, com é, cursos que cê vai fazendo, os superiores, os oficiais vão fazendo, eles vão entendendo que a situação de um mergulhador, sozinho, é, é, muito perigosa. E ele tendo um companheiro do lado, é... ele entrando numa situação difícil, esse companheiro pode salvá-lo. Entendeu? Tanto pode, como deve, entendeu?</p>	<p>Vídeo 1: 18:38 / 19:19</p>

<p>O entrevistado está contando como eram os chamados para as ocorrências e é questionado por que nunca ficam sozinhos.</p>	<p>7. Ten Geraldo: É porque nós não sabemos em que momento pode surgir um transtorno qualquer, que eu vá precisar de alguém. Nós não nos consideramos um super-homem não. Pode ser uma coisa simples, mas nós estamos sempre em dupla. E isso era muito recomendado naquele tempo: “Não trabalhe sozinho. Não faça natação sozinho. Não ande no mato sozinho. Não fique num incêndio, num certo ponto sozinho. Sempre num incêndio, com alguém”. Além das técnicas que nós sabemos, tinha essa recomendação: sozinho não!</p>	<p>Vídeo 2: 14:32 / 15:16</p>
<p>Respondendo quais objetos simbolizam o Corpo de Bombeiros.</p>	<p>8. Ten Geraldo: O chefe de socorro não tinha a corda, mas o corneteiro tinha a corda, para proteção do corneteiro e do chefe de socorro. Então sempre foi um trabalho em conjunto.</p>	<p>Vídeo 3: 12:07 / 12:15</p>
<p>A entrevistada está falando sobre as amizades que fez no Corpo de Bombeiros.</p>	<p>9. Ten Érika: Na verdade a gente passa mais tempo dentro do Corpo de Bombeiros do que com a própria família da gente né. Cê tira um plantão de 24 horas. São 24 horas ali grudado um no outro, é, conversando sobre tudo, sabendo da intimidade um do outro, do profissionalismo, da capacidade. Então assim, a gente se conhece muito nesse tempo que cê tá trabalhando, né? E às vezes a gente não tem esse tempo com a própria família né?</p>	<p>Vídeo 1: 8:08 / 8:35</p>

ANEXO H

QUADRO DE NARRATIVAS – FATOS MARCANTES DA CARREIRA		
CONTEXTO DA FALA	TRANSCRIÇÃO	MARCA DE TEMPO
Respondendo sobre a incorporação do Corpo de Bombeiros à Polícia Militar.	<p>1. Ten Dias: Ele voltou pra Polícia Militar em 1966... Entendeu? Inclusive naquela época eu, é... soldado da Polícia Militar não votava, mas o bombeiro votava. Nessa época quando voltou, pra Polícia Militar, recolheram meu título. <u>Risos</u></p> <p>2. Andréa: Porque aí o senhor passou a fazer parte...</p> <p>3. Ten Dias: É, da PM. Passei a ser da Polícia Militar, Já não votava mais (olhar de tristeza). Eu deixei de ser cidadão.</p>	Vídeo 1: 6:03 / 6:41
Relatando sobre os primeiros aos de trabalho.	<p>4. Ten Dias: Inclusive eu tenho uma lembrança que eu estava de serviço em... numa data lá. Eu saí...teve um chamado lá pra Sabará. Apagar um incêndio era um colégio, colégio parece que era do estado. A gente ia nessa American La France. Quatro ali atrás segurando (mostra com os braços como faziam)</p> <p>5. Andréa: American La France que hoje é viatura histórica, que todo mundo quer tirar foto com ela.</p> <p>6. Ten Dias: É. Daqui ali em cima em Sabará, começou a chover. As gotas de chuvas assim (mostra o tamanho com os dedos), parecia granizo. Em cima do capacete, parecia que tava batendo pedra. Até chegar em Sabará nós sofremos naquela traseira da La France, viu? Chegamos lá era obra de pau a pique eu tenho até uma foto aqui, entendeu? Desse incêndio.</p> <p>7. Andréa: Olha, depois se o senhor puder me mostrar (concorda balançando a cabeça) ...</p> <p>8. Ten Dias: Aí trabalhamos a noite inteira, mas sabe o que? Removendo as coisas lá, porque era madeira pura. E já tinha começado a aula quando começou esse incêndio. Aí ficamos lá até lá pelas 4 horas da manhã, etc. A gente muito molhado...aí o Tenente ofereceu pra gente um conhaque. <u>Risos.</u> Pra tirar o resfriado. <u>Gargalhadas.</u> Então vamos tomar, vamos esquentar. Mas foi um incêndiozinho que me deixou recordação. Eu lembro que foi em agosto de 65. Eu tinha sido promovido a Cabo em julho.</p>	Vídeo 1: 11:33 / 13:27

Relatando sobre os primeiros anos de trabalho.	9. Ten Dias: Eu tive umas passagens boas, entendeu? É... trabalhando. Eu fui num incêndio aqui no bairro Sion é...antigamente a mangueira era de 2 e meia polegada (mostra a espessura com as mãos) e se o motorista que operava a bomba, se ele aumentasse muito a pressão...meu auxiliar cochilou o cara aumentou muito a pressão e eu fiquei no ar (demonstra com gestos o que aconteceu), assim, entendeu? <u>Risos</u>	Vídeo 1: 13:47 / 14:22
Após contar sobre a união dos bombeiros, fala que sonha com o trabalho.	10. Ten Dias: Eu chego a sonhar hoje as vezes quando eu tava na escola. Escola de recrutas, chego a sonhar. Sonho às vezes com as coisas do serviço. O bombeiro não saiu de mim não. Eu saí dele, mas ele não saiu de mim.	Vídeo 1: 18:53 / 19:12
Respondendo sobre a ocorrência mais marcante.	11. Ten Dias: A mais marcante foi um soterramento que teve ali na avenida Amazonas, com o pessoal da prefeitura, fazendo um trabalho de canalização, não sei de que. Caiu, o barranco todo em cima de dois cidadão lá, sabe? Fomo lá. Tudo na base da mão (faz gestos com as mãos), tiramos os caras, mas com medo de cair o resto em cima da gente. Não tinha nada garantindo. Mas conseguimos tirar os dois com vida. Foram pro pronto-socorro, eu acompanhei. Depois por telefone. Eles saíram dessa ilesos. Essa ficou na minha memória por muito tempo.	Vídeo 1: 25:00 / 25:50
Respondendo sobre a ocorrência mais marcante.	12. Ten-Cel Simil: Ah, tem várias. Nó! Muitas... Olha, nós, nós passamos uma época no Parque Florestal que era minha área, Rio Doce, comandando alguns incêndios lá. Então foram experiências lá. Aprendi muito. Uma tropa muito grandiosa e alguns incêndios eu comandeí. A gente comandava quatro, cinco helicópteros, como se fosse quase como um Brumadinho desse lá (aponta com a mão a direção) na nossa região e assim muito desestruturadinho e tudo era a gente que tinha que resolver. Então foi uma experiência.	Vídeo 1: 25:29 / 26:07
Respondendo sobre a ocorrência mais marcante.	13. Ten-Cel Simil: Agora assim, um dos casos que eu senti maior dificuldade, onde eu precisei mais dessa força física, foi... numa reunião que nós tivemos em Belo Horizonte. Eu vim com meu motorista... eu o motorista numa caminhonete, participamos da reunião, na sexta-feira e à noite teve uma recepção, aí fomos pra lá e tal, ficamos lá até tarde... Aí no outro dia cedinho nós saímos. Na BR-381 (indica a direção) de retorno pra Governador Valadares. Numa viatura, fardados, mas sem os	Vídeo 1: 26:12 / 29:13

	<p>equipamentos necessários pra atuação, porque uma viatura administrativa em termos, um trabalho administrativo. Aí nós estávamos chegando próximos, logo depois de Ipatinga, próximo a Valadares... Aí um movimento tremendo na pista. Um caminhão tinha girado (faz o movimento de giro com as mãos), caído num barranco... e aí ali tinha, na hora que rodou (continua fazendo gestos com as mãos), amassou a cabeça de uma senhora, que era esposa do motorista, matado o irmão dela, que tava do lado dela e o esposo dela tava preso... com o pé. E aí, nós chegamos e aí: “Ó! O bombeiro chegou! Graças a Deus!”. Aí só desço eu né, com o motorista... né? Uma pessoa boa de serviço, trabalhador, mas sem equipamento, sem material (expressão de pesar). Aí vamos né? Tivemos que entrar... desequipado, estava com aquelas camisetas de tercal né? Tinha, aquilo a gasolina caía naquela camisa (aponta para as costas), um sol de 40 graus, falei: “vamo morrer queimado”! Aí... conseguimos, tá? Pra soltar o pé, a posição, eu tive que passar as mãos dentro de uma coisa assim, bem mole (fecha os olhos) pra pegar o pé. Na hora que eu fui olhar esse, essa coisa mole era o cérebro da esposa que tinha... aí conseguimos com força tirar o pé desse cara. Aí eu agarrei ele, tirei ele. Só que aí (expressão de tristeza) ele tava muito machucado, e ainda tinha que subir um barranco, menina (aponta para cima), 20 metros, um barranco bem... e eu ali com aquela pessoa, sozinho, olhei assim e falei: “Olha, eu vou tentar subir, não sei se vou dar conta”. Aí chamei o motorista e falei: “Olha, eu vou partir com esse, esse” ... um rapaz pesado, sô, uns 75, 80 quilos. “Eu vou chegar no meio e não vou aguentar! Mas eu não posso deixar ele no chão não, na hora que ocê vê que eu tô parando, cê vem...cê vem e me empurra que eu acabo de chegar”. E deu certinho isso. Na hora que eu parti correndo, que eu cheguei no meio pra voltar, aí ele chegou e (gesto de empurrar com as mãos) e meu um empurrão. Aí eu consegui... chegar na pista. Aí coloquei o rapaz na viatura e fui, fomos para o hospital e conseguimos dar o socorro.</p>	
<p>Relatando sobre os primeiros anos de serviço.</p>	<p>14. Subten Antônio Mário: Então a gente viajava muito pra vários tipos de ocorrências, principalmente de afogamento. A gente viajava e ficava dias fora. Ganhava diária e tudo.. Sofria muito, passava até necessidade de alimentícia, pra dormir, dependendo do lugar, cê dormia lá no... como diz o outro: o</p>	<p>Vídeo 1: 17:58 / 18:37</p>

	<p>que achasse, né, onde ficar. Tinha lugar que a gente era muito bem recebido por moradores, familiares e tal dessas vítimas e tal, mas a gente não deixava de passar situação difícil.</p>	
<p>Quando está falando sobre ter trabalhado mais no serviço de salvamento.</p>	<p>15. Subten Antônio Mário: Então como a gente teve oportunidade de ser encaixado no salvamento, eu acho que pra mim foi melhor. E a gente também conheceu muita gen (interrompe a palavra e começa outra), viajou bastante pro interior, cidades do interior, lugar longe. Nos acidentes, chega lá e pega situações, às vezes uma criança morta, é (procura as palavras)... a família toda desesperada, até pessoas que não são parentes, mas chegam e sente. Eu tive uma ocorrência aqui no, no, no, na 381, depois da barreira (aponta para trás)... eu tava de plantão, é, eu tava chefiando a primeira guarnição de salvamento. A primeira é que geralmente vai pra essas situações mais difíceis, de vítima e tal. A gente foi. Quando na viatura, deslocamento, a central, o CIBOM, era o CIBOM, não sei se ainda é hoje, passou pra gente, via rádio que era um veículo é, transportando queijo. Que tinha acidentado, com o ônibus da Gontijo (começa olhar para baixo). Tudo bem. Aí nós fomos, chegando lá, tem uma curva e tal. Deparamos com o acidente e tal. Fizemos a, a, a, a vistoria normal. Pra você ver o que você vai fazer. Como está, se tem vítima, se não tem não vítima com vida, vítima fatal e tal. E aí a gente começa, no caso do chefe da guarnição, a fazer as anotações. Antes, você vê se precisa isolar o local, se você precisa de apoio de outras viaturas, por exemplo, é, num vazamento de combustível, por que? É, pra evitar um outro acidente, de um incêndio, né? Você tem que olhar isso tudo, são as obrigações principais do chefe da guarnição. Não obstante que os outros componentes também tem e observar. E às vezes eu não estou vendo, como chefe da guarnição, mas aí o outro companheiro viu e a obrigação dele é me passar. Passar pro seu chefe "Olha tem isso assim, assim e assado e tal." Entendeu? E aí, eu comecei a fazer as anotações, peguei o motorista do ônibus e tal, testemunhas, anotei os dados do, placa do carro, o normal assim. Os dados da CNH e tudo. E, o carro naquela situação toda. Aí você via assim espalhado na pista aqueles farelos (gestos com as mãos mostrando demonstrando os farelos), supostamente queijo, os queijos que eles tinham falado. O carro ficou numa posição assim (mostra com as mãos): a frente bateu, a traseira dele, era uma caminhonete S10 e tal. E... comecei a fazer as anotações do veículo acidentado. Aí tal: na frente a placa, devido à batida (faz</p>	<p>Vídeo 1: 28:55 / 29:48</p> <p>Vídeo 2: 00:00 / 5:25</p>

o movimento da colisão com as mãos) a placa sumiu e tal. Eu vim pra parte de trás e estava tudo a ocorrência começou era 2:10 da manhã lá no São Francisco. Então deve ter chegado por volta de 2:20, duas e meia e começamos. Já era mais tarde depois disso tudo o que eu acabei de relatar, Chegou a hora das anotações do veículo acidentado e tal, aí eu cheguei na traseira. E tava turvo, meio escuro, por volta de três da manhã, três e pouco, por aí. E anotei os números (gestos de quem escreve alguma coisa), as três letras né, o número, mas no você visualizar assim bem próximo (chega para frente) a gente via, eu notei que o nome da cidade era um nome grande tipo Belo horizonte, Governador Valadares, entendeu? Montes Claros, quer dizer, um nome maior... E tal. Quando eu chego no nome, que eu vi o nome da cidade, Teixeira de Freitas, sem mais, sem menos, eu comecei a tremer (mostra como tremia) ... Não sei. Comecei essa reação de tremer... Foi o que? Meu subconsciente ou meu sexto sentido que m avisou "olha, realmente é um conhecido seu" ... (olhos marejados) Isso por que? Eu tenho, tinha um cunhado, que comprava requeijão lá na região (aponta a direção), lá na, no sogro dele, onde a gente morou e trazia pra vender aqui no Mercado Central, Mercado Novo, fazia a entrega, entendeu? E Foi exatamente esse acidente. Então não era queijo, era requeijão. Tanto que os farelos, depois, observando direito, que o requeijão é amarelado, tipo essa mesa aqui e tal (mostra a mesa onde suas mãos estão apoiadas) ... E aí eu observei, que o queijo é branco, né? E eu vi aquelas latas tudo amassada assim (mostra com as mãos) e a gordura do requeijão também, né, a manteiga, pra vender. Bom, aí quando eu comecei a tremer, eu estava na traseira do carro aqui (pega o celular e simula o carro), rapaz, que eu comecei a tremer, eu olhei (olha para cima) pra cima e perguntei assim, no meu íntimo (olhos marejados): "Meu Deus, o que que tá acontecendo?". À princípio não tinha nada, acontecido. Não tava chovendo, não tava fazendo frio, nem nada. E voltei, aqui um pouco assim (muda o celular de lugar) pra traseira porque voltei pra esquerda um pouco e olhei lá pra frente. A (gagueja)... cabine da caminhonete, do veículo, ela tinha colado (junta as duas mãos) e a vítima ficou com o braço fora com a camisa assim (puxa a manga de sua camisa), quase da dor dessa minha camisa, com o braço de fora. E a gente via só a parte aqui do rosto (mostra no seu rosto, o lado esquerdo). Aí quando eu apoiei pra , que eu comecei a tremer, que

	eu acolhei pra esquerda, que eu olhei pra lá, algo me avisou “aquilo é o seu cunhado, o Zenom”. Aí que eu reconheci: pela camisa! Eu conheci, que ele tava sempre vestido com ela (olhar baixo). Aí eu cheguei lá... e assim, com aquele assim, trêmulo, né? Conversei com o pessoal “Gente, pelo amor de Deus! Esse é meu cunhado... O Zenom, meu cunhado”	
Contando sobre o atendimento a um acidente no qual seu cunhado estava.	16. Subten Antônio Mário: Foi uma ocorrência assim (olhos marejados, balança a cabeça), que eu fiquei fora de mim, entendeu? Devido isso: parente da minha mulher e tal. (ao ser perguntado onde foi, mudou de assunto)	Vídeo 2: 7:35 / 7:44
Sobre a ocorrência mais marcante, fala que foi a do acidente do cunhado e cita outra.	17. Subten Antônio Mário: Tivemos um cadáver. Teve (gagueja) uma senhora... lá em Felixlândia e uma garotinha lá na Lagoa da Pampulha que já tinha mais dias. A gente quando foi pegar, os cabelos da cabeça soltam tudo, entendeu? A gente, fica na cabeça da gente (balança a cabeça) por vários dias. Nessa época não tinha resgate, tudo era o salvamento.	Vídeo 2: 9:46 / 10:12
Falando sobre ocorrências marcantes.	18. Subten Antônio Mário: Mas a gente não pode distinguir também uma da outra não. Porque por mais simples que seja a ocorrência, a gente vem com aquele espírito de ajudar.	Vídeo 2: 10:20 / 10:33
Respondendo quais são suas melhores lembranças no Corpo de Bombeiros.	19. Ten Geraldo: Eu coloco no campo geral. Porque eu entrava de serviço com vontade de entrar. Se quisesse me deixar chateado, é me tirar da prontidão de incêndio... Então, eu entrava de serviço com vontade de trabalhar. Seja qual for o serviço.	Vídeo 3: 0:32 / 0:57
O entrevistado diz que teve fatos estranhos na carreira.	20. Ten Geraldo: Tirar, por exemplo, uma pessoa que tava prensada entre um barranco e um muro... e ele ainda ser reanimado. Levado pro hospital, do pronto-socorro... e sobreviveu!	Vídeo 3: 1:16 / 1:28
Respondendo sobre a ocorrência que marcou sua carreira.	21. Ten Geraldo: Eu tenho uma marcante, negativa (olhar para baixo), negativa. Mas tenho... Nós fomos retirar uma pessoa, uma criança na cisterna... Pela região hoje do bairro Nacional. A gente saía do bairro da Serra pra ir no bairro Nacional atender ocorrência. Que não existia bombeiro mais. Depois é que foi. Em 66 é que ampliou o sistema de bombeiro. Chegando lá, nós entramos na cisterna. Nada da criança lá. Falamos com a mãe: “Mas aonde que a criança estava?” “Estava beirando a cisterna”.	Vídeo 3: 2:41 / 4:08

	<p>Confirmou. Não está lá. Aí nós fomos andando pro lote afora. Lá no fundo do lote tinha um tambor, e não seria um tambor, uma lata (mostra a dimensão com as mãos) de massa de tinta de hoje não, um maiorzinho. A pessoa tava, a criança tava de cabeça para baixo. Automaticamente ela, no morrer encolheu os pés (mostra com as mãos e os braços) e ficou dentro do tamborzinho com água. Ela caiu de cabeça dentro do tambor. Para a mãe né, deve ser, enquanto ela foi na cozinha, voltou “Cadê a criança?” Ela pensou que ela tava dentro da cisterna. Que ela tava aberta, né? Isso aí ficou marcado. Uma criança...</p>	
<p>A entrevista aconteceu enquanto ainda havia buscas na maior operação de busca e salvamento do CBMMG, na barragem Córrego do Feijão em Brumadinho. O entrevistado relata que já participou de uma operação parecida.</p>	<p>22. Ten Geraldo: É... indo para a cidade de Ponte Nova, saiu da 040, passa pela rodoviária fede [interrompe a palavra], hoje é estadual (expressão de dúvida). Hoje é federal, que teve uma troca. Saiu da 040 e foi pra Ponte Nova. Pico Itabirito tá pra direita, para a esquerda, houve ali um... pequeno vazamento, né, de barragem ali. Tinha uma barragem ali. E essa barragem rompeu... E duas pessoas ficaram soterradas no minério. E foi a primeira ocorrência. Eu estive lá e o Sargento Pinheiro também teve. Sargento Pinheiro que acabou resgatando os dois corpos.</p>	<p>Vídeo 3: 24:01 / 24:45</p>
<p>O entrevistado diz que as melhores lembranças que tem são dos primeiros anos de serviço.</p>	<p>23. Cel Celso: Olha, uma lembrança que eu tenho... é... foi a minha, as minhas primeiras atuações como bombeiro. Então eu era muito jovem, entrei de serviço e na escala de serviço tinha um pessoal da guarnição de bomba e o pessoal da guarnição de escada. Essa guarnição de escada era aqueles mais frágeis né? E não era meu caso. Mas, houve um chamado pra Avenida Augusto de Lima, logo abaixo da Imprensa Oficial, que [procura a palavra], a, uma dessas máquinas de passar em cima do asfalto, eles chamam de macadame, aquele rolo compressor. Naquela descida, perdeu o freio e, e bateu no passeio e o [passagem inaudível] passou por cima daquele rolo (eleva as mãos) e foi esmigalhado (faz um movimento das mãos simulando o que aconteceu) no chão. Então, pessoal da polícia tava lá presente e... precisava recolher aquilo pra medicina legal e eu, eu era integrante da guarnição, o cabo,</p>	<p>Vídeo 1: 29:52 / 30:13 Vídeo 2: 0:00 / 1:26</p>

	<p>era o cabo Adiarme, ele era o comandante dessa guarnição de escada. “E quem vai recolher?” Eu logo pulei na frente e ajuntei aquilo tudo (mostra com as mãos como fez), coloquei numa maca. Foi uma operação que não tinha risco, mas me impressionou muito pegar aqueles restos, aquele sangue, com aqueles ossos tudo esmigalhados, foi... realmente me marcou demais. Eu até hoje tenho aquela operação na lembrança.</p>	
<p>Ainda contando sobre os primeiros anos de serviço</p>	<p>24. Cel Celso: Eu tava no Rio de Janeiro num engarrafamento lá de trem, mais de duzentas pessoas morreram. Aí, três dias tirando cadáver, começamos pelos que estavam vivos ainda, três dias direto, sem parar, trabalhando. São as lembranças.</p>	<p>Vídeo 2: 4:22 / 4:41</p>
<p>A entrevistada lembra de seu período de formação.</p>	<p>25. Ten Érika: A gente no início, quando nós entramos, a gente era proibido de conversar com o masculino. A gente não podia nem conversar com um companheiro masculino. Na época tinha é... escolinha né? De feminino, que era a nossa. E tava em andamento uma escolinha é, masculina. A gente não podia conversar com os meninos. Era proibido. Mas a gente conversava escondido, claro né!</p>	<p>Vídeo 1: 9:14 / 9:39</p>
<p>A entrevistada lembra de seu período de formação.</p>	<p>26. Ten Érika: E assim, durante a escolinha, eles exigiram bem mais da gente. E eles falavam, que estavam exigindo porque a gente tinha que provar que era capaz. E que se a gente não fosse capaz, que nunca mais teria mulher no Corpo de Bombeiros e que a culpa era nossa. Então assim, a gente se desdobrava, era uma pressão física e psicológica muito grande. Muito grande. Eu lembro que logo que a gente formou, quem trabalhava no 1º BBM, que era o meu caso, a gente tinha uma vila, que chama... É... Ai, como que chama gente? (olha para cima e tenta encontrar a palavra). Nossa, ali perto do Posto Chefão... Ai, eu esqueci o nome do lugar. É um bairro, na verdade. Que naquela época parecia uma vila. Hoje é um lugar luxuosíssimo ali atrás do Posto Chefão, em Nova Lima, sentido 356 ali (aponta a direção), Nova Lima, perto da Lagoa dos Ingleses, antes de chegar um pouco na Lagoa dos Ingleses. Eu esqueci o nome do bairro. Lá não tinha água! E a maioria do pessoal que morava lá, eram militares. Então a gente tinha que ir com a auto bomba, pra abastecer as caixas d'água desse pessoal. E o masculino fazia sacanagem com a gente. A gente tinha que subir em cima de telhado, em cima de laje e eles deixava a gente fazer isso sozinha! Pra ver se a gente dava conta. Eu cansei</p>	<p>Vídeo 1: 11:21 / 12:56</p>

	<p>de ir e a guarnição simplesmente chegava lá, o motorista ligava a bomba, controlava a pressão e o restante da guarnição cruzava os braços (cruza os braços). Pra ver se a gente ia dar conta. E a gente deu!</p>	
<p>Respondendo quais são as melhores lembranças da atuação profissional.</p>	<p>27. Ten Érika: Nossa, tem muita ocorrência. É... uma das melhores ocorrências, que eu já atendi, foi um parto que eu fiz. É... lá no Alto Vera Cruz. No meio de um tiroteio. Então, o pessoal da polícia com uns escudos, protegendo a gente. E a gente ali, a guarnição de resgate atendendo a parturiente e fizemos o parto dessa senhora, ela chama-se Sirlene. Ela deu à luz a um menino que chama Gustavo Welerson. E assi, depois disso a mulher foi atrás da gente no Batalhão. Colocou o nome do menino de Welerson por causa do hoje Sargento Welerson, que na época era Cabo Welerson. Colocou o nome dele de Gustavo Welerson em homenagem a ele da guarnição. Me deu o menino pra ser madrinha. Eu sou madrinha de batismo do menino. E a gente ainda tem contato.</p>	<p>Vídeo 1: 17:39 / 18:35</p>

ANEXO I

QUADRO DE NARRATIVAS – FAMÍLIA		
CONTEXTO DA FALA	TRANSCRIÇÃO	MARCA DE TEMPO
Falando sobre seu ingresso no Corpo de Bombeiros.	1. Ten Dias 1: Uma alegria pra mim e pra minha família que participou também.	Vídeo 1: 2:24 / 2:26
Ainda sobre seu contexto de ingresso na corporação.	2. Ten Dias: Eu tinha um cunhado, que já é falecido, ele era soldado do bombeiro e ele me entusiasmou porque ele era muito vibrador. Ele me entusiasmou e falou: “Não, uai, vai lá pro bombeiro!”.	Vídeo 1: 2:54 / 3:07
Falando sobre o sentimento de dever cumprido ao final de um dia de trabalho.	3. Ten Dias: Chegava em casa, comentava com o pai, com a mãe. Eles perguntavam como que foi lá o serviço.	Vídeo 1: 26:32 / 26:38
Para iniciar a entrevista, o entrevistado coloca a foto de seu neto, fardado, sobre a mesa. Então, neste momento, é indagado sobre quem está na foto.	4. Ten Dias: Esse é o Stortini aqui (olhando para a foto que está sobre a mesa). Esse é o Leandro Dias Stortini, ele é o meu neto mais velho, né? Ele, eu nunca imaginei que ele poderia entrar pra polícia. De repente ele falou pro pai dele: “Vou fazer uma prova pra polícia, vou fazer um teste aí.” Ele passou bem. Saiu bem durante o curso, né? Tá gostando. Responsável. Não tem uma falta no período que ele tá lá, né? Não é desses que vai pra médico, né? Ele tá honrado a farde dele aí, e honrando o vó. 5. Pesquisadora: Como o vô se sente? 6. Ten Dias: Dias: Eu sinto orgulhoso. Orgulhoso com isso.	Vídeo 2: 02:35 / 3:37
Ao se apresentar.	7. Ten-Cel Simil: O meu pai ele é policial militar, tá? E...e a gente praticamente seguiu os passos do pai.	Vídeo 1: 1:15 / 1:23

Ao se apresentar.	<p>8. Ten-Cel Simil: E... e conheci uma moça de Governador Valadares e noivei dela. E o comandante queria me transferir porque vagou um comando de pelotão, e eu era segundo tenente, na cidade de Araçuaí , mais três horas pra cima, já no Vale do Jequitinhonha, lá pro lado de Diamantina. E eu queria voltar pra Valadares porque... a minha esposa, a minha atual esposa, que era minha noiva, morava lá. Aí ficou aquela situação difícil, porque o comandante precisava de mim lá e eu queria voltar pra Valadares. E ir para Araçuaí casado, era sem condições. A esposa não aceitava ir.</p>	Vídeo 1: 2:10 / 2:54
Quando o entrevistado está falando dos fatos que marcaram sua carreira.	<p>9. Subten Antônio Mário: Você esquece, você esquece da sua família, você esquece, às vezes, até de você mesmo. Você chega ali e depara com aquela situação.</p>	Vídeo 2: 10:54 / 11:00
O entrevistado está relatando que depois de algumas ocorrências, não conseguia dormir. É então questionado como a família lidava com isso.	<p>10. Subten Antônio Mário: Olha, eu... morava com minha mãe quando eu entrei pro Bombeiro ela ainda morava aqui. Depois ela veio e tal, tá tudo bem. Era uma pessoa muito simples, não entendia nada, meus irmãos, pessoal da roça e tal. E depois, foi assim, foi assim, foram assim, como diz no popular, foram se aclimatando com a situação, a gente passando e tal. Então, era bem [passagem inaudível], depois veio meu casamento e tal, tranquilo... A esposa também gostava e tal, ajudava... Mas hoje, se cê perguntar, eu não tenho mais, porque nós separamos, fez dois anos.</p>	Vídeo 2: 17:10 / 17:53
A pesquisadora pergunta se o entrevistado tem algum parente militar.	<p>11. Subten Antônio Mário: Não, eu não tenho. Eu tinha um irmão que foi policial militar, no 16º. Mas aí ele saiu, inclusive já é falecido, era gêmeo comigo... E, parente eu não tenho... Mas nós sabemos de pessoas, de família lá dentro de até cinco irmãos.</p>	Vídeo 3: 5:50 / 6:09
O entrevistado está relatando sobre a sensação de chegar em casa depois de um plantão de 24h. A pesquisadora pergunta	<p>12. Ten Geraldo: A minha família, antes deu casar, eles não, não (balança a cabeça negativamente), não queria que eu fosse pro Corpo de Bombeiros. Depois, verificaram que dava certo... Agora, pra minha família depois de casado, é... não foi tão bom eu ser do bombeiro...</p> <p>13. Pesquisadora: Por quê?</p> <p>14. Ten Geraldo: Porque eu não tinha tempo pra dar assistência aos meus filhos... Eu mais viajava do que ficava em Belo Horizonte... Então meus filhos foram crescendo, com a assistência de, da esposa...</p>	Vídeo 3: 7:59 / 9:25

como era a relação da família com esse fato.	Porque o serviço de salvamento, depois que ele foi ampliado, em 1961, viajava-se muito... O tipo de acidente, catástrofe de um modo geral, e... Eu sempre de plantão, sempre viajando. Então faltou uma assistência, presença né? Para meus filhos... Os dois são bombeiros hoje, são reformados, mas faltou. Assistência pra eles, a mãe que cobriu. Mas eu precisava viajar, também pra receber uma pequena diária pra inteirar o leite deles.	
Respondendo como foi a escolha para entrar no Corpo de Bombeiros.	15. Cel Celso: Uma coisa que foi circunstancial. Eu sou de uma família muito simples... vim do interior e aí a vontade da minha mãe era que os filhos estudassem. E a vontade dela acabou sendo realizada por cinco homens e uma mulher. Todos passaram por escolar públicas, ninguém pagou escola. Dois médicos formados pela Federal, dois advogados formados pela Federal, engenheiro formado pela Federal. Então, a vontade dela foi cumprida. Todos foram muito bem sucedidos profissionalmente. Mas, é... eu era ainda muito jovem, naquele tempo a gente podia entrar com a permissão dos pais... Dava, é... ainda os reflexos da Revolução de 30, 32. Então meu pai fez uma carta autorizando eu entrar para o Corpo de Bombeiros. Eu entrei para o Corpo de Bombeiros e aí que eu fui conhecer a profissão.	Vídeo 1: 15:12 / 16:15
A entrevistada está falando sobre as amizades que fez no Corpo de Bombeiros.	16. Ten Érika: Na verdade a gente passa mais tempo dentro do Corpo de Bombeiros do que com a própria família da gente né. Cê tira um plantão de 24 horas . São 24 horas ali grudado um no outro, é, conversando sobre tudo, sabendo da intimidade um do outro, do profissionalismo, da capacidade. Então assim, a gente se conhece muito nesse tempo que cê tá trabalhando, né? E às vezes a gente não tem esse tempo com a própria família né?	Vídeo 1: 8:08 / 8:35
Respondendo como a família reagiu ao saber que ela estava entrando para o Corpo de Bombeiros.	17. Ten Érika: Nossa! Foi uma alegria imensa porque o meu avô foi militar. Meu avô foi da Polícia Militar. E até então, assim, na minha família (celular da entrevistada toca e interrompe a entrevista). A minha família ficou assim, extremamente feliz. Eu era, meu tios, ninguém seguiu a carreira militar. Meu pai não seguiu carreira militar. Aí vem a neta e segue a carreira militar no Corpo de Bombeiros. Então assim, era um orgulho e é até hoje, né, pra minha família, que eu tenha seguido a carreira militar né, no Corpo de Bombeiros. E assim, eu tenho muitos parentes que são do Corpo de Bombeiros.	Vídeo 1: 24:06 / 25:02

ANEXO J

QUADRO DE NARRATIVAS – ARTEFATOS DE TRABALHO		
CONTEXTO DA FALA	TRANSCRIÇÃO	MARCA DE TEMPO
Ao final de sua apresentação, discorre sobre o fardamento que utilizava.	1. Ten Dias: Trinta e um de janeiro de sessenta e quatro eu formei soldado. Era uma época difícil. Até o fardamento era, ele era horroroso. Era horroroso (risos). Ele tinha umas túnicas com seis botões aqui assim ó (mostra no peito onde era) e um cinto fino aqui na cintura (aponta para a cintura). Um quepezinho com um florãozinho (mostra com os dedos o tamanho do florão). Muito simples, muito humilde. Mas pra mim foi uma alegria: primeira farda que eu vesti como soldado.	Vídeo 1: 1:50 / 2:26
Ao relatar que quando o Corpo de Bombeiros foi incorporado à PMMG, ele fazia policiamento no carnaval.	2. Ten Dias: Capacete, o cinto de bombeiro, o ginástico, aquele largo (mostra a largura com as mãos) e fazia o policiamento.	Vídeo 1: 7:16 / 7:21
Ao responder quais os objetos simbolizam a atuação do Cor de Bombeiros.	3. Ten Dias: Olha, existe a corda, machadinha, chave de mangueira que você carregava aqui na cintura (mostra onde ficava). Esses são os objetos que representam o Corpo de Bombeiros. Inclusive tá no emblemazinho do bombeiro, entendeu? Corda, machadinha, é, tocha.	Vídeo 1: 29:47 / 30:17
Ao responder quais objetos ajudaram no cumprimento de sua missão de bombeiro.	4. Ten Dias: Vou te falar, a corda era muito importante, entende? Fazer um salvamento. A machadinha também porque, uma porta tava [passagem pouco audível como resmungo]... se tivesse a machadinha na porta, ajudava a arrombar e passar pra dentro (exemplifica com gesto de mãos). Esses aí eram importantes mesmo.	Vídeo 2: 0:30 / 0:52
Ao responder quais os objetos simbolizam a	5. Ten-Cel Simil: Ah, pra mim é a bomba. A bomba de incêndio. Ela que é o negócio. Seja de gasolina. Seja uma bomba elétrica. Uma bomba manual, né. Ela tem que buscar água, onde tiver. Ela tem que	Vídeo 2: 4:54 / 5:47

atuação do Cor de Bombeiros.	pressurizar a água. Ela tem que te permitir... jogar água no fogo né. Na quantidade que você precisa né. Então bombeiro é bomba né. O resto é importante, uma aparelho de mergulho, é importante o machado, é importante, mas a bomba é tudo né. Então eu vejo a bomba como razão até de existência do Corpo de Bombeiros. Combate a incêndio sem um caminhão (balança a cabeça de forma negativa), tanque e sem uma bomba mesmo, seja desacoplada num, num automóvel... pra você colocar numa caixa d'água né.	
O entrevistado fala das semelhanças e diferenças na corporação e sua época e a atual.	6. Subten Antônio Mário: Quando nós entramos, eu te falei, nós não tínhamos luvas. Hoje, de um certo tempo pra cá, usamos luvas pra e, é, ter contato com situações. Num acidente, nós usávamos também material com as mãos limpas, né? Hoje tem luvas de raspa, de couro né, pra você usar. Tem luvas de borracha. Você usa. É, nós não tínhamos motosserra pra cortar árvore, um dos serviços que o Bombeiro mais faz, é corte de árvore. Então depois, aí apareceu a motosserra. Quantas vezes você ia é, cortar eucalipto aí e outros tipos de árvore, de um metro, até mais de circunferência, cortava no machado.	Vídeo 2: 19:36 / 20:21
O entrevistado é questionado sobre quais objetos simbolizam o Corpo de Bombeiros.	7. Subten Antônio Mário: Olha, que simboliza o Bombeiro, o próprio escudo do Bombeiro, nós temos lá o que? Uma machadinha, é, uma mangueira com esguicho e tal. Então o próprio logotipo do Bombeiro que, não tem como.	Vídeo 3: 1:57 / 2:13
O entrevistado é questionado sobre qual objeto foi mais importante para o cumprimento de sua missão.	8. Subten Antônio Mário: Olha, para o mergulho é o aparelho de mergulho, né? Aparelho para ambiente confinado. E para resgate é o desencarcerador, popular aparelho Lucas, né?	Vídeo 3: 2:53 / 3:05
Falando sobre seu período de formação.	9. Ten Geraldo: Naquele tempo, a escassez de material era uma coisa assustadora... Nós tínhamos mangueira, é, de fio de rosca. Não era adaptação rápida. Nós tínhamos corda, mas era de algodão. Depois é que chegaram as de nylon, dura . As luvas que a gente usava, era luva de raspa.	Vídeo 2: 4:15 / 4:44

Falando sobre seu período de formação.	<p>10. Ten Geraldo: E o uniforme da prontidão de incêndio, era um pano azul claro, com característica de pano de saco. Pano de saco, de passar no chão! E esse uniforme era de manga curta. De botina, uma camisa, manga curta, capacete e o cinto. E que nós usávamos para proteção no combate a incêndio. Nós usávamos também, como parte do uniforme de combate a incêndio: corda no ombro; machadinha; pra qualquer emergência; prendedor de mangueira, que era pra prender a mangueira numa posição que fosse necessária nos prédios ou na escada; chave de mangueira. Isso era os acessórios que a gente carregava na cintura, anexado ao cinto de bombeiro...</p> <p>11. Pesquisadora: Cinto ginástico?</p> <p>12. Ten Geraldo: É. Durante as vinte quatro horas de trabalho.</p>	Vídeo 2: 5:22 / 6:32
Relatando como eram os atendimentos a ocorrências no início década de 1960.	<p>13. Ten Geraldo: Porque os carros daquela época era: 1 ABT – ABT auto bomba tanque, que levava toda guarnição... três mil litros d'água e o material de combate a incêndio. Tinha um outro carro que era o auto material, que tinha mangueiras e ferramentas. À primeira vista, esse carro, na maioria das vezes, não ia pro incêndio... E tinha um terceiro carro, que seria um tanque que tinha o apelido de Bowie. Porque ele era de quatro mil litros d'água, muito difícil de... manobrar na cidade!</p>	Vídeo 2: 11:50 / 12:37
Relatando sobre a criação da CPSP – Companhia de Proteção, Salvamento e Prevenção.	<p>14. Ten Geraldo: Não foi fácil não. Porque não tinha material. Usava-se. Mãos! É mais fácil trabalhar sem luva de raspa, do que pôr luva de raspa. Porque não dava agilidade pra você trabalhar.</p>	Vídeo 2: 22:21 / 22:25
Respondendo quais objetos simbolizam o Corpo de Bombeiros.	<p>15. Ten Geraldo: Naquele tempo a gente usava a machadinha para simbolizar o Corpo de Bombeiros. Os carros mais antigos, tem a machadinha do lado dele. Pra simbolizar o Corpo de Bombeiros. Tinha as cordas, para simbolizar o Corpo de Bombeiros. Tinha a mangueira, para simbolizar o Corpo de Bombeiros. Nisso aí, gerou uma união (junta as mãos). A tocha de fogo, pra complemento do símbolo do Corpo de Bombeiros. Então nós tínhamos isso, né? Depois, não sei por quem, extinguiu é, o uso desses acessórios pessoal. Hoje o bombeiro só vai ao incêndio com seu capacete e sua capa. Enquanto naquele tempo, ia com todos os acessórios pessoais. E ele tinha um sentido. A corda era</p>	Vídeo 3: 10:49 / 12:21

	<p>pra proteger eu e meu ajudante... A machadinha era pra proteção minha e do meu ajudante. Nós trabalhava em conjunto, o chefe e o ajudante. O chefe de socorro não tinha a corda, mas o corneteiro tinha a corda, para proteção do corneteiro e do chefe de socorro. Então sempre foi um trabalho em conjunto.</p>	
Respondendo qual objeto foi essencial para o cumprimento de sua missão.	<p>16. Ten Geraldo: Foram as cunha hidráulica. Que era um equipamento pra levantar carros, ou distanciar a lataria. Enfiava-se a cunha, hidraulicamente, ela abria (faz um movimento de abertura das mãos que estavam unidas). Aí era possível a gente retirar a vítima da ferragem.</p>	Vídeo 3: 13:30 / 13:51
O entrevistado diz que conhece o MMM e que falta divulgação e algumas coisas no museu.	<p>17. Ten Geraldo: Deve tá faltando alguma coisinha lá. Um capacete do bombeiro. Uma corda do bombeiro. O uniforme velho do bombeiro, que ele saía da rua, que ele estava de serviço, né?</p>	Vídeo 3: 15:44 / 15:53
O entrevistado diz que às vezes, mesmo não estando de serviço, usava a farda. A pesquisadora pergunta então, como era a farda.	<p>18. Cel Celso: É, nós tivemos aquela farda bem, bem quando eu sentei praça, depois aquele azulão saiu e passou a ser a farda cáqui. Hoje é essa farda diferente que tem aí que, aliás é adotada no mundo inteiro, essa farda...</p> <p>19. Pesquisadora: Laranja.</p> <p>20. Cel Celso: Laranja. É adotada no mundo inteiro pra parte de defesa civil. E a farda do bombeiro também, essa farda, que era aquela farda cáqui, que era a farda de serviço, também... hoje já não é mais. É uma farda é... cinza né?</p>	Vídeo 1: 23:21 / 24:00
O entrevistado é questionado sobre qual atividade de bombeiro tinha mais aptidão.	<p>21. Cel Celso: Olha, eu usava aqui esse emblema do Bombeiro (mostra os capacetes que estão em cima da mesa e que tem o emblema do Corpo de Bombeiros) pra falar sobre as missões do Bombeiro. Então, eu mostrava essa chama aqui do emblema, que é fogo sobre controle. Então, a principal função do bombeiro é a prevenção. É impedir que esse fogo saia do controle do homem. Porque quando ele sai, vira incêndio. Aí ceifa vidas, dá prejuízos enormes. Bem, a segunda atividade do Bombeiro, depois da prevenção de incêndio, que eu achava que era a principal função, vem a defesa civil, são os</p>	Vídeo 2: 5:12 / 6:00

	socorros públicos. E estariam simbolizados aqui por essas duas machadinhas. Em terceiro lugar, é aqui essas mangueiras, ó, que é combate a incêndio.	
Respondendo quais objetos simbolizam o Corpo de Bombeiros.	22. Cel Celso: Olha, naquele tempo, tinha o pessoal que...salvamento usava uma corda (mostra no corpo onde ficava a corda), esse é um objeto que simboliza bem. O outro era uma machadinha, mas no serviço de salvamento a machadinha é mais difícil de carregar. Tem o facão.	Vídeo 2: 12:01 / 12:15
A pesquisadora pede para que o entrevistado fale sobre o uso dos dois capacetes que estão sobre a mesa.	23. Cel Celso: Bem, esse aqui é um capacete antigo (pega no capacete preto), é, é, é, ele o cabo e soldado tinha um pirulitozinho aqui em cima. O de sargento tinha, essa parte aqui (mostra a crista do capacete) a gente chamava de telha, mas a telha era diferente. E do oficial tinha essa telha mais bordada. Esse era o capacete de oficial (pega o capacete e mostra para a pesquisadora). Esse aqui ó, tá escrito aspirante, 1957. Se você quiser levar ele lá pro museu, pode levar. Depois, para destacar, eles fizeram esse capacete branco (pega o capacete branco e mostra para a pesquisadora) que era só para os oficiais (coloca na cabeça). E parece que hoje ainda é esse capacete branco que (volta o capacete para a mesa) é usado só pelos oficiais.	Vídeo 2: 19:01 / 19:46
Ao ser questionada qual objeto representa o Corpo de Bombeiros.	24. Ten Érika: Eu pra mim, eu acho que a mangueira com esguicho seria a representação melhor para o Corpo de Bombeiros. Na minha visão.	Vídeo 2: 0:47 / 0:58

ANEXO H

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO – APRESENTAÇÃO		
CONTEXTO DA FALA	TRANSCRIÇÃO	MARCA DE TEMPO
Depois de se apresentar, a pesquisadora pede para que o participante se apresente.	<p>1. Ten Dias: Bom, meu nome é Antonio Dias da Silva, Tenente reformado do Corpo de Bombeiros... É... eu entrei pro Corpo de Bombeiros em 1963, no dia 02 de maio. Aí nesse período eu fiz a famosa escola de recrutas de maio a janeiro de 64. Trinta e um de janeiro de 64 eu formei soldado.</p>	Vídeo 1: 1:08 / 1:47
Depois de se apresentar, a pesquisadora pede para que o participante se apresente.	<p>2. Ten-Cel Simil: Andréa, é um prazer tá te conhecer, gostaria de agradecer essa oportunidade de falar né? De conversar sobre o Corpo de Bombeiros. Eu me realizei muito nessa profissão. Eu ingressei na corporação, na Polícia Militar de Minas Gerais, aos 16 anos. E à época, o Corpo de Bombeiros ele pertencia à Polícia Militar e eu fiz todo o meu trabalho, todo o meu estudo voltado para a carreira policial militar. O meu pai ele é policial militar, tá? E... e a gente praticamente segui os passos do pai. Eu estudava no Colégio Tiradentes, quando eu intei a idade, aos 16 anos, me foi permitido inscrever no concurso. Eu fiz as provas e iniciei, vim pra Belo Horizonte e iniciei meu trabalho, meu estudo aqui na Academia de Polícia Militar de Minas Gerais. E... a minha ida para o Corpo de Bombeiros foi quase que acidental, assim, foi uma questão da carreira policial militar. Eu trabalhava no 19º Batalhão que é na cidade de Teófilo Otoni, Minas Gerais, é a minha região, é onde... região de onde eu sou originário... Natural de lá. E... e conheci uma moça de Governador Valadares e noivei dela. E o comandante queria me transferir porque vagou um comando de pelotão, e eu era segundo tenente, na cidade de Araçuaí, mais três horas pra cima, já no Vale do Jequitinhonha, lá pro lado de Diamantina. E eu queria voltar pra Valadares porquê... a minha esposa, a minha atual esposa, que era minha noiva, morava lá. Aí ficou aquela situação difícil, porque o comandante precisava de mim lá e eu queria voltar pra Valadares. E ir para Araçuaí casado, era sem condições. A esposa não aceitava</p>	Vídeo 1: 0:40 / 4:12

	<p>ir. Então surgiu o concurso pra os oficiais que quiserem, quisessem fazer o curso de bombeiro pra oficiais na Polícia Militar, viria pra Academia, faria um curso de um ano e seria do Corpo de Bombeiros. Aí eu fiz a inscrição... Entre 30 candidatas, só dois passaram... Eu fui um dos dois... Ai eles fizeram um outro concurso e completaram. Aí eu fiquei um ano. O ano de 1987 todinho eu fiquei em BH, né? Estudado na Academia de Polícia Militar, em convênio com o CEFET, estudando muita hidráulica, muita matemática, cálculo... essa área todo de prevenção contra incêndio: combate a incêndio, mergulho, salvamento em altura... Então., depois de fazer um CFO de 5 anos... e, onde a gente tinha também matéria de prevenção contra incêndio, eu fiz o curso de um ano específico para atuar no Corpo de Bombeiros. Aí fui transferido para o 1º GI, ao término de curso, no ano de 1997, aos 25 anos, aí comecei minha carreira no Corpo de Bombeiros.</p>	
<p>Depois de se apresentar, a pesquisadora pede para que o participante se apresente. Ele agradece a oportunidade da entrevista e já começa a falar de seu ingresso no Corpo de Bombeiros.</p>	<p>3. Subten Antônio Mário: Na verdade eu tinha saído de um emprego, no fim de 71 e... não tinha nada, procurava emprego e não conseguia. Por acaso eu, eu passando num lugar e tinha um, um, um... uma organização de festas ali na Floresta e cheguei lá e conversei com o pessoal “Não você fica aqui ajudando a gente e tal” e os rapazes, o dono, ele era é... era militar, bombeiro. E os garçons que trabalhavam com ele também. Alguns né? E, e ele fornecia salgados pra cantina no, no 1º Batalhão de Bombeiros, que a princípio só tinha o 1º. E mandou que eu fosse lá levar uns salgados lá pra cantina. Cheguei lá, eu fui chegando e fui recebido assim pelo pessoal, conversa com um, conversa com outro e fui fazendo amizade. E os colegas e o próprio, o nome dele: Manoel Diniz. E o Diniz falou pra mim: “Por que cê não entra pro bombeiro”? E aí eu falei “Vamos ver quando tiver vaga”. E aí saíram as vagas né? E eu fui lá fazer inscrição e... fiz a prova. Na primeira prova eu perdi no psicotécnico... É... por sinal eu descobri que é, me deram uma folha de papel em branco pra é, é, desenhar uma árvore e um casal em trajes de banho, de piscina, ou praia e tal. E e eu fiz ao meus modos os desenhos e perdi o psicotécnico. E aí, conversando com a pessoa depois “O que você fez no desenho?” eu falei “Não, eu desenhei o caszinho, um homem e uma mulher e uma árvore.” “Mas você desenhou mais alguma coisa?” “Não.” “Moço, você tinha que fazer uns risquinhos embaixo pra entender que eles estavam pisados no solo e a árvore com as raízes embaixo do chão, entendeu? (faz gestos de</p>	<p>Vídeo 1: 1:35 / 4:00</p>

	<p>desenhar com as mãos) E você deve ter perdido por isso.” E dei sorte que com oito dias eles marcaram de novo, aí eu fiz o mesmo desenho, os mesmo desenhos e (mais uma vez como se estivesse desenhando) coloquei os risquinhos com é, é, é (gagueja), o casal é, pisado no solo e, lógico que as raízes da árvore ficaram pra dentro do chão (mostra com as mãos as raízes) e passei. Eu creio que foi isso.</p>	
<p>Depois de se apresentar, a pesquisadora pede para que o participante se apresente.</p>	<p>4. Ten Geraldo: Pois é, eu me chamo Geraldo né? Mais conhecido como Geraldinho... É, vim do interior do estado e fui para o Corpo de Bombeiros em 1960. Exatamente 11 de março de 1960.</p>	<p>Vídeo 1: 0:46 / 1:02</p>
<p>Depois de se apresentar, a pesquisadora pede para que o participante se apresente</p>	<p>5. Cel Celso: Bem, meu nome é Celso Sérgio Ferreira, eu assentei praça no Corpo de Bombeiros... depois prestei exame pra Cabo e CFO, passei nos dois. Fui pro CFO. Saí oficial em 1957. Nesse tempo o Bombeiro era separado da Polícia Militar... e o último posto de bombeiro era de Capitão. Como eu tinha paixão pelo Bombeiro e daí pra mim era coisa secundária, eu preferi ficar no Bombeiro. E o destino levou... exatamente a uma coisa que não era prevista. Eu acabei, dada a reintegração do Bombeiro com a Polícia Militar, fiz uma carreira muito bem sucedida, melhor do que o pessoal da Polícia Militar. Da minha turma. E... fiquei como Coronel mais antigo da PM por alguns anos. Reformei... e continuo sempre em atividade, porque eu acho que atividade é importante. Trabalhar é importante. Continuo na atividade e pretendo morrer trabalhando.</p>	<p>Vídeo 1: 0:25 / 1:43</p>
<p>Depois de se apresentar, a pesquisadora pede para que a participante se apresente</p>	<p>6. Ten Érika: Bom, meu nome é Érika, eu tenho 45 anos de idade... e eu servi ao Corpo de Bombeiros por 25 anos... e tem um ano e oito meses que eu já estou na reserva. Na reserva do Corpo de Bombeiros.</p>	<p>Vídeo 1: 0:17 / 0:33</p>